UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO

UNAERP

CURSO DE JORNALISMO

SUSANA KAREN DE OLIVEIRA SOARES

RELATÓRIO DO PRODUTO MIDIÁTICO DOCUMENTÁRIO: ROSAS E ESPINHOS

RIBEIRÃO PRETO

2019

SUSANA KAREN DE OLIVEIRA SOARES

RELATÓRIO DO PRODUTO MIDIÁTICO DOCUMENTÁRIO: ROSAS E ESPINHOS

Relatório do Produto Midiático apresentado à Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP, como requisito final do Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Jornalista.

Orientadora: Profª. Me. Flávia Cortese Martelli

RIBEIRÃO PRETO

2019

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de
Processamento Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

Soares, Susana Karen de Oliveira, 1997-
S676r Relatório do produto midiático documentário: Rosas e Espinhos / Susana Karen de Oliveira Soares. – Ribeirão Preto, 2019.
129 f.: il.: color.

Orientadora: Profª. Me. Flávia Cortese Martelli.

Monografia (graduação) - Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo. Ribeirão Preto, 2019.

1. Violência. 2. Violência contra a mulher. 3. Documentário. 4. Jornalismo. I. Título.

CDD 070

Dedico este trabalho à todas as mulheres que foram ou ainda são vítimas de violência.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à Deus, por estar sempre ao meu lado e permitir que conseguisse realizar esse projeto.

À minha mãe, Iraci, que esteve sempre ao meu lado durante esses quatro anos de faculdade e principalmente, quando contei que o tema do meu trabalho de conclusão de curso seria sobre mulheres vítimas de violência.

À tia Zilda, por sempre estar ao meu lado e ao de minha mãe. Mas, queria agradecê-la em especial, pelos últimos doze meses, em que passou por situações delicadas junto comigo, mesmo sem ter a obrigação de cumprir esse papel e além de tudo, em algumas ocasiões deixou de viver sua própria vida para poder me ajudar a vencer essa batalha. Esses agradecimentos não são nada perto do que fez por mim.

À minha orientadora, Flávia Cortese Martelli, por toda atenção e paciência, pois, quando a dúvida surgia era a ela que recorria e por mais que estivesse doente, ocupada ou com algum problema, sempre esteve disposta a ajudar mesmo que não fosse de imediato. Aliás, queria pedir desculpas pelas minhas mensagens por inbox fora do horário (logo pela manhã ou a partir das 23h), visto que, não precisava me responder, pois, não estava em horário escolar e por ser uma rede social particular, em que ali seu papel não deveria ser de professora/orientadora, mas ela permitiu que fosse. Então, não demorava muito e logo já tinha todas as minhas dúvidas esclarecidas e quase sempre no final falava “vai dar tudo certo”. Devo admitir que quando escutei ela falar essa frase, não dei a devida atenção, mas com o passar do tempo, percebi que fazia muito sentido, apesar do final parecer nunca chegar.

Ao Marcelo Guerreiro, por todo profissionalismo, competência, dicas e esclarecimentos. Sem a ajuda dele, provavelmente, não teria realizado esse projeto.

À minha professora de Trabalho de Conclusão de Curso, Daniela Pereira Tincani, pela atenção, paciência e por esclarecer todas as minhas dúvidas.

Por fim, não poderia deixar de agradecer as mulheres que se dispuseram a dar seus relatos, confiaram em mim, mesmo sem me conhecer e tornaram esse projeto possível.

RESUMO

O levantamento sobre violência contra a mulher, elaborado pelo jornal Folha de S. Paulo com 1,4 milhão de notificações recebidas de 2014 a 2018, baseado nos dados obtidos pelo Sinan (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), por meio da Lei de Acesso à Informação, apontou que, no Brasil, a cada quatro minutos, uma mulher é agredida por pelo menos um homem e sobrevive, segundo registros do Ministério da Saúde. Além disso, informou que em 2018, tiveram mais de 145 mil registros de casos de violência (física, sexual, psicológica e de outros tipos) e que as vítimas conseguiram sobreviver. Em 2015, o mapa da violência revelou que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é o 5° país que mais mata mulheres. Apoiado nos números de violência contra a mulher, o objetivo central do documentário Rosas e espinhos, foi dar voz às mulheres que foram vítimas de violência doméstica e familiar, ou tentativa de feminicídio, para identificar os motivos que fazem com que elas não denunciem ou demorem a denunciar seus agressores. Desta forma, os relatos reais podem servir de exemplo para outras mulheres que ainda sofrem com a violência e se mantém caladas. Além disso, este documentário servirá para conscientizar mais mulheres sobre o problema da violência.

Palavras-chave: Violência, Violência contra a mulher, Documentário, Jornalismo.

ABSTRACT

The survey on violence against women prepared by Folha de São Paulo with 1.4 million notifications received from 2014 to 2018, based on data obtained by Sinan (Notification of Disease Information System), through the Law on Access to Information, pointed out that, in Brazil, every four minutes, a woman is beaten by at least one man and survives, according to records of the Ministry of Health. In addition, she reported that in 2018, there were more than 145,000 cases of violence (physical, sexual, psychological and other) and that the victims managed to survive. In 2015, the map of violence revealed that, according to the World Health Organization (WHO), Brazil is the 5th country that kills most women. Based on the numbers of violence against women, the central objective of the documentary Rosas e thorns was to give voice to women who were victims of domestic and family violence, or attempted femicide, to identify the reasons why they do not report or delay to report their attackers. In this way, the actual accounts can serve as an example for other women still suffering from violence and keeping silent. In addition, this documentary will serve to make more women aware of the problem of violence.

Keywords: Violence, Violence against women, Documentary, Journalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8
CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DO DOCUMENTÁRIO 11
1.1 HISTÓRIA DO DOCUMENTÁRIO 11
1.2 O QUE É DOCUMENTÁRIO 11
1.3 DIFERENÇA ENTRE DOCUMENTÁRIO E FILMES DE FICÇÃO 14
1.4 TIPOS DE DOCUMENTÁRIO 14
CAPÍTULO 2 – A MULHER E A VIOLÊNCIA 17
2.1 DADOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER 17
2.2 DADOS DE FEMINICÍDIO 19
CAPÍTULO 3 – RELATO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO 21
3.1 O TEMA 21
3.2 A ESCOLHA DO NOME DO DOCUMENTÁRIO 22
3.3 A BUSCA PELAS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA 23
3.4 A FASE DAS ENTREVISTAS 24
3.5 PRODUÇÃO E EDIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO 27
3.6 DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTADAS E ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO 29
3.7 ROTEIRO FINAL DO DOCUMENTÁRIO 30
CONSIDERAÇÕES FINAIS 41
REFERÊNCIAS 43
APÊNDICES A 45
APÊNDICE B 46
ANEXOS 118

INTRODUÇÃO

Apesar da Lei Maria da Penha – sancionada em agosto de 2006 com o intuito de prevenir e coibir a violência doméstica e familiar – ter completado 12 anos, os dados de violência contra as mulheres são alarmantes. No G1, portal de notícias da Rede Globo, foi revelado que de acordo com o ligue 180, as denúncias de violência contra a mulher em 2018 aumentaram 30% no Brasil, nesse mesmo ano foram registradas mais de 92 mil denúncias de agressão na Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência. Além disso, segundo balanço do ligue 180, em dezembro de 2018, 391 mulheres foram vítimas de agressão por dia e foram registradas 974 tentativas de feminicídio, um aumento de 78% em relação ao mesmo período de 2017. O G1, divulgou ainda que o número de casos de feminicídio em 2018 cresceu 12% no Brasil em relação a 2017, inclusive, informaram que uma mulher é morta a cada duas horas no país. Em 2015, o mapa da violência revelou que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é o 5° país que mais mata mulheres.

Com base nos números de violência que cresce contra a mulher, este estudo buscou dar voz às mulheres que foram vítimas dessa violência por meio de um vídeo documental. Buscou-se ainda por meio deste trabalho identificar o motivo delas denunciaram ou deixaram de denunciar seus agressores, visto que, de acordo com a pesquisa "Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil – 2° Edição", realizada pelo Fórum de Segurança Pública e DATAFOLHA, no período de 04 a 05 de fevereiro de 2019, nos últimos 12 meses, 27,4% das mulheres brasileiras com aproximadamente 16 anos já sofreram algum tipo de violência. 21,8% foram vítimas de ofensa verbal (insulto, humilhação ou xingamento). 9% correspondem as que sofreram agressão física, sendo 356 a cada hora. 8,9% tinham sido tocadas ou agredidas fisicamente por motivos sexuais, isto é, nove por minuto. 3,9% foram vítimas de ameaças com faca ou arma de fogo e 3,6% foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento, ou seja, 3 por minuto. Além disso, o presente trabalho, também teve como objetivo analisar dados, informações, gráficos que abordem sobre as mulheres vítimas de agressão, para que assim possa ser identificada a realidade sobre a violência contra a mulher.

Sendo assim, na primeira fase da pesquisa foi utilizado o método de levantamento bibliográfico para primeiramente conhecer e contextualizar o que é documentário (DUARTE; BARROS, 2017). Ainda utilizando o método de levantamento bibliográfico aliado à pesquisa documental, foi realizada a busca por informações, pesquisas e números a respeito da violência contra mulher. A apuração foi realizada em livros, artigos, leis e portais de notícias.

Na segunda fase do trabalho, foram realizadas entrevistas em profundidade para obter relatos de mulheres que sofreram violência doméstica e familiar, ou tentativa de feminicídio. Esta é uma técnica clássica de obtenção de informações nas ciências sociais, um recurso metodológico que busca informações a partir do conhecimento e experiência de uma fonte. Com isso, para as entrevistas foram utilizadas perguntas do tipo aberta para que as mulheres tivessem a liberdade de relatar suas histórias de vida, suas emoções (DUARTE; BARROS, 2017). Um método muito utilizado em documentário. Por fim, aconteceu a edição e montagem do vídeo documental finalizando o projeto final de TCC para um produto midiático documentário.

Apesar de esse produto midiático não ter uma definição precisa, Nichols (2016) informa que ainda é comum retomar a versão de Grierson de que documentário é um tratamento criativo da realidade. Além disso, Nichols (2016) relata que o documentário está diretamente ligado ao mundo histórico, devido a captura de imagens e muitos dos sons que pertencem a esse universo do qual compartilhamos, mas não apresentam personagens e ações inventados para se referir a um determinado fato. Segundo Nichols, “uma maneira importante de os documentários fazerem isso é respeitando fatos conhecidos e fornecendo dados verificáveis.” (NICHOLS, 2016, p. 31).

Desta forma, a construção da narrativa por meio de relatos reais pode servir de exemplo para outras mulheres que ainda sofrem com a violência e se mantém caladas. Partimos do pressuposto que o documentário, fruto deste trabalho, servirá para conscientizar mais mulheres sobre o problema da violência.

Além das entrevistas com as mulheres que foram vítimas de agressão, pretende-se por meio do documentário fazer a divulgação de dados estatísticos da violência contra a mulher no Brasil e os meios de denúncia. E, assim, servir como mais um canal de divulgação de informação.

Portanto, para realização deste trabalho, foram desenvolvidos três capítulos. No primeiro capítulo, foi abordado o que é documentário e quais são suas técnicas para contextualizar e entender todo o processo de desenvolvimento, dando base à produção do produto midiático proposto. No segundo capítulo, foram revelados dados, pesquisas, dossiês de violência contra a mulher traçando um panorama dessa realidade e também o conhecimento de quais os mecanismos que ocasionam a violência. No terceiro e último capítulo, foi realizado um relato pessoal do desenvolvimento do projeto desde o surgimento da ideia do projeto, a busca por mulheres vítimas de violência para darem seus depoimentos

até a finalização do vídeo documental. Também foram descritas neste capítulo, todas as dificuldades, impasses encontrados ao longo da produção e também o aprendizado obtido.

Este trabalho tem como resultado, um conteúdo informativo de relevância, e juntamente com os depoimentos de mulheres, que já sofreram algum tipo de violência, concluiu-se um vídeo documental que poderá ser fruto de estudo para futuros trabalhos de pesquisa e também inspirador para outras mulheres que por ventura ainda sofrem caladas.

CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DO DOCUMENTÁRIO

1.1 HISTÓRIA DO DOCUMENTÁRIO

Segundo Nichols (2016), a verdade que a imagem fotográfica passa ao registrar um determinado acontecimento dá a ela o *status* de documento, "oferece uma comprovação visível do que a câmera viu" (NICHOLS, 2016, p. 134-135). Essa verdade pode ser observada nos filmes *A saída dos operários da fábrica Lumière*, *A chegada de um trem à estação*, *O regador regado* e *O almoço do bebê* de August e Louis Lumière, produzidos no final do século XIX, que são considerados por muitos como as primeiras obras que deram origem ao documentário.

> Os filmes dos Lumierè parecem registrar o cotidiano enquanto ele acontece. Filmados sem adorno nem rearranjo de montagem, revelam o reluzente mistério dos acontecimentos. Parecem reproduzir o acontecimento e preservar o mistério. Um quê de humildade ficava no ar. (NICHOLS, 2016, p. 135)

Ainda de acordo com o autor (2016), há um segundo mito de origem e envolve o cineasta, que ficava fascinado com a precisão da imagem, com a representação do que a câmera via e com os registros de imagens (NICHOLS, 2016). A "necessidade premente de explorar essa fonte de fascínio levou os primeiros cineastas a registrar diversos aspectos do mundo que os cercava" (NICHOLS, 2016, p. 135), pois, assim, poderiam apresentar esse produto para o público inúmeras vezes por meio de uma tira de filme. (NICHOLS, 2016).

Contudo, Nichols (2016) revela que *Nanook, o esquimó* de Roberty Flaherty, é que foi considerado como o primeiro documentário nos moldes que conhecemos hoje, devido a forma com que o Flaherty trabalhou a vida dos inuits[1] e também à "habilidade comercial com que John Grierson estabeleceu uma base institucional para o cinema documentário." (NICHOLS, 2016, p. 135-136).

1.2 O QUE É DOCUMENTÁRIO

---

[1] Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP): i·nu·í·te (inglês inuit)
adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros. 1. Que ou quem pertence aos inuítes, povo esquimó da região ártica que abrange o Alasca, a Groenlândia e parte do Canadá.
*substantivo masculino.*2. [Linguística] Língua falada por esse povo. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/inu%C3%ADte. Acesso em: 14 mai. 2019.

O documentário nunca teve uma definição concreta, então, em alguns casos tornou-se comum retomar a versão de definição de John Grierson proposta em 1930, que retrata o documentário como tratamento criativo da realidade (GRIERSON, 1966, apud NICHOLS, 2016, p. 30). De acordo com Nichols (2016), essa visão possibilitou que os documentários ficassem conhecidos como esforços criativos, porém, não conseguiu decifrar a tensão óbvia entre tratamento criativo e realidade.

> "Tratamento criativo" sugere a liberdade artística da ficção, ao passo que "realidade" nos lembra das responsabilidades do jornalista e do historiador. Que nenhum dos termos seja dominante e que o documentário equilibre a visão criativa com o respeito pelo mundo histórico, na verdade, identificam uma fonte da atração exercida pelo documentário. Nem invenção ficcional nem reprodução fatual, o documentário recorre à realidade histórica e a ela se refere ao representá-la de uma perspectiva diferente. (NICHOLS, 2016, p. 30)

Entretanto, Nichols (2016, p. 31) acredita que essa definição de documentário feita por Grierson, poderia ser modificada para "os documentários falam de situações ou acontecimentos reais e honram os fatos conhecidos; não introduzem fatos novos, não comparáveis. Falam sobre o mundo histórico diretamente, não alegoricamente". Além disso, observa-se que os documentários estão diretamente ligados ao mundo histórico, pelo fato das imagens e muitos dos sons exibidos serem fornecidos diretamente desse universo (NICHOLS, 2016). Aliás, há ainda a afirmação de que "documentários tratam de pessoas reais que não desempenham papéis. Em vez disso, elas "representam" ou apresentam a si mesmas". (NICHOLS, 2016, p. 31-32).

Apesar disso, com todos os conceitos produzidos para definir documentário, Lucena (2012) ainda concorda com o de Grierson (1971, apud LUCENA, 2012), visto que:

> No documentário contemporâneo, esse tratamento criativo da realidade muitas vezes tem sido condição de produção, principalmente entre cineastas que vêm da área da ficção e adotam uma linguagem documental mais subjetiva em seus filmes, recriando situações para complementar a ideia que pretendem apresentar [...]. (LUCENA, 2012, p. 12)

No entanto, Silvio Da-Rin (2006, apud LUCENA, 2012) acredita que a definição de documentário feita por Grierson (1971, apud LUCENA, 2012) é vaga.

> É muito difícil estabelecer uma definição teórica para o documentário, existindo várias formas de caracterizá-lo: um filme sem atores, uma cópia da vida real etc. Para alguns, é o filme que aborda a realidade; para outros, é o que lida com a verdade; há ainda aqueles que o definem com base na filmagem em locações autênticas. (DA-RIN, 2006, apud LUCENA, 2012, p. 14)

Para Da-Rin (2006, apud LUCENA, 2012, p. 14) todas essas definições "independentemente de serem ou não apropriadas, são simplistas e, por isso, insuficientes para qualificar certos filmes, que vêm sucessivamente negando esses conceitos fechados. "

Todavia, documentário é para Fernão Pessoa Ramos (2008, p. 22, apud LUCENA, 2012, p. 16) "uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música, e fala [...], para as quais olhamos [...] em busca de *asserções* sobre o mundo [...]", ou seja, sendo que essa narrativa é construída com imagens feitas por equipamentos tecnológicos adequados, pois, dessa forma, conseguimos demonstrar a forma como vemos o mundo, pessoas, coisas.

Apesar de Lucena (2012) apresentar conceitos de documentário a partir de diferentes pontos de vista, o autor também criou sua própria definição.

> O documentário, diferentemente da ficção, é a edição (ou não) de um conteúdo audiovisual captado por dispositivos variados e distintos (câmera, filmadora, celular), que reflete a perspectiva pessoal do realizador – ou seja, nem tudo é verdade no documentário –, envolvendo informações colhidas no mundo histórico, ambientações quase sempre realistas e personagens na maioria das vezes autodeterminantes (que falam de si ou desse mundo), roteiro final definido e não necessariamente com fins comerciais, com o objetivo de atrair nossa atenção. Uma definição longa mas completa, ou ao menos uma tentativa de definição. (LUCENA, 2012, p. 16)

Bezerra (2014, p. 30) concorda com Lucena (2012) quando afirma que o documentário tem a habilidade de transmitir a ideia de verdade e dar significado à realidade. "A imagem documental pode ser usada como instrumento supostamente neutro de representação ou como ferramenta de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real."

No entanto, de acordo com Penafria (2001, p. 6-7), o documentário é uma obra pessoal, pois, é por meio dele que o documentarista vê a necessidade "em expressar algo, em dizer algo sobre determinado assunto", a autora revela ainda que isso não é egoísmo ou narcisismo.

> Documentaristas que fazem filmes pessoais, ou seja, sobre eles próprios, sobre temas que a eles lhe interessam ou sobre temas sobre os quais lhes interessa apresentar a sua visão, estão, obviamente, a apresentar a sua visão pessoal. Antes de mais, estão a contribuir para o desenvolvimento do género. Cada filme contribui para o cumprimento de uma das principais funções do documentarismo: promover a discussão sobre o nosso próprio mundo; confrontarmo-nos ou distanciarmo-nos de nós próprios. Estão, também, a incentivar o diálogo sobre diferentes experiências, sentidas com maior ou menor intensidade. (PENAFRIA, 2001, p. 6 - 7)

Mas, conforme HAMPE (1997, p. 9) o que faz um documentário são as imagens, por mais que às vezes seja mais fácil de entender as palavras do que imagens em sequência. Além disso, relata que “as imagens devem falar por si só, o tanto quanto possível”.

1.3 DIFERENÇA ENTRE DOCUMENTÁRIO E FILMES DE FICÇÃO

Os filmes de ficção “dão a impressão de que olhamos para dentro de um mundo particular ou incomum de um ponto de vista externo, de nossa posição vantajosa no mundo histórico.” (NICHOLS, 2016, p. 134-135). Enquanto, as imagens do documentário nos dão a sensação de que a partir do nosso mundo, olhamos para algo que está fora dele, passamos a ver outras partes que pertencem a esse mesmo mundo. (NICHOLS, 2016).

Entretanto, Lucena (2012), diferencia filme de ficção e documentário da seguinte forma:

> O filme de ficção, por sua vez, tem sua construção condicionada a um roteiro predeterminado, cuja base é composta de personagens ficcionais ou reais, os quais são interpretados por atores. Esses papéis são especificados nos scripts, que normalmente recorrem a fórmulas consagradas, tendo como principal objetivo o entretenimento do espectador. Já o documentário, realizado com “sujeitos” do mundo real, procura informar o espectador, sem se preocupar com o entretenimento (LUCENA, 2012, p. 11).

O autor (2012) ainda afirma que uma das marcas do filme de ficção é o *happy end*, enquanto no documentário é a mensagem aberta. Além disso, revela que:

> A ficção nos faz relacionar o que ouvimos com um mundo imaginário, mas em geral conhecido. O documentário fala de forma direta, nos faz prestar atenção, trata quase sempre do mundo real, nos obriga a tomar posições. O ritmo é ditado pela fala, a câmera se localiza em um tempo/espaço específico (LUCENA, 2012, p. 14).

Enquanto, Bezerra (2014), observa que tudo que há em uma estética documental pode ser simulada em um filme de ficção, pois a imagem em sua natureza é considerada falsa.

1.4 TIPOS DE DOCUMENTÁRIO

Nichols (2016) identificou seis modelos de documentário: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

O modo poético (anos 20), segundo Nichols (2016, p. 170) deixa de produzir montagem em continuidade, dessa forma, não trabalha com a localização específica no tempo

e no espaço. “Esse modo explora associações e padrões que envolvem ritmos temporais e justaposições espaciais. Os atores sociais raramente assumem a forma vigorosa de personagens com complexidade psicológica e visão específica do mundo. ”

Enquanto o modo expositivo (anos 20), tem o objetivo de unir elementos do mundo histórico de forma retórica. (NICHOLS, 2016).

> Os documentários expositivos são extremamente dependentes de uma lógica informativa transmitida verbalmente. Numa inversão da ênfase habitual no cinema, as imagens desempenham papel secundário. Elas ilustram, esclarecem, evocam ou contrapõem o que é dito. O comentário é geralmente apresentado como distinto das imagens do mundo histórico que o acompanham. Ele serve para organizar essas imagens e dar sentido a elas, de maneira semelhante a uma legenda escrita por uma imagem fixa (NICHOLS, 2016, p. 176).

Já no modo observativo (anos 60) a intenção é filmar sem interferir nos acontecimentos.

> Os filmes observativos mostram uma força especial para dar ideia da duração de acontecimentos reais. Eles quebram o ritmo dramático dos filmes de ficção convencionais e da montagem, às vezes apressada, das imagens que sustentam os documentários expositivos ou poéticos. [...] (NICHOLS, 2016, p. 184).

No modo participativo (anos 60), nota-se a presença do cineasta, que já não precisa mais se esconder e pode interagir com seus personagens (NICHOLS, 2016).

> As questões transformam-se em entrevistas ou conversas; o envolvimento transforma-se em um padrão de colaboração ou confronto. O que acontece diante da câmera torna-se um índice da natureza da interação de cineasta e personagem (NICHOLS, 2016, p. 188).

Em relação ao modo reflexivo (anos 80), seu propósito é despertar a consciência do espectador em relação ao assunto abordado no documentário.

> O documentário reflexivo tenta reajustar as suposições e expectativas de seu público mais do que acrescentar conhecimento novo a categorias existentes. Esses filmes parecem dizer: “Vamos refletir sobre *como* aquilo que você vê e ouve faz crer numa determinada visão do mundo” (NICHOLS, 2016, p. 205).

Enquanto, o modo performático (anos 80) tenta estimular as emoções do público e fazer com que ele se engaje na história.

> [...] Os documentários performáticos trazem a intensidade emocional da experiência e do conhecimento expressos para o primeiro plano, em vez de tentar fazer algo tangível. Quando tentam fazer alguma coisa, é para nos

> ajudar a sentir como seria determinada situação ou experiência. Querem que sintamos num nível visceral mais do compreendamos num nível conceitual. Os documentários performáticos intensificam o desejo retórico de ser convincente e o vinculam mais a um objetivo afetivo do que persuasivo – fazer com que sintamos ou experimentemos o mundo de uma maneira específica e tão intensamente quanto possível (NICHOLS, 2016, p. 209 - 210).

Sendo assim, ao compreender todos os modos de documentário, segundo a classificação feita por Nichols (2016), foi decidido por esta pesquisadora que para produção do produto midiático documentário, que trará o relato de mulheres vítimas de violência doméstica e familiar, ou tentativa de feminicídio, será trabalhado o modo reflexivo, com o intuito de manter o público informado e fazer com que ele se questione e crie sua própria consciência a respeito do tema. O documentário também terá característica dos modos observativo e expositivo.

CAPÍTULO 2 – A MULHER E A VIOLÊNCIA

2.1 DADOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER

A lei 11.340/06, reconhecida como Lei Maria da Penha "cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher [...]" (BRASIL, 2006, p. 1). Além disso, a lei dá assistência e proteção às mulheres vítimas de violência doméstica e familiar. Aliás, o artigo 2º da lei descreve que:

> Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social (BRASIL, 2006, p. 1).

No artigo 5º da lei 11.340/06, configura-se como violência doméstica e familiar contra a mulher "qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial [...]" (BRASIL, 2006, p. 1). Contudo, Guilherme de Souza Nucci (2014, apud ALFERES; GIMENES; ALFERES, 2016), observa a falta de clareza do termo violência doméstica e familiar:

> Há casos em que a violência contra a mulher ocorre no cenário das relações domésticas, sem contexto familiar, bem como há situações em que se dá no contexto familiar, mas não em relações domésticas. Dever-se-ia considerar, portanto, a alternatividade, mencionando-se violência doméstica ***ou*** familiar (NUCCI, 2014, p. 1.040, apud ALFERES; GIMENES; ALFERES, 2016, p. 16).

O artigo 7º da lei, define como violência doméstica e familiar contra a mulher:

> I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;
> II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; (Redação dada pela Lei nº 13.772, de 2018)
> III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante

> intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;
> IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;
> V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. (BRASIL, 2006, p. 2)

Segundo análise feita pela Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara dos Deputados com base no banco de dados fornecido pela Linear Clipping e pela Associação de Educação do Homem de Amanhã de Brasília (HABRA) por meio do "Mapa da violência contra a mulher 2018", entre janeiro e novembro de 2018, foram noticiados na imprensa brasileira "14.796 casos de violência doméstica em todas as unidades federativas" (COMISSÃO DE DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER, 2019, p. 25). Em relação aos agressores, 58% são namorados, ex ou esposos; e 42% são pais, avôs, tios e padrastos. Ainda de acordo com o mesmo estudo, 83,7% das vítimas de violência doméstica têm entre 18 e 59 anos, porém, a margem que mais se concentram vítimas é entre 24 e 36 anos. Já as vítimas de agressão com menos de 18 anos correspondem a aproximadamente 1,4% e com mais de 60 anos, é de 15%.

Além disso, o levantamento feito pelo Fórum de Segurança Pública e DATAFOLHA, no período de 04 a 05 de fevereiro de 2019, denominado "Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil – 2° Edição", revela que as maiores vítimas de violência são as mulheres pretas (28,4%), enquanto, as mulheres brancas e pardas, correspondem a 24,7% e 27,5%, respectivamente. Contudo, quando essas mulheres são questionadas sobre o que fizeram após sofrer a violência, a pesquisa revela que: apenas 10,3% procuraram a delegacia da mulher; 8% foram até a delegacia comum; 5,5% ligaram para o 190; 15% diz que procuraram ajuda da família e 52% não fizeram nada, este resultado corresponde ao mesmo da pesquisa de 2016.

Entretanto, os dados divulgados pelo Departamento de Pesquisas Judiciárias do Conselho Nacional de Justiça (DPJ/CNJ, 2019) apresentaram crescimento em relação aos processos de violência contra a mulher em 2018, sendo que, em 2016, havia aproximadamente 892 mil ações em tramitação na Justiça e, após dois anos, houve um acrescimento de 13%, com isso, o número de casos ultrapassou de um milhão.

2.2 DADOS DE FEMINICÍDIO

A lei 13.104/15, conhecida como lei do Feminicídio, declara como feminicídio a violência "[...]contra a mulher por razões da condição de sexo feminino" (BRASIL, 2015, p. 1) e em outro trecho esclarece que essas razões da condição de sexo feminino acontecem quando o crime envolver: "I – violência doméstica e familiar; II – menosprezo ou discriminação à condição de mulher" (BRASIL, 2015, p. 1), sendo classificado como homicídio simples[2] ou homicídio qualificado[3].

Contudo, Xavier (2019) observa que nem todos os homicídios praticados contra a mulher podem ser considerados como feminicídio, pois,

> Deve sempre analisar os requisitos apontados em face ao caso concreto, e, havendo a ausência de um dos requisitos, impossível a incidência da qualificadora (CARAMIGO, 2016, p. 15-16, apud XAVIER, 2019, p. 17).

Segundo pesquisa divulgada no dia 08 de março de 2019 (Dia Internacional da Mulher), pela Monitor da Violência, parceria feita pelo G1 com o Núcleo de Estudos da Violência da USP e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2018, o Brasil teve 4.254 homicídios dolosos de mulheres, houve uma redução de 6,7% em comparação à 2017. Contudo, desses casos, 1.173 envolvem feminicídio, sendo que em 2017 eram 1.047 (aumento de 12%). Além disso, o Acre tem a maior taxa de feminicídios, sendo 3,2 a cada 100 mil mulheres, enquanto, o Amazonas tem a menor taxa, sendo 0,2 a cada 100 mil mulheres. O estudo ainda revelou que um dos principais motivos desses assassinatos é a separação.

Aliás, o Departamento de Pesquisas Judiciárias do Conselho Nacional de Justiça (DPJ/CNJ, 2019) também informou que houve aumento de 34% no número de casos de feminicídio no Poder Judiciário, visto que em 2016 tinham cerca de 3.339 casos e em 2018, foi para 4.461.

---

[2] Art. 121. Matar alguém. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso em: 12 jun. 2019.

[3] § 2° Se o homicídio é cometido:
I - mediante paga ou promessa de recompensa, ou por outro motivo torpe;
II - por motivo fútil;
III - com emprego de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel, ou de que possa resultar perigo comum;
IV - à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido;
V - para assegurar a execução, a ocultação, a impunidade ou vantagem de outro crime. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso em: 12 jun. 2019.

Ademais, de acordo com o levantamento feito pelo professor Jefferson Nascimento, doutor em Direito Internacional pela Universidade de São Paulo (USP), com base no noticiário nacional, apenas nos quatro meses de 2019 (atualizado até 28 de abril) aconteceram 373 casos de feminicídio e 238 tentativas.

CAPÍTULO 3 – RELATO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

3.1 O TEMA

Lembro-me que há aproximadamente uns dois anos comecei a pensar sobre o que poderia abordar no meu trabalho de conclusão de curso, mas, nada do que pensava me atraia totalmente. Então, conforme as ideias surgiam optei por não descarta-las e comecei a deixá-las registradas no rascunho do meu e-mail, pois, se acaso chegasse o momento da decisão sobre o tema do meu trabalho de conclusão de curso e eu ainda não tivesse certeza sobre o que iria falar, poderia recorrer a uma das opções que tinha anotado.

Então, foi a partir dessas anotações que em 2018 decidi que o tema do meu projeto seria violência contra a mulher em forma de documentário, porém, no meio do caminho apareceram alguns obstáculos, pois, percebi que produzir um documentário exigia um certo conhecimento de câmera, luz, iluminação, edição e que não era apenas encontrar as personagens, entrevistá-las e logo em sequência tudo estaria pronto. Sendo assim, desisti da ideia, pois, acreditei que não conseguiria fazer o documentário e optei por fazer uma monografia que iria retratar o jornalismo público na televisão, visto que para mim seria mais fácil, pois, não dominava edição de vídeo e nem entendia muito sobre filmagens.

Contudo, no final de 2018, teve um certo dia que conversei com a Ananda Revece, que fazia estágio junto comigo no Migalhas, cursava Jornalismo na UNAERP, estava no seu último ano e então, perguntei qual era o tema do projeto dela, e ela disse que era um documentário sobre catadores de lixo. De início fiquei surpresa, pois achei muita coragem da parte dela, visto que, assim como eu, ela também não entendia sobre edição de vídeo e nem sobre filmagens. Devido a isso, a questionei como conseguia fazer tudo sem ter nenhum desses domínios e então, ela me disse que tinha um amigo que a ajudava. Fiquei mais surpresa ainda com essa possibilidade de poder receber ajuda, então, foi a partir desse momento que já comecei a pensar que talvez iria desistir da monografia. Esperei acabar 2018 e minhas dúvidas surgiram, “monografia ou documentário?”, “violência contra a mulher ou jornalismo público na televisão?”. Comecei a conversar com Deus, pedi um sinal ou qualquer coisa que me fizesse entender qual seria o tema que deveria escolher, porque sozinha não conseguia.

Sendo assim, logo no início de 2019, tudo que via nas redes sociais, televisão, noticiários falava sobre violência contra a mulher, mas, mesmo assim não acreditava muito nesses sinais, tinha minhas dúvidas. Entretanto, teve um certo dia, não me lembro bem o motivo que decidi abrir a caixa de rascunhos do meu e-mail, a mesma que citei anteriormente

e abri justamente a pasta em que estavam todos os possíveis temas do meu trabalho de conclusão de curso e o tema número um, era “violência contra a mulher”, a partir desse momento não tive mais dúvidas, aquele era o tema que deveria abordar.

3.2 A ESCOLHA DO NOME DO DOCUMENTÁRIO

No dia 08 de março de 2019, lembro-me de ver muitas notícias, dados sobre a violência contra a mulher nas redes sociais, mas, a imagem abaixo em especial me chamou a atenção.

Figura 1 – 08 de março (dia internacional da mulher)

Fonte: Lasha Schrute Milorava / Projeto: Takaka Abramia

Assim que terminei de ler o que estava escrito[4] na imagem, vi que uma rosa poderia ter muitos significados na vida da mulher e assim, pensei que o nome do documentário

[4] Tradução (figura 1): “8 de março. Outros dias. DATAS NÃO MUDAM FATOS / 1 em cada 7 mulheres na Geórgia é vítima de abuso doméstico.”

poderia ser “Rosas e espinhos”, pelo fato da maior parte da sociedade admirar apenas a beleza, o perfume das rosas e esquecer dos seus espinhos, e isso é o que acontece com a maior parte das mulheres vítimas de violência, pois os indivíduos admiram-nas, mas não veem ou fingem não ver os espinhos, as feridas que carregam, pois têm medo de se envolverem na história.

3.3 A BUSCA PELAS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Em abril de 2019 decidi que já deveria procurar pelas minhas fontes para não deixar para última hora, sendo assim, como faço parte de um grupo no Facebook denominado “Clube das Borboletas”, em que os membros são apenas mulheres, acreditei que ali seria o local ideal para tentar encontrar as mulheres que foram vítimas de violência, consequentemente, publiquei que precisava de mulheres que passaram por essa situação, mas que morassem em Ribeirão Preto, pois, era para um trabalho da faculdade e informei que caso tivesse alguma mulher disposta a me ajudar, mas que não quisesse se identificar no grupo, poderia me chamar no privado.

A partir dessa publicação, três mulheres me chamaram no privado e para todas expliquei que era aluna de Jornalismo da UNAERP, que estava fazendo meu trabalho de conclusão de curso sobre mulheres que foram vítimas de violência e que seria um documentário em que as mulheres que passaram por essa situação iam dar os seus relatos e se acaso aceitasse participar, mas não quisesse se identificar, havia técnicas para isso e na sequência perguntava “você aceita participar?”. A primeira, perguntou o que precisava, expliquei, mas ela visualizou e não me respondeu. A segunda, quando me chamou já relatou sua história antes mesmo de saber sobre o que era o trabalho, porém, quando informei do que se tratava, ela também visualizou e não me respondeu. A terceira, me chamou e disse “gostaria muito de dividir com vc minha história”, expliquei sobre o que era o trabalho, ela logo aceitou, contou um pouco sobre sua história, informou que não queria se identificar, disse para ela que tudo bem e que faria as filmagens em julho, e ela concordou.

Contudo, depois dessas mulheres que me chamaram no privado, a Elza apareceu, mas no comentário da publicação mesmo e informou que tinha sido vítima de violência. Logo após, chamei-a no privado, expliquei sobre o trabalho e ela bem direta disse que não tinha problema de dar seu relato e não se importava em mostrar o rosto, visto que a agressora não era ela. Então, combinei com ela de gravar em julho também.

Portanto, tinha conseguido duas mulheres, mas precisava de mais uma. Comecei a perguntar para colegas, professores se conheciam alguém que tivesse passado por essa situação, a maioria disse que não e os que conheciam, informaram que essas mulheres não dariam o relato, mas tentavam me ajudar com indicações de possíveis indivíduos que poderiam me ajudar, cheguei a procurá-los, mas de alguns não obtive respostas e outros falavam que não conseguiriam me ajudar.

Após algumas tentativas, lembrei da Roberta, funcionária que também trabalhava comigo no Migalhas e que em uma conversa nossa no final de 2018 sobre o feminicídio, comentei sobre a minha ideia do trabalho de conclusão de curso e ela disse que tinha sido vítima de violência psicológica, então, se acaso precisasse de ajuda, poderia procurá-la, foi o que fiz. Expliquei novamente sobre o trabalho e ela disse que aceitaria dar seu depoimento e que não se importaria de mostrar o rosto, com isso, também combinei de gravar com ela em julho.

Apesar de ter conseguido as três mulheres que precisava, antes de dar início as gravações, fui à uma palestra na UNAERP em que o tema era justamente violência contra a mulher e uma das palestrantes falou “fui vítima de violência”, logo em sequência já pensei que gostaria de ter o relato dela no documentário, não apenas pelo fato dela ter passado por essa situação, mas também por ser uma mulher negra, visto que, pesquisas revelam que são as que mais sofrem com a violência. Sendo assim, procurei pela minha orientadora para saber qual era sua opinião e ela disse para eu tentar. Conversei com essa mulher no dia da palestra mesmo, ela disse que aceitaria participar do documentário, peguei o contato dela, começamos a conversar e ela disse que julho seria melhor para entrevistá-la.

Finalmente tinha conseguido todas as mulheres que precisava e era só esperar julho para começar as gravações.

3.4 A FASE DAS ENTREVISTAS

Julho chegou e era o mês que tinha combinado de entrevistar as mulheres. Marquei a primeira entrevista com a Elza, mas, um dia antes precisei desmarcar, porque o Marcelo, que ia me ajudar nas filmagens e edição do documentário teve um imprevisto, então, tive que remarcar.

Devido a isso, a primeira mulher que consegui entrevistar foi a palestrante que conheci na UNAERP. Assim que ela chegou no local da gravação, disse que estava um pouco nervosa e como eu também estava nervosa, já que era a minha primeira entrevista, o Marcelo me

orientou a conversarmos antes da entrevista, para que ela e eu ficássemos mais tranquilas e consequentemente, uma já ia conhecendo um pouco a outra, assim eu fiz com ela e com todas as outras entrevistadas, e deu certo. Quando terminamos de gravar ela disse que não imaginou que seria uma entrevista profunda como foi, mas que gostou, sentiu como se tivesse em uma sessão de terapia e que consegui deixá-la à vontade, ouvir isso dela foi gratificante. Além disso, gostei demais da experiência com a primeira entrevistada, foi a primeira vez que senti de verdade que era para isso que tinha feito jornalismo.

O mês de julho foi embora e consegui entrevistar apenas uma mulher, visto que, essa entrevista foi praticamente no último dia do mês. Consequentemente, precisava terminar as outras entrevistas no mês de agosto, pois tinha prazo para mostrar a minha orientadora o que tinha conseguido produzir para o documentário. Então, a segunda entrevistada foi a Elza, muito receptiva e atenciosa, conversamos um pouco antes de começar a gravação, mas um tempo depois ela me perguntou "será que ele vai ver esse vídeo?", disse que não sabia, mas se acaso preferisse poderíamos fazer a entrevista sem mostrar o rosto e a resposta dela foi mais ou menos assim "ahhh eu vou mostrar meu rosto sim, se ele ver o vídeo problema dele, o agressor foi ele e não eu". Com isso, fizemos a entrevista, mas, a história dela ficou um pouco confusa, pois, ela mesmo afirmou que como fazia muitos anos que tinha passado por essa situação, não conseguia lembrar claramente de tudo que viveu.

A terceira entrevistada foi a Roberta, é até interessante de falar, pois, assim como a Elza, ela optou por mostrar o rosto, mas, no dia da entrevista ela me fez a mesma pergunta da Elza, "será que ele vai ver esse vídeo?" e a minha resposta foi a mesma que dei a Elza. Entretanto, ela também falou que ia mostrar o rosto sim e fizemos a entrevista.

A quarta entrevistada foi a que me chamou no privado no Facebook e informou que gostaria de compartilhar a história dela comigo, mas sem se identificar. Após três meses da nossa primeira conversa, tentei entrar em contato com ela pelo Facebook e WhatsApp, mas ela não respondeu, imaginei que ela talvez quisesse desistir, mas não queria acreditar nisso. Tentei ligar um final de semana para ela, pois, quando conversamos, disse-me que de final de semana era mais tranquilo, contudo, não me atendeu e logo em seguida, me mandou mensagem no WhatsApp, informou que estava em viagem e que retornaria o contato comigo na próxima semana.

Chegou a próxima semana e recebi uma mensagem dela dizendo que não poderia me dar a entrevista no dia que tinha proposto, mas que se quisesse remarcar para ela tudo bem. Dessa forma, marquei uma nova data e alguns dias depois, ela me manda uma mensagem e informa que também não ia poder dar a entrevista no dia combinado, pediu desculpas e

novamente falou de remarcar. Minhas esperanças de entrevistá-la já tinham praticamente acabado e minha orientadora já tinha me avisado que três mulheres eram suficientes e que não precisava dela, mas, eu queria entrevistá-la, até porque, a história de vida dela era muito forte.

Após alguns dias, conversei com o Marcelo e tinha combinado com ele que iria tentar mais uma vez remarcar a entrevista, só que nessa conversa, ele me deu a ideia de mandar uma foto para ela de como tínhamos feito para entrevistar a outra mulher que também não quis se identificar, para que pudesse ver que não dava para ver quem era a mulher entrevistada e assim eu fiz. Na sequência, ela me perguntou quem iria participar, de início, a ideia era que fosse eu, o Marcelo e mais uma amiga para fazer a câmera móvel, então, foi essa informação que lhe dei. Com isso, ela me pediu para entrar em contato depois de 15 dias, pois, estava com problemas pessoais.

Em 15 dias entrei em contato com ela novamente e prometi para mim que aquela seria a minha última tentativa. Combinamos a data, ela concordou, mas surgiu um imprevisto e o Marcelo não poderia no dia, dessa vez fui eu quem tive que desmarcar. Sendo assim, perguntei se poderia ser em uma outra data e ela disse que sim, mas novamente me perguntou quem iria participar e onde seria a entrevista, dessa vez, informei que seria apenas eu e o Marcelo, pois minha amiga não iria poder participar e que o local de gravação seria em uma sala da UNAERP, então, ela concordou e disse que até preferia, pois, se sentiria mais à vontade.

Chegou a dia da entrevista, mas não conseguia acreditar que era real, pois, após tantas tentativas fracassadas, ela poderia desmarcar novamente. Mas, isso não aconteceu e ela deu seu depoimento. Quando terminamos a entrevista, saímos da sala, acompanhei ela até a saída da UNAERP e começamos a conversar, então, disse-me que tinha sido boa nossa conversa, pois, era como se ela liberasse a energia negativa que havia dentro dela. Essas revelações dela para mim não têm preço, fiquei feliz em saber que consegui ajudá-la mesmo que de uma forma simples. Além disso, um dia após a entrevista ela me surpreendeu ao me mandar uma mensagem em que perguntava se poderia mandar fotos da entrevista para que pudesse mostrar aos seus filhos, mandei as fotos e ela ficou agradecida, tive a sensação de que tinha gostado da experiência.

Outro detalhe interessante, foi que, ao término de cada depoimento eu sempre dava de presente para elas a rosa que tinha sido usada durante a gravação e todas se surpreendiam com o gesto. A Elza até tentou plantar a rosa para ver se sobreviveria, mas até quando conversei com ela não tinha dado muito certo. Além disso, a mulher que conheci na palestra informou

que mesmo se a rosa morresse ia tentar guardar uma pétala dela como lembrança daquele dia, porque sempre faz isso com momentos que considera especiais.

3.5 PRODUÇÃO E EDIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

Concluídas as entrevistas, eu e o Marcelo fomos fazer a captação de imagens. Entre as imagens que escolhi, as que considerava como principais, era a do abajur e a outra, de uma mulher grávida.

A imagem do abajur acreditei que seria interessante colocá-la no documentário, pois, a mãe da Roberta explicou para filha que via a situação dela da seguinte forma: a filha era como um abajur que irradiava luz e iluminava os ambientes em que estava, porém, o namorado dela era a toalha que cobria esse abajur. Então, fazer essa encenação se tornou importante, pois, se alguma mulher que passa por situação de violência assistir o documentário e ver essa cena, creio que causará mais impacto do que a Roberta simplesmente contar o que sua mãe lhe falou.

Figura 2 – Abajur aceso

Fonte: Marcelo Guerreiro

Figura 3 – Toalha cobriu o abajur

Fonte: Marcelo Guerreiro

Em relação as imagens que escolhi para colocar no documentário, na maioria não tivemos dificuldades em filmá-las, porém, a da mulher grávida, foi a mais complicada. Quando conseguíamos encontrar uma grávida na rua, ou ela estava muito perto de nós e alguém sempre entrava na frente da câmera, ou ela estava distante e quando começávamos a gravar, ela entrava em uma loja. Entretanto, conseguimos encontrar uma bem distante de nós e que estava vindo na nossa direção, só que tivemos que correr um pouco para capturar essa imagem, pois, queríamos pegar a barriga dela de frente.

Figura 4 – Mulher grávida

Fonte: Marcelo Guerreiro

Após a captação de imagens e a decupagem das sonoras, a parte mais complicada foi montar o roteiro, pois, o documentário pode ter no máximo 15 minutos e quase todas as falas das personagens considerava importantes e queria colocar na íntegra. Consequentemente, passei do limite e o tempo se tornou, com toda certeza, meu pior inimigo. Na edição e montagem do documentário, tive que excluir muitas histórias que havia selecionado e essa é a

parte mais chata, porque tudo aquilo que tinha colocado era importante e não deveria ser retirado, mas é preciso entender que isso faz parte do processo.

Entretanto, quando vi aquele projeto que sonhei durante longos meses nascendo, só consegui pensar que todo esforço tinha valido a pena e só desejei que ele chegasse até os olhos e ouvidos de quem precisasse de ajuda, pois, durante essa fase pude entender o quão difícil é para uma mulher vítima de violência conseguir se libertar da situação em que vive.

3.6 DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTADAS E ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

O documentário tem 14 minutos e 44 segundos e foi construído a partir da narrativa de cada personagem:

- Elza Alves de Lima: Vítima de violência física, ficou casada durante 18 anos e teve 7 filhos com ex-agressor. Além disso, Elza fez a denúncia, mas não obteve sucesso, pois, segundo ela, o caso foi arquivado e também ouviu de um juiz do Fórum de Ribeirão Preto que pela demora da denúncia talvez a situação não fosse tão grave.

- Depoimento 1: Conheceu seu ex-agressor com 13 anos, ficou casada durante 21 anos e teve 3 filhos com ele. Foi vítima dos cinco tipos de violência doméstica e familiar, de acordo com a Lei Maria da Penha e também de tentativa de feminicídio, porém, na época em que o fato ocorreu, a Lei do Feminicídio ainda não existia. Além disso, a personagem conta que foi com a ajuda de um professor de história do seu segundo filho e com uma professora de psicologia da faculdade que conseguiu se fortalecer e ter forças para se defender do agressor. Atualmente, a mulher tem medida protetiva e seu ex-agressor está solto. No documentário, não foi identificado o rosto dessa mulher e nem o nome do agressor.

- Depoimento 2: Foi vítima de violência psicológica do namorado, com quem conviveu durante sete anos e nunca denunciou. Contudo, seis meses após o término do relacionamento se encontraram em um evento e ela foi vítima de violência física. O ex-namorado chamou-a para conversar, ficou irritado, começou a torcer seu braço e deixou-a com hematoma. Após esse acontecimento que a mulher entrou com medida protetiva. Nesse depoimento, também não foi identificado o rosto dessa mulher e nem o nome do agressor.

- Roberta Saltori: Foi vítima de violência psicológica do ex-namorado. Roberta namorou por três anos, mas disse que ele a tratava com desdém, queria controlar cada passo que ela dava, era muito ciumento e questionava até a fidelidade da namorada pelo fato dela estar feliz. A vítima decidiu se separar dele, porque não se sentia mais feliz, porém, foi tanta humilhação durante o período do relacionamento que a fez acreditar que ninguém mais ia

amá-la e passou a duvidar de si mesma. Inclusive, Roberta revelou que passou a frequentar a terapia e que foi a partir disso que começou a se redescobrir, mas que mesmo após o término do namoro, o ex-namorado ficou cerca de dois anos em busca de qualquer forma de contato, com a intenção de voltar o namoro e passou até a sondá-la no trabalho e na frente de sua casa. Roberta não o denunciou, mas relata que tinha tanto medo dele que deixou de sair com o próprio carro, para ele não a reconhecer e deixou também de frequentar lugares que sabia que poderia encontrá-lo.

3.7 ROTEIRO FINAL DO DOCUMENTÁRIO

Documentário: Rosas e espinhos	
Documentarista: Susana Karen	
Sinopse: Quatro mulheres, quatro histórias de violência. Por medo ou por amor elas se calaram. Não conseguiam enxergar com os próprios olhos a violência que sofriam. “Rosas e espinhos” é um documentário que busca dar voz as mulheres que foram vítimas de violência, e que hoje, mesmo após denunciarem seus agressores, ainda não conseguem ter uma vida normal, pois, o medo ainda as persegue.	
VÍDEO	**ÁUDIO**
Mulher faz carinho na rosa e passa a rosa pelo seu rosto; Mulher segura a rosa perto do peito; Mulher cheira a rosa.	**00:11** Quando eu me apaixonei por ele, ele era um cavaleiro, educado, me respeitava muito, me tratava muito bem, tratava bem minha família, meus amigos. Trilha Sonora (Dreams - Firefl!es Sleep)
Imagem em desfoque das árvores; Calçada com água da chuva e uma planta do lado; Rosa em foco e rosto da mulher em desfoque. Foco na mão da mulher mexendo perto da planta.	**00:21** Onde eu trabalhava eu conheci ele, nós começamos a nos relacionar. Ele era muito simpático né, muito sorridente, muito alto astral. Trilha Sonora (Dreams - Firefl!es Sleep)
Mulher segura a rosa perto do peito;	**00:33** Ele era muito carinhoso, muito

Detalhes da rosa na mão da mulher; Rosto da mulher de frente, mas sem identificar; Mãos da mulher.	atencioso... A gente começou a se envolver, eu engravidei, tinha 14 anos e aí a gente teve que se casar. Eu era muito criança e ele já, na época ele tinha 30 anos. Trilha Sonora (Dreams - Firefl!es Sleep)
Rosa, espinhos e grades em foco, mulher de costas em desfoque (imagem vai abrindo devagar); Mulher anda e passa a mão perto da grade com a rosa e os espinhos.	**00:47** Eee ele é uma pessoa muito cativante, interessante para conversar eee a gente começou a ficar. No começo ele já me falou, já tinha me falado que ele não queria um relacionamento. Trilha Sonora (Dreams - Firefl!es Sleep)
Abertura	**00:58** Trilha Sonora (Dreams - Firefl!es Sleep)
Imagem preta; Mulher de perfil com a rosa ao lado; Mulher de frente com a rosa do lado.	**01:15** Depois que meu filho nasceu é que começaram as agressões físicas. Ele tinha uma estratégia pra não deixar marcas em mim. Ele enrolava uma toalha molhada na mão, pra poder me bater... E aí ele me dava soco, dava chutes às vezes.
Foco no rosto da Elza e desfoque nas árvores; Imagem aberta da Elza e a rosa atrás dela; Rosa escondida entre outras plantas.	**01:35** Ele me deu um soco no nariz, assim, nessa parte aqui assim, tão forte, tão forte só que eu não fiz nada, porque eu fiquei com medo das crianças dentro do carro, falei “se eu fizer alguma coisa, tenho medo que ele jogue o carro na ponte”.
Rosa no banco e mãos da Roberta; Imagem aberta da Roberta;	**01:50** Eu vivia um eterno pisar em ovos, porque eu nunca sabia o que podia deixar ele nervoso, ele tinha dias bons e dias

Foco no rosto da Roberta.	ruins, e os dias ruins eram muito ruins.
Rosa, espinhos e grades em foco, mulher de costas em desfoque.	**02:01** Eu chegava a chorar inclusive nas aulas que eu fazia com ele, eu sempre era a pior. Gritava comigo, porque eu tava errada, que não era assim, que eu era teimosa, que eu não podia responder, não podia dar a minha opinião em nada.
Mulher de frente com a rosa do lado.	**02:17** Sempre que ele me agredia, após as agressões, ele sempre me violentava... Ele falava que era uma forma de punição.
Rosa, espinhos e grades em foco, mulher de costas em desfoque; Mãos da mulher segurando a grade; Sol entre as árvores e a grade; Grades e a mulher segura a rosa perto do peito.	**02:31** Uma das coisas piores que teve também no relacionamento, é que ele nunca me assumiu, Um dos motivos é o fato deu ser, de eu ser negra. Eu era apresentada para as pessoas como amiga dele ou como uma aluna.
Foco no rosto da Roberta; Rosa no banco e sol refletindo nela; Sol refletindo no cabelo da Roberta; Efeito fade das pessoas passando pela Roberta.	**02:45** As crises de ciúmes ficaram muito grandes pra você ter uma ideia eu não podia acordar feliz, se eu acordasse animada e ele percebesse que eu tava feliz ou por mensagem quando ele tava longe ou pessoalmente, ele perguntava “dormiu com quem ontem à noite que cê tá feliz?”, só que eu não conseguia responder, então, eu só abaixava a cabeça também, porque eu sabia que se eu respondesse ia gerar uma briga maior ainda.
Mulher grávida; Cabelo da mulher e a rosa atrás;	**03:10** Eu engravidei do meu terceiro filho... Eee quando eu tava de 7 meses, ele chegou em casa de madrugada eee eu

Escrito “hospital” em desfoque e depois em foco; Mulher de frente com a rosa do lado; Rosto da mulher.	questionei ele e ele me espancou. Eu lembro que eu acordei, eu já estava no pré-cirúrgico com o rosto todo enfaixado, o nariz e meu bebê já não tava na minha barriga... Meu bebê ficou dois meses na incubadora. Meu bebê saiu do hospital, ele deu uma acalmada, porque quando isso aconteceu aí a minha família ficou sabendo o que tava acontecendo.
Rosa molhada com a água da chuva; Rosto da Roberta.	**03:47** Eu namorei três anos. No último ano de namoro, eu fui dormir chorando todos os dias, isso não é o modo de falar, é 365 dias do ano, eu ia dormir chorando, porque ele era grosso comigo de alguma forma no telefone.
Imagem aberta da Elza e a rosa atrás dela; Elza com as mãos nas pernas; Foco no rosto da Elza.	**04:01** Eu escondia as marcas assim eu punha blusa de manga comprida. Naquele tempo não se falava em denunciar né, então, eu mudei pra Ribeirão Preto e aqui em Ribeirão Preto ele falou que “você vai ver desgraçada o que eu vou fazer com você”, isso atoa, “quando chegar lá”, quer dizer, aqui eu tava longe de família né.
Rosto da Roberta; Imagem aberta da Roberta; Imagem do abajur aceso; Foco no abajur; Toalha cobre o abajur.	**04:21** Minha mãe é psicóloga e ela também algumas vezes tentou conversar comigo, porque ela percebeu, começou a perceber algumas atitudes e eu ficava muito na defensiva, eu não queria falar sobre esse assunto com ela e aí um dia ela falou “olha, eu sei que você não quer conversar sobre isso, mas eu tenho uma coisa muito importante pra te falar e eu

	vô falar só isso e você não precisa me falar mais nada", aí eu "tá bom". Aí ela falou "eu sinto como se você fosse um abajur, bem bonito, que irradia luz, que ilumina os ambientes que você vai ou que você tá e o Fulano, é a toalha que cobre esse abajur. Cê entende filha?".
Rosa, espinhos e grades em foco, mulher de costas em desfoque;	**04:57** Olha, as únicas pessoas que não desistiram de mim nunca... Minha mãe, minha irmã, meu irmão, alguns amigos que eu mantenho ainda hoje que cansaram né de me avisar, de me mostrar, de falar e não adiantava.
Efeito fade – Imagens da biblioteca; Livros de história; Mulher de frente com a rosa do lado; Rosto da mulher de perfil e a boca dela perto da rosa.	**05:17** Quando meu filho fez 16 anos, ele estudava período integral. Ele tinha um professor de história e ele contou o que tava acontecendo e o meu processo de me fortalecer se deu a isso primeiro, com o professor dele eee esse professor começou a falar ééé com meu filho, como que meu filho podia me ajudar, "olha, leva esse livro pra ela ler", "leva essa matéria pra ela ler", "seu pai não deixa ela ler? Mas, ela pode ler escondido", "você pode ler pra ela". Eu lembro muito do meu filho falando pra ele "você não sabe que o mais forte tem que proteger o mais fraco? Você não faz isso.".
Imagem da rosa da rosa no banco com o sol refletindo nela; Rosto da Roberta; Imagem aberta da Roberta.	**06:01** E no dia que eu tomei a decisão de terminar foi um dia que a minha terapeuta, ela olhou pra mim e falou assim "você já reparou como ele trata as outras mulheres da família dele?", aí eu

	falei, “já. Ele trata as outras mulheres como ele me trata. O dia que ele tá bem ele trata elas bem e o dia que ele tá mal, ele trata elas mal”, aí ela falou “então, Roberta, é o jeito que ele vai tratar a filha de vocês, se um dia vocês tiverem uma filha”. Trilha Sonora (Sleep - Scott Buckley)
Mulher passa a rosa pelo rosto; Mulher passa a mão pela rosa e depois pelos espinhos; Mulher fura o dedo nos espinhos; Mulher passa a rosa pelas grades; Mulher com as mãos na grade segurando a rosa; Rosa, espinhos e grades em foco, mulher de costas em desfoque.	**06:46** Eu tive esse relacionamento durante sete meses, terminei com ele eee depois de seis meses eu reencontrei num evento e na saída ele falou que precisava falar comigo eee começou a gritar, agarrou meu braço e começou a torcer. E aí fui para casa e fiquei, não contei para ninguém e depois passado três meses, eu fui e procurei a delegacia da mulher, e foi aí que eu fiz o boletim né, ééé a mulher tem um prazo né para fazer o boletim e eu tava no prazo e resolvi fazer. Trilha Sonora (Sleep - Scott Buckley)
Homem enche o copo de bebida; Homem bebendo; Homem coloca o copo de bebida na mesa; Braços da mulher; Câmera vai dos espinhos até a rosa; Mulher de frente com a rosa do lado; Rosto da mulher de perfil e a boca dela perto da rosa.	**07:21** Eu tava sozinha em casa e ele chegou bêbado, eu não sei precisar se era só álcool ou se algo mais, ele começou a correr pra me pegar e eu comecei a dar voltas na mesa e em um momento eu parei, ele pegou e virou o tampo de mármore e bateu nos meus braços e aí eu tive fratura, nos dois braços eee eu consegui correr pra rua e um vizinho ligou pro meu filho mais velho, aí meu filho foi até em casa e me levou pro

	hospital. Quando eu sai do hospital, eles já estavam os dois mais velhos decididos que eu não voltaria pra casa... Eu fui pra casa dos pais dele, já tinha dado entrada no divórcio, no pedido de divórcio, já tinha feito boletim de ocorrência.
Elza folheia BO nas mãos; Elza aponta para o escrito “violência doméstica” no BO; Foco no rosto de Elza; Câmera vai da calçada com água da chuva e uma planta do lado para o rosto de Elza.	**08:10** Denunciei três vezes né. A primeira a chamar fui lá e retirei a queixa. A segunda não chamaram. A terceira eu fui chamada lá na delegacia da mulher e o papel foi pro Fórum, aí depois eu vi que tava demorando muito me chamar lá no Fórum e eu fui ver o que tinha acontecido, porque tava arquivado. Entrei com pedido de separação, aí como ele aaa ameaçava, então, eu ééé os oficiais de justiça chegaram aqui pra tirar ele daqui, tiraram ele daqui, senão ele não ia sair né, que ele ia continuar aqui.
Imagem da Roberta;	**08:44** Como eu não sofri violência física e nenhuma ameaça ééé concreta, eu achei que não era o caso de denunciar, foi por isso.
Mulher de frente com a rosa do lado; Imagem preta; Imagem em desfoque e aos poucos começa a ter foco no rosto da mulher de perfil e na boca dela perto da rosa.	**08:53** Um dia eu tava saindo do trabalho eee eu não, eu não vi... Desci... Pra ir pro ponto de ônibus eee a última coisa assim que eu me lembro foi sentindo a pancada e aí quando eu acordei, eu já tava dentro de uma kombi... Já tava machucada, ele já tinha me agredido bastante... Eee aquele dia eu achei eu, eu fosse morrer... E ele me deixou na porta da casa da minha irmã, aí fiz um novo boletim de

	ocorrência, aí entraram com a medida protetiva, ele não podia chegar a 100 metros da minha casa...
Rosa, espinhos e grades em foco, mulher de costas em desfoque; Imagem em desfoque e depois em foco de espinhos com as formigas perto dele; Câmera vai dos espinhos até a rosa;	**09:37** Eee depois que eu entrei com essa medida protetiva, aí a história ficou pior ainda, porque além da agressão física, as pessoas começaram a me responsabilizar pelo que tinha acontecido, aí começaram a falar que eu era louca, que eu nunca poderia ter feito isso com uma pessoa como ele.
Mulher de frente com a rosa do lado; Rosto da mulher de perfil e a boca dela perto da rosa.	**09:59** Eu cai numa depressão profunda, eu, eu abandonei meu trabalho, abandonei... Os meus estudos... Eu não cuidava dos meus filhos mais... Eu não saia de casa, eu não saia do quarto... Eu tinha medo de tudo... Ééé o simples fato de alguém tocar a campainha da minha casa, pra mim era... Um choque, um terror, é como se “é ele!”... “Ele tá de volta”.
Imagens do rosto de pessoas em desfoque; Pés das pessoas em desfoque.	**10:28** Depois do que aconteceu eu fiquei muito ééé fragilizada mesmo e não confiava mais nas pessoas. E eu achei melhor ficar longe de todo mundo mesmo assim sabe.
Imagem aberta da Roberta.	**10:41** E aí eu falei “nossa! Agora parece que eu vou voltar a viver”, sabe quando você, aquela bem cena de filme, você sai da cama, abre os abraços e fala “vida estou aqui”, porque eu como se eu tivesse voltado a viver mesmo o que eu era.

Rosa, espinhos e grades em foco, mulher de costas em desfoque; Câmera vai dos joelhos até os pés da mulher; Mulher faz gestos com as mãos.	**10:55** "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade da sociedade se movimenta com ela"... E foi assim que eu comecei a falar está faltando alguma coisa para mim agora né, eu já tô mais, éééé eu já tenho mais uma base né, e eu–preciso fazer alguma coisa pelas pessoas também né. Aí quando eu comecei a me mexer, eu comecei mesmo sabe, em todo lugar eu estou.
Rosto da mulher de perfil e a boca dela perto da rosa.	**11:15** Éééé às vezes eu tô andando na rua, eu tenho a impressão que a qualquer momento ele vai fazer alguma coisa, vai acontecer alguma coisa comigo.
Time lapse no Relógio e a imagem vai fechando; Elza em foco e rosa em desfoque;	**11:25** Eu acho que eu ainda não superei. Tanto é que eu não trabalhei ainda direito sabe e eu fiz uma faculdade e não terminei, assim, as coisas ficam pela metade. Eu não sou uma mulher tão segura ainda.
Rosa, espinhos e grades em foco, mulher de costas em desfoque.	**11:39** Eu tô bem melhor né agora, com certeza. Mas, esquecer não esquece e a cicatriz, e a marca mesmo da ferida vai estar sempre ali.
Sol entre as árvores; Rosto da Roberta.	**11:49** Acho que hoje eu tô superada, eu aprendi que eu não sou a culpada, a doente não era eu e a errada não era eu na história assim.
Mulher de frente com a rosa do lado; Rosto da mulher.	**12:00** Eu me sinto muito segura hoje entre aspas dentro da sala de aula... Com as crianças éééé adulto pra mim é ameaça.
Imagem aberta da Roberta;	**12:10** Eu sou uma pessoa que sonha bastante, eu sonho sempre alto e em

Rosto da Roberta; Roberta pega a rosa do banco e vai andando; Enquanto Roberta anda, o sol reflete na rosa.	relação, profissionalmente eu sempre, sempre tô estudando, sempre quero me aprimorar e sempre quero trazer alguma coisa de novo na minha área, eu gosto muito de trabalhar e principalmente de me sentir útil, que eu tô fazendo alguma coisa em prol de melhorar o ambiente que eu vivo, a cidade onde eu moro ou a vida das pessoas que tão ao meu redor.
Rosa, espinhos e grades em foco, mulher de costas em desfoque (imagem vai abrindo devagar); Câmera mostra a rosa de cima e a mulher segurando a rosa; Mulher segura a rosa perto do peito (imagem vai se afastando).	**12:36** Eu espero assim na realidade ajudar muita gente sabe e isso sem diferença de idade, de classe, raça, etnia, sexualidade.
Mulher de frente com a rosa do lado; Imagem da rosa e da mulher de baixo para cima; Foco na rosa e desfoque no cabelo da mulher; Foco no cabelo da mulher e desfoque na rosa; Mulher deixa a rosa em cima da cadeira e sai.	**12:47** O meu sonho... É poder andar sem ter medo... É sair na rua, sem ter medo, é abrir o meu portão, como eu faço todos os dias de manhã, é um ritual. Primeiro eu olho nas câmeras, pra ver senão tem ninguém na frente da minha casa, eu abro meu portão, olho pra cima, olho pra baixo e saio. Eu quero um dia poder não fazer isso... Ser automático, ser normal como é pra toda mulher, pra, pra todos. Trilha Sonora (Snowfall - Scott Buckley)
A cada 2 segundos, uma mulher é vítima de **VIOLÊNCIA FÍSICA OU VERBAL**. A cada 6.9 segundos, uma mulher é vítima **DE PERSEGUIÇÃO**.	**13:17** Trilha Sonora (Snowfall - Scott Buckley)

A cada 16.6 segundos, uma mulher é vítima **DE AMEAÇA COM FACA OU ARMA**. **Fonte:** Relógios da violência Entre as vítimas: **25%** mulheres brancas. **27%** mulheres pardas. **28%** mulheres pretas. **Fonte:** Fórum Brasileiro de Segurança Pública e DATAFOLHA Em 2018, os casos de feminicídio tiveram um aumento de **12%** no Brasil em relação a 2017. Uma mulher é **MORTA** a cada duas horas no país. **Fonte:** Monitor da violência – G1 Violência contra a mulher é **CRIME.** **LIGUE 180.**	
Sobe Roll	**14:11** Trilha Sonora (Snowfall - Scott Buckley)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste trabalho foi compreender porque as mulheres vítimas de violência não denunciavam ou demoravam para fazer a denúncia de seu agressor. Aliás, desde o início deste estudo, a proposta foi revelar as formas de violências que as mulheres sofriam e como elas se sentiam diante da situação. Buscou-se também, fazer um levantamento sobre os números de violência registrados e assim, realizar um panorama dessa realidade. Após um ano de pesquisa, tanto bibliográfica quanto por meio de entrevistas com quatro mulheres que sofreram violência, foi possível reunir todas as informações coletadas para a produção de um documentário, produto midiático da área de jornalismo.

Por meio deste trabalho, foi possível verificar que as mulheres vítimas de violência ou tentativa de feminicídio demoram a denunciar, porque têm medo do seu parceiro, que é o agressor na maioria dos casos, matá-las e também ferir seus filhos ou outro membro da família. Um dos argumentos utilizados por elas também, é o medo de prejudicar profissionalmente o pai de seus filhos. Além disso, em alguns casos elas não conseguem enxergar que a situação em que vivem é um tipo de violência ou ainda, dependendo da violência que sofrem, acreditam que não há necessidade de denunciar, pois, pensam que para denunciar têm que ser apenas a violência física, devido à falta de informação.

Além disso, por mais que sintam vontade de denunciá-lo, este trabalho revelou que elas sentem vergonha de contar para alguém a situação em que vivem, inclusive, recebem ameaça diariamente, caso façam a denúncia. Descobriu-se ainda, que em algumas situações o agressor é tão manipulador que consegue convencer a vítima de que ela é a culpada de tudo, e se ela apanha ou é ofendida, é porque deu motivo. Em alguns casos, notou-se que a dependência emocional ou financeira, faz com que elas continuem convivendo com o agressor. Por fim, revelou-se também, por meio dos depoimentos, a falta de apoio que elas têm da justiça brasileira.

O resultado das entrevistas com as quatro mulheres vítimas de violência ou tentativa de feminicídio gerou aproximadamente um material com 5 horas de gravação em vídeo. Após ser analisado todo o conteúdo gravado, foi possível observar que, apesar dessas mulheres conseguirem sair da situação em que viviam, boa parte delas ainda possuem cicatrizes desse passado de violência e precisam de acompanhamento psicológico. Contudo, verificou-se também que o medo sempre estará presente no dia a dia delas, porque segundo os relatos, temem que o agressor volte a procurá-las.

Já em relação ao depoimento da mulher que disse ter superado a violência que sofreu, observou-se que a ajuda da terapia e o apoio da família contribuíram para uma recuperação mais rápida e não permitiu que a situação vivida por ela atrapalhasse seu modo de viver.

Conclui-se que a violência contra a mulher é um assunto sério e que ainda faltam medidas mais severas de combate por parte do governo e também da sociedade, visto que, milhares de mulheres sofrem caladas por vergonha, culpa, medo do agressor e dos possíveis julgamentos de amigos e familiares. Das quatro entrevistadas que deram depoimento para o documentário, o Depoimento 1, que pediu para não revelar sua identidade, foi a que recebeu maior destaque, pois, foi vítima de violência física, psicológica, moral, sexual, patrimonial, e tentativa de feminicídio. Hoje ela tem medida protetiva, mas seu agressor continua solto. Na sequência, há o relato das mulheres que foram vítimas de violência física e/ou psicológica para complementar a construção da narrativa do documentário.

Esse projeto conseguiu expor os principais motivos que fazem com que as mulheres vítimas de violência não denunciem ou demorem a denunciar seus agressores, e executou seu objetivo inicial. Entretanto, é importante lembrar que na realização deste trabalho foram feitas adaptações para o real, como em todo documentário, e há ainda a subjetividade da pesquisadora e documentarista, pois, construiu o vídeo com base na sua forma de ver o mundo.

Por fim, o documentário busca dar voz às mulheres que foram vítimas de violência doméstica e familiar, ou tentativa de feminicídio. Desta forma, a construção da narrativa por meio de relatos reais pode servir de exemplo para outras mulheres que ainda sofrem com a violência e se mantém caladas. Partimos do pressuposto que este documentário servirá para conscientizar mais mulheres sobre o problema da violência e também como pesquisa para profissionais na área.

REFERÊNCIAS

ALFERES, Eduardo Henrique; GIMENES, Eron Veríssimo; ALFERES, Priscila Bianchini de Assunção. **Lei Maria da Penha explicada:** Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006: doutrina e prática. São Paulo: Edipro, 2016.

BEZERRA, Julio. **Documentário e jornalismo:** propostas para uma cartografia plural. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BRASIL. **Decreto-lei n. 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal.** Diário Oficial da União, Brasília-DF, 07 de dezembro de 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso em: 16 jun. 2019.

BRASIL. Lei n. 11.340, de 07 de agosto de 2006. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 08 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 16 mai. 2019.

BRASIL. Lei n. 13.104, de 09 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 10 de março de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm. Acesso em: 16 mai. 2019.

CNJ. **Cresce número de processos de feminicídio e de violência doméstica em 2018**. Disponível em: http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/88539-cresce-numero-de-processos-de-feminicidio-e-de-violencia-domestica-em-2018. Acesso em: 24 mai. 2019.

CORREIO BRAZILIENSE, **Média mensal de casos de violência contra a mulher cresce 24% em um ano**. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/02/11/interna-brasil,736625/media-mensal-de-casos-de-violencia-contra-a-mulher-cresce-24.shtml. Acesso em: 23 mar. 2019.

DOCS. **Feminicídios 2019** – Levantamento iniciado por @jnascim e atualizado por @transmissaodh | Atualizado até 28.abril. Disponível em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1Vcg9BnHlScjQbz-h1p64HUYtLOuc5rWxihV3vJgetJ8/edit#gid=0. Acesso em: 25 mai. 2019.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In:* DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2017. P. 62-75.

FOLHA DE S. PAULO. **Brasil registra 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento**. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento.shtml. Acesso em: 16 out. 2019.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e invisível**: a vitimização de mulheres no Brasil – 2° Edição. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wp-

content/uploads/2019/02/Infogra%CC%81fico-vis%C3%ADvel-e-invis%C3%ADvel-2.pdf. Acesso em: 23 mai. 2019.

G1, **Cai o nº de mulheres vítimas de homicídio, mas registros de feminicídio crescem no Brasil**. Disponível em: https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/03/08/cai-o-no-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-mas-registros-de-feminicidio-crescem-no-brasil.ghtml. Acesso em: 23 mar. 2019.

G1**, Denúncias de violência contra mulher aumentam 30% em 2018 no Brasil**. Disponível em: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/01/08/denuncias-de-violencia-contra-mulher-aumentam-30-em-2018-no-brasil.ghtml. Acesso em: 23 mar. 2019.

HAMPE, Barry. **Escrevendo um documentário**. NUPPAG-Núcleo de Pesquisa e Produção Audiovisual em Geografia-IGCE-UNESP/Rio Claro, 1997. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/38499384/escrevendo-um-documentario.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1555725540&Signature=mB4koPovJwp%2FBG%2FzQVbYm%2FQ9JNk%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DESCREVENDO_UM_DOCUMENTARIO_O_QUE_FAZ_UM.pdf. Acesso em: 19 de abr. de 2019.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários:** conceito, linguagem e prática de produção. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012.

MAPA DA VIOLÊNCIA 2015, **Homicídio de mulheres no Brasil**. Disponível em: https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em: 23 mar. 2019.

NICHOLS, Bill. **Introdução do documentário.** 6. ed. Campinas: Papirus, 2016. Tradução de: Mônica Saddy Martins.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. Universidade da Beira Interior, 2001. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf. Acesso em: 19 abr. 2019.
PT. **Mapa da violência contra a mulher 2018**. Disponível em: https://pt.org.br/wp-content/uploads/2019/02/mapa-da-violencia_pagina-cmulher-compactado.pdf. Acesso em: 24 mai. 2019.

RELÓGIOS DA VIOLÊNCIA. **A cada 2 segundos, uma mulher é vítima de violência física ou verbal no Brasil**. Disponível em: http://www.relogiosdaviolencia.com.br/#. Acesso em: 25 mai. 2019.

RELÓGIOS DA VIOLÊNCIA. **Sobre os relógios da violência**. Disponível em: http://www.relogiosdaviolencia.com.br/sobre. Acesso em: 23 mai. 2019.
STUMPF, Ida. **Pesquisa bibliográfica**. *In:* DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2017. P. 52-61.

XAVIER, Rafael Ricardo. **Feminicídio:** análise jurídica e estudo em consonância com a Lei Maria da Penha. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019.

APÊNDICES A

Principais perguntas para entrevista em profundidade realizada com as entrevistadas:

- Como vocês se conheceram? (Conta como era no início do relacionamento. Ele sempre foi violento? Como se conheceram? Fatos que ficaram marcados)
- Você lembra o motivo da primeira agressão?
- Como você se sentia depois de uma agressão? Ele pedia desculpas?
- Quando foi o momento que você decidiu denunciar? / Por que não quis denunciá-lo?
- Pensando em você e nas outras mulheres. Por que você acha que a mulher demora tanto para denunciar ou nem faz a denúncia?
- Você acha que um dia vai conseguir superar tudo que viveu?
- Qual a importância para você dos pais conversarem sobre violência com seus filhos? Seja menino ou menina. / Você e seus filhos conversam sobre a questão da violência?
- O que você espera do futuro? (Projetos, profissão, sonhos)

Pedidos de autorização de imagem:

- Mulheres entrevistadas.
- Homem e mulher que fizeram encenação.

APÊNDICE B

Decupagem das sonoras

1º Dia (29/07/19) – Depoimento 2 (sem identificação a pedido da entrevistada)

00:11 (Susana) – Depoimento 2, conta para mim como que era no início do relacionamento de vocês. Ele sempre foi violento, ele era muito carinhoso e depois foi se tornando violento. Como vocês se conheceram.

00:23 (Depoimento 2) – Ééé... Eu conheço essa pessoa a mais de 20 anos né, inclusive, quando a gente se conheceu ééé nós ficamos juntos um tempo, mas nunca me assumiu. Logo em seguida ele começou a namorar uma pessoa, ele assumiu essa menina e se casaram e saíram de Ribeirão. **00:42** E aí depois, uns 10 anos depois eu o reencontrei aqui no centro da cidade, já estava de volta, não estava mais morando junto e a gente começou a sair. **00:59** Eee ele é uma pessoa muito cativante né assim, interessante para conversar eee assim a gente começou a ficar, ficar, ficar e só que no começo ele já me falou, já tinha me falado que ele não queria um relacionamento, que ele já tinha saído de um relacionamento que não era essa pessoa, já era outra e que ele não queria um relacionamento. **01:22** E eu falei assim ahhh e eu concordei né no princípio. **01:27** Tava tudo bem, não tinha compromisso com ninguém, ele também não, inclusive, a gente tinha combinado aquela coisa de eu vou ficar só com você e ele também, e foi caminhando, não tinha problema nenhum físico, de violência física nunca teve na realidade. **01:45** O que teve durante todo o período foi violência psicológica que eu não percebi né que tava sofrendo. Eee depois de passado um, dois anos eu descobri uma traição dele eee questionei, me afastei dele, só que sempre que eu tentava me afastar, ele insistia em voltar e eu voltava. **02:10** E aí depois de passado tanto tempo assim, eu comecei a achar que ele era a única pessoa que eu poderia ficar ééé que eu poderia me relacionar né, porque o mundo foi se estreitando, estreitando, ééé minhas amizades eu já não tinha mais, não conseguia conviver, porque eu vivia a vida dele na realidade. **02:40** Então, a violência física aconteceu só no final mesmo.

02:43 (Susana) – Eee você falou que ééé no começo você não percebeu a violência psicológica né? Como que você foi perceber que estava sofrendo a violência psicológica?

02:56 (Depoimento 2) – A violência psicológica foi só de, que eu percebi, que eu, que o que eu passava, que eu passei 7 anos, foi, foi psi, foi uma violência psicológica quando eu fui

fazer o boletim de ocorrência e a delegada me falou, pediu para eu contar a história e ela me falou que além da violência física que eu tinha sofrido que era o motivo de eu ter ido até a delegacia né, que foi esse motivo, ela me alertou que eu estava sofrendo violência psicológica, mas até (**03:27)**, mas mesmo assim eu ainda ééé continuei me culpando né. **03:32** Eu achava que a culpa era minha da situação, ainda não tinha percebido até eu começar a pesquisar sobre o assunto e aí eu fiz, comecei a ler livros, uma autora chama a outra eee foi assim que eu descobri que o que eu passei era violência psicológica. **03:50** E quando eu descobri que a violência, que a, que a violência psicológica e tudo que ela fez na minha vida, a violência física que eu sofri né, que cada mulher tem a sua experiência ééé foi muito mais pesada do que a violência, a violência psicológica foi muito mais pesada para mim do que a violência física... No final.

04:12 (Susana) – Eee você falou que ele, você se afastava dele e ele sempre te procurava e você sempre acabava voltando. Por que você acha que sempre acabava voltando com ele, apesar de você se afastar.

04:26 (Depoimento 2) – Eu acho porque a gente cria uma dependência psicológica, doentia né da outra pessoa e foi isso que eu, que eu, eu cuidava dele e esquecia de mim. **04:38** Cuidava da dele, da família, estava sempre com ele e esquecia de mim, da minha família, dos meus amigos, da minha vida né, e tanto que depois que eu terminei com ele eu voltei a estudar, estou quase me formando e coisa que eu não via nem possibilidade, porque não me achava capaz né, das coisas que ele, do que ele me falava, do que eu vivia com ele, eu achava que qualquer pessoa poderia menos eu né. **05:05** Mesmo sabendo que eu ééé é uma coisa muito estranha, porque a gente sabe que a gente pode, mas de tanto aquela pessoa que você admira e acha que é sua companheira, porque você está vivendo aquela situação com ele, de tanto a pessoa falar, você acha que realmente você não serve para nada mais né, a não ser servir aquela pessoa e ele, e manter aquela relação, mesmo doentia.

05:34 (Susana) – O que ele te falava, que assim, que fazia com que você se sentisse assim totalmente para baixo, mas que você achava normal, que ele estava totalmente certo, que num, que ele era o dono da razão assim e você que estava errada.

05:46 (Depoimento 2) – Ahhh é são muitos detalhes assim e uma das coisas que ele me falava muito, por exemplo, numa situação simples, ééé ele não me aceitava no Facebook, nunca me aceitou e quando eu mostrava o que eu escrevia para ele, da minha opinião, o que eu pensava, ele me criticava. Me proibia de escrever algumas coisas a respeito de, de, de coisas que a gente vivia em comum né, porque nós tínhamos um grupo de amigos e participávamos de algumas organizações em comum e quando eu escrevia alguma coisa a

respeito e coisas que eu pesquisava, que eu lia também, ééé ele me proibia, falava que eu não deveria escrever, que eu estaria, que eu, que eu represento ele, porque todo mundo sabe, todo mundo sabe que ele ééé está ao meu lado. **06:40** Uma das coisas piores que teve também no relacionamento, foi que ele nunca me assumiu, ele nunca me assumiu como namorada. Eu era apresentada para as pessoas como amiga dele ou como uma aluna dele, mas, não como namorada e todo mundo sabia e vinha me perguntar também, porque eu continuava nessa relação. **07:01** As pessoas tentavam me alertar da situação, mas eu não conseguia ver, não conseguia enxergar.

07:08 (Susana) – Eee você falou que ééé vocês às vezes tinham amigos em comum, saiam. Alguma vez ele chegou aaa... Você sofreu algum tipo de violência psicológica perto dos amigos e assim alguém te falou "nossa! Acorda para vida", alguma coisa assim? **07:27 (Depoimento 2)** Sim! **07:28 (Susana)** E você falou "não, é normal isso daí". Tem algum fato que você lembre?

07:32 (Depoimento 2) – Tem, tem sim.

07:33 (Depoimento 2) – Tem um que foi muito marcante para mim. **07:35** Eu estava com ele num desses lugares que eu te falei que a gente frequentava em comum fazendo um trabalho voluntário e aí eu pedi, tava perto dele e uma amiga se aproximou e eu pedi para ele tirar uma foto comigo que ele também não queria aparecer em foto comigo de jeito nenhum, mas aí depois eu fui entender o porquê também né. Eee aí ele foi super grosso na frente dela, falou que não era hora de tirar foto, que não tinha necessidade, ela tirou foto mesmo assim e se você ver, se você ver, se eu te mostrar a foto, o rosto, a feição dele, ééé hoje eu penso assim e a minha também sabe de, de, ahhh, ééé, do lado dele com aquela cara assim de monstro mesmo eu vou falar né e uma coisa tão simples, é uma coisa simples tirar uma foto com uma pessoa, qualquer um amigo, uma pessoa que você gosta e eram esses pequenos detalhes assim no dia a dia. **08:44** E essa amiga falou Depoimento 2, para que isso né, comentou com outras amigas que estavam perto, você não precisa disso né, mas eu não conseguia entender e continuei lá com ele e voltei depois no outro dia sabe. Então, era uma situação de humilhação continua as pessoas. Então, hoje eu fico com vergonha, hoje não né, hoje eu tô eu tenho graças a Deus tenho uma outra, uma outra mentalidade, uma outra, um outro círculo de amizades também, que não tem nada a ver com aquela que eu tinha a dois, três anos atrás que eu consegui me afastar mesmo de todo mundo eee. **09:23** Pode falar.

09:26 (Susana) – E você falou também, por exemplo, que você tinha aqueles que apoiavam, apoiavam no sentido de "Depoimento 2, olha isso que você está sofrendo não é normal", mas,

também tinha aqueles que você comentava que “Nossa! Ele falou isso para mim” e aí a pessoa fala que isso é normal de casamento, namoro, alguma coisa assim?

09:46 (Depoimento 2) – Hummm.... Ahhh não, que eu me lembre não. Tinham pessoas que falavam assim para mim que “ele é assim”, ééé se pensar bem é uma forma de reforçar né, se ele é assim eu teria que aceitar ele assim também. **10:00** A mãe dele é uma dessas pessoas né, que durante todos esses anos ela sempre ééé tentou me, me, me agradar como uma forma de eu agradar o filho dela, não que ela estivesse pensando em mim. É coisa de mãe? É, mas, a gente tem que pensar que é uma outra mulher vivendo uma situação que não é normal né. É uma situação que... **10:25** Tanto que depois que terminou a mãe dele nunca me ligou para saber como que eu tava né. Então, era só, eu estava ali mesmo para cuidar do filho dela.

10:35 (Susana) – Entendi... Eee você fala que ele em nenhum momento te assumiu, vocês ficaram durante sete anos né? E por que você acha que ele não te assumiu?

10:45 (Depoimento 2) – Olha, eu já pensei em várias, vários, vários motivos né. Um dos motivos é o fato deu ser, de eu ser negra né e dooo... As antigas, ex-namoradas dele teve uma que eu conheci que era negra, mas, tinha a pele muito clara né, e muitas pessoas me falavam isso também né eee também porque ele estava comigo e também estava com outras pessoas também né, então, ele não poderia me assumir ééé na frente dessas pessoas, que inclusive ele chegou a apresentar para mim né, então, eu acho que é um dos motivos é esse, porque não vejo outro.

11:25 (Susana) – Eee você recebeu assim... Quando você acordou assim, você recebeu apoio de família, de amigos? Ou até durante mesmo, até você chegar na fase que você falou assim “não, agora realmente eu preciso mudar”, você recebeu apoio de família? Ou no começo você recebeu, mas, aí você acaba voltando e aí a família fala “ahhh já desisti de você. Se você quiser sofrer, sofre”.

11:56 (Depoimento 2) – Olha, as únicas pessoas que não desistiram de mim nunca... **12:03** Minha mãe, minha irmã, meu irmão, que as outras pessoas cansam né também. A gente às vezes quer tentar ajudar a pessoa e enquanto a pessoa não perceber mesmo que ela tem esse problema não adianta e alguns amigos que eu mantenho ainda hoje que cansaram de me avisar, de me mostrar, de falar e não adiantava. **12:33** Esses sete anos na realidade, sete anos, foram sete anos de pessoas me falando sabe, mas, eu não, não consegui mesmo ééé não consegui ouvir. **12:44** Mas, a minha irmã, a minha sobrinha que é adolescente agora né, mas, desde sempre, sempre me via triste tava do meu lado não falava muito para ela, porque não tinha necessidade, mas, ela percebia minha tristeza né. Eram momentos... Eu tinha momentos felizes? Tinha né, tinha também momentos felizes, não posso falar que não tinha. **13:05** Mas,

eram momentos felizes ééé que não vale sabe tudo isso. **13:13** Agora minha mãe, minha irmã e minha sobrinha, meu irmão também né, sempre ali comigo, foram as pessoas que assim realmente não me abandonaram né.

13:23 Eu tenho alguns amigos que eu posso contar em uma mão daquele passado que a hora que eu precisasse conversar eles tavam ali, mas, já estavam cansados também, eu perce..., a gente percebe isso né também né.

13:37 Mesmo quando eu fiquei um período sem sair de casa, eu não conseguia sair de casa, eu ia trabalhar e voltava, mas, não conseguia sair para me divertir, não conseguia ir ao teatro, ao cinema, coisas que eu gosto de fazer, mas eu lia muito nesse período também. Comecei a estudar a história da África primeiro, antes de começar a ler sobre feminismo eee aí depois eu me voltei para o feminismo. **14:03** Depois que eu entrei, fui fazer o boletim de ocorrência, eu fui fazer o boletim de ocorrência três meses depois do que tinha acontecido, porque até então eu tava em choque, não sabia o que fazer e tal, e aí depois que e aí nesses períodos, nesse período eu comecei a estudar história da África que foi muito bom para mim também e depois que eu comecei a estudar sobre feminismo que eu fui entender que eu não era culpada do que eu tinha vivido, foi assim.

14:30 (Susana) – Só explica assim para gente melhor. Você falou que fez um boletim de ocorrência né, mas, como foi? Você sofreu a violência psicológica, mas, não denunciou, aí você sofreu a física e aí você foi denunciar, aí a partir do momento que você contou para a delegada tudo que aconteceu, aí ela falou que você sofreu a psicológica. Aí você fez a denúncia da física e da psicológica, ou só da física?

15:05 (Depoimento 2) – Aí já entra as duas junto.

15:06 (Susana) – Aí você pode só contar como se nunca tivesse contato para mim que você foi fazer a denúncia, só pra juntar, porque às vezes vai ficar meio confuso na hora. Conta o acontecimento da física, que aí você falou essa eu vou denunciar, aí a delegada foi e falou que você também sofreu a psicológica.

15:34 (Depoimento 2) – É assim, ela... Eu tive esse relacionamento durante sete meses, sete anos, ééé terminei com ele por uma situação que não tinha, assim já foi o limite eee depois de seis meses eu reencontrei num evento que teve aqui em Ribeirão Preto, nesse evento, inclusive, foi no dia do meu aniversário, então, não tem como esquecer né. **16:01** Nesse evento eu cheguei, ele não me cumprimentou, eu cumprimentei todo mundo que conhecia que eram amigos em comum que a gente tinha e na saída ele falou que precisava falar comigo. Eu tava se despedindo da minha irmã, do meu cunhado e da minha sobrinha, pedi para ele esperar né que eles tinham ido até lá, porque eu não ia fazer nenhum comemoração no meu

aniversário eles foram até lá me cumprimentar e despedi, e fui encontrar com ele, ele tinha entrado né no espaço que a gente tava, eu tava lá fora **16:30** eee quando ele começou a conversar comigo ele começou a gritar, começou a gritar, falar alto eee agarrou meu braço e começou a torcer, porque eu queria sair de perto né, eu não sou uma pessoa que, ninguém gosta de escândalo, eu acho né e eu não estou acostumada com isso também e queria sair de perto dele e eu olhava para as pessoas, porque tinha bastante gente perto e ninguém chegou perto sabe, isso me machucou muito também, porque tinham pessoas conhecidas ali, mulheres, homens que eu, que eu tinha amizade tavam vendo a situação e aí fui para casa, algumas pessoas que não viram e que tavam lá comentei que tinha acontecido e quando eu sai, ele tava lá fora ééé as pessoas me cercaram né, porque eu tava com medo de sair, depois do que eu contei o que tinha acontecido e ele lá fora de longe me xingando, falando besteira, apontando o dedos, essas coisas né. **17:33** E aí fui para casa e fiquei, não contei para ninguém, nem na minha casa, porque foi muito triste para contar para minha família também isso que tinha acontecido ééé e depois passado três meses, eu fui e procurei a delegacia da mulher, e foi aí que eu fiz o boletim né, eu pensei, fiquei pensando, eu tinha direito, ééé a mulher tem um prazo né para fazer o boletim e eu tava no prazo e resolvi fazer. **18:03** Ééé resolvi fazer não porque eu seja uma pessoa punitivista né, mas, porque eu acho que assim como, como não gostei do que acontecesse comigo, do que aconteceu comigo, não quero que aconteça com mais ninguém. **18:17** Ele teve uma namorada que ele quebrou o braço e eu sabia disso, só que ele nunca foi violento comigo né, então, eu achei que era talvez a personalidade, talvez eu estivesse me moldando para aguentar os rompantes que ele tinha de nervoso e o jeito dele diferente né eee ahhh eu me perdi...

18:43 (Susana) – Você tava contando do jeito dele diferente e aí você estava contando que decidiu denunciar ele depois de três meses que é um direito. E aí acho que você ia começar a contar a história da delegacia.

18:54 (Depoimento 2) – Ahhh da delegacia é. Na delegacia a delegada ééé perguntou e eu contei primeiro o que tinha acontecido agressão física né e o escândalo também né, que ele me fez passar por uma situação vexatória né e aí ela quis saber a história toda desde o começo e quando eu contei para ela a situação de que eu estava com uma pessoa que não me assumia, que eu vivia a minha vida junto com ele, eu ficava mais na casa dele do que na minha, não morei com ele, mas ficava mais na casa dele do que na minha, cuidava mais dele do que de mim, essas coisas né que a gente erradamente faz na vida, **19:40** porque eu acho que amor não é isso né. Porque eu tava doente mesmo e não me culpo mais por isso, por essa situação e foi aí que ela me alertou, falando que eu estavaaa, que eu tinha sofrido uma violência psicológica,

por tanto tempo e eu não tinha percebido e foi aí que eu percebi, que eu descobri que eu tava sendo a vítima e não a culpada.

20:10 (Susana) – E ele recebeu alguma punição?

20:12 (Depoimento 2) – Ele recebeu uma intimação.

20:15 (Susana) – Eee o que foi essa intimação?

20:18 (Depoimento 2) – É uma medida protetiva né que eu tenho ainda. Ele não pode chegar 200 metros perto de mim **20:26** eee depois que eu entrei com essa medida protetiva, aí a história ficou pior ainda né, porque além da agressão física, as pessoas começaram a me responsabilizar pelo que tinha acontecido, aí começaram a falar que eu era louca, que eu nunca poderia ter feito isso com uma pessoa como ele eee eu me afastei, fui me afastando das pessoas né, dessas pessoas mesmo.

20:59 (Susana) – Você se afastou das pessoas né, você só ficava dentro de casa. O que você acha que fez com que você quisesse se afastar de todo mundo e só quisesse ficar dentro de casa? Você falou que lia muito né? Mas, você acha que também essa forma de falar assim "ler muito" ao mesmo tempo que te ajudou também era uma forma de fugir da sociedade? Como que era isso?

21:29 (Depoimento 2) – Eu fiquei assim na realidade depois do que aconteceu eu fiquei muito ééé fragilizada mesmo e não confiava mais nas pessoas, porque as pessoas que eu achei que pudesse confiar, elas foram... Ahhh não sei, não quero julgar ninguém sabe, porque a gente, porque todo mundo comete erros né, mas foi muito pesado para mim... **22:00** E eu achei melhor ficar longe de todo mundo mesmo assim sabe e ia trabalhar, porque eu preciso trabalhar, mas, eu era secretária na época num escritório de advocacia, não tinha muito contato com muitas pessoas assim que eram próximas né, eram pessoas diferentes, então, era o único lugar que eu ia de casa para o trabalho, **22:23** não conseguia conviver com essas pessoas justamente por isso, porque eu não confiava mais, eu tinha raiva, eu tinha medo de fazer mais alguma coisa e as pessoas acharem que era louca ou culpada sabe, então, foi isso assim que me fez me separar e os livros e filmes também né, porque você fica em casa ééé só me ajudaram. Ajudaram a entender a minha vida mesmo, a minha história, de onde eu vim e porque eu estava naquela, sentindo aquelas coisas assim, **22:59** eu nunca tive vontade de me matar, porque eu sei que tem pessoas que passam por essa, tem, passam por esse pensamento, porque é uma dor muito forte sabe, ééé uma dor que você que assim, que eu sentia ééé minha mesmo assim de ter perdido tanto tempo com uma pessoa que, que, que não merecia, não merecia mesmo sabe, tudo que eu fiz eee pelos amigos que eu achei, amigos né, por esses conhecidos que eu achei que... Não é que eu queria assim que ele, que todo mundo ficasse de

mal dele, não é isso, porque eu não sou criança né, mas ééé um apoio mesmo sabe, não me condenar, me julgar. Mas, foi bom para mim também esse tempo que eu dei. **23:50** Claro que se eu tivesse um acompanhamento psicológico que foi oferecido, mas eu não consegui, quando eu, quando você faz a, quando eu fiz o boletim de ocorrência a Casa da Mulher entrou em contato comigo, só que eu não consegui, eu falava com elas por telefone, elas me ligaram algumas vezes, depois eu até troquei meu número de telefone, não por elas, por eles, porque eles ficavam me ligando, me ameaçando, até que eu precisei ser mais firme assim eee sumir. **24:19** Acho que o fato de você desaparecer na minha cabeça ia fazer com que essas coisas parassem né, mas não é isso a realidade, eu não fui, se eu tivesse talvez tido um apoio psicológico, se eu tivesse ido, porque foi oferecido e eu não fui, eu não conseguia ir, teria sido melhor.

24:40 (Susana) – E porque você acha que não foi ter esse apoio psicológico?

24:43 (Depoimento 2) – Porque eu não conseguia sair. Não conseguia conversar com outra pessoa, porque eu não conseguia confiar. Por telefone eu conversava com elas, me falavam para eu ir, marcava, eu não conseguia e depois, no final eu fui encontrar com elas numa situação que eu já estava melhor né com a Casa da Mulher e aí eu fui, e aí eu já tava num processo melhor e foi diferente né o contato.

25:07 (Susana) – Você falou que se afastou da sociedade e como foi para você conseguir de novo se inserir na sociedade, conviver com outras pessoas. Como foi que você conseguiu isso? Porque você falou que não teve um apoio psicológico no começo, porque não conseguia ir. Como você conseguiu isso? Foi sozinha ou você teve ajuda?

25:31 (Depoimento 2) – Não... Então, foram os livros também, porque eu comecei a ler mais Angela Davis também né e ela fala muito, essa frase eu falo todo hora também que "quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade da sociedade se movimenta com ela"... E foi assim que eu comecei a falar está faltando alguma coisa para mim agora né, eu já tô mais, ééé eu já tenho mais uma base né, eu já tenho, já tô lendo mais e eu preciso fazer alguma coisa pelas pessoas também né eee não sei, começou a surgir um desejo de fazer alguma coisa e minha irmã ééé trabalhava como monitora no teatro Pedro II, aí surgiu uma vaga lá e eu comecei, ela me chamou, fui logo de cara fui chamada também, que foi uma coisa assim o primeiro lugar que eu fui já me aceitou, falei assim "Nossa! Estou sendo aceita" sabe, isso para mim não tem preço também, **26:28** porque como eu achava que eu não podia nada, ela me colocava tão para baixo, que eu me sentia feia, me sentia burra, me sentia incompetente eee aí no primeiro lugar que eu tive uma oportunidade assim, me chamaram no teatro Pedro II, uma mulher negra, já sou mais velha né e eu falei vou, aí comecei e eu gosto

muito de música, gosto de teatro né eee comecei a trabalhar todos os sábados, sou monitora no teatro Pedro II e foi assim.

26:59 E num dia quando Lázaro Ramos esteve aqui em Ribeirão Preto né e minha irmã ficou na fila primeiro né, porque ela saiu mais cedo do trabalho, eu cheguei na fila e encontrei ela com umas amigas conversando e essa amiga Josiane que é uma amiga mesmo agora, agora as amigas que eu falo que são amigas, são amigas sabe, porque só pessoas boas aparecem no meu caminho agora eee ela me falou sobre as Promotoras Legais Populares, um curso né e me apresentou a, as, as aulas que tinham nesse curso e eu achei interessante e ficou nisso, aí teve uma reunião do Movimento Negro com um amigo de São Paulo que também tava me acompanhando nessa fase que eu não conseguia sair, então, virtualmente eu conversava, ele conversava muito comigo eee ele falou olha Depoimento 2 em Ribeirão Preto o Movimento Negro vai se reunir pela primeira vez para juntar todos os outros coletivos e eu fui e conheci a Adrian, conheci a Claudete e elas me convidaram para ir num curso de Promotora Legais Populares e aí minha vida se transformou, foi assim que eu voltei mesmo.

28:17 (Susana) – Você falou que você já estava mais forte vamos se dizer e que você precisava ajudar a sociedade e você conseguiu isso que você planejava? Ajudar alguém, mesmo que seja uma pessoa ou várias, você conseguiu isso que você planejava?

28:40 (Depoimento 2) – Assim, eu acho que eu consegui por uma pessoa que tava ao mesmo lado, por essa pessoa só, são várias pessoas que eu acho que a gente mostra como exemplo da gente, a gente acaba conquistando muitas pessoas, mas, tem uma pessoa muito próxima minha agora que sofreu o mesmo tipo de violência que eu sofri eee eu encontrei com ela. **25:04** Aí quando eu comecei a me mexer, eu comecei mesmo sabe, em todo lugar eu estou e fui num Sarau um dia e encontrei com ela, ela era, tinha um relacionamento com uma pessoa que era meio parente meu e aí ela, começamos a conversar, eu comecei, contei para ela o que tava acontecendo comigo, o que tinha acontecido e ela hoje conseguiu, passou por uma depressão muito forte também, mais grave até do que a minha posso falar eee hoje ela tá me acompanhando nos lugares, vai ser Promotora Legal esse ano também né e eu posso dizer que com certeza é um fruto, uma sementinha que eu plantei assim sabe. Claro que ela teve apoio de psi, ela está tendo apoio de psicólogos, tem a família dela que apoia muito, tem várias amigas, mas eu acho que é um exemplo mesmo assim da minha vida que tá servindo pra ela e ela toda hora fala isso também sabe, então, pra mim é muito gratificante.

30:07 (Susana) – E você também acabou de falar da depressão, essa depressão veio, por pausa de tudo que você sofreu como foi isso? Ela foi desenvolvida, por causa desse fator ou foi juntando tudo e veio a depressão?

30:20 (Depoimento 2) – Ahhh foi justamente por isso essa minha depressão, esse meu afastamento mesmo foi ééé motivado por isso.

30:28 (Susana) – Eee qual a importância dessas suas amigas na sua vida? Porque você fala que elas realmente são amigas quando você fala. Como elas te ajudaram a se levantar, ficar mais forte. Qual a importância delas na sua vida?

30:46 (Depoimento 2) – Olha eu acho que não tem uma coisa mais agradável na vida do que você poder confiar numa pessoa sabe eee quando você encontra pessoas que você pode confiar, contar as coisas que acontece na sua vida e a pessoa vai te ajudar dando conselho ó "vai, tá certo" ou "não, para" né, ééé porque não é só incentivo, amizade precisa ter o carinho e o cuidado de não colocar a outra pessoa em perigo e em risco né. Então, essas amigas para mim ééé são fundamentais assim, minha irmã tá longe agora, morando em outro país, então, ééé claro que eu converso com a minha irmã todo dia até, mas ter uma pessoa próxima para te abraçar, pra te falar que você pode, "vai lá e faz" ééé, por exemplo, o ano passado eu vim fazer meu primeiro seminário aqui na Unaerp no dia da Consciência Negra, para mim, isso foi incentivo da Adrian, da Cláudia, da Claudete, da Silvia, da minha mãe é claro, mas, são pessoas que acreditam em você. Então, acho que é isso a amizade também, não só o amor, acreditar na outra pessoa, cuidar dela e confiar.

32:07 (Susana) – Qual foi o limite que você falou assim "não, não dá mais"?

32:34 (Depoimento 2) – Ahhh teve, teve, teve, teve sim... Teve uma situação que eu achei que estava grávida, fiquei mais ou menos um mês fazendo exames, porque dava inconclusivo, e aí isso foi numa sexta-feira saiu o resultado final, não, não tá e na sexta-feira isso de dia. Na sexta-feira à noite eu conversei com ele e ele assim ia na padaria me avisava né, ia um pouco mais longe buscava e levava onde precisava ir, ele sumiu. Conversei com ele na sexta-feira à noite, depois sábado nada, mandava mensagem não respondia, domingo nada e no domingo à noite, eu liguei na casa dele né para a mãe para perguntar. Aí ela falou uai viajou, aí para mim esse foi o limite, foi onde, foi quando eu terminei com ele né, terminei mesmo. Ainda tentou, tentou voltar ééé fiquei com ele mais umas duas vezes depois que eu terminei, mas aí depois passado seis meses que eu o reencontrei mesmo ééé depois de algum tempo sem ver, aí foi que aconteceu a violência física. **33:43** Mas, o limite foi esse, dele ter ido viajar depois de tudo que aconteceu, sem me falar eee era mais uma daquelas viagens que ele vazia para ficar com outra pessoa sabe assim, não por isso também, mas, foi a falta de consideração que para mim já não dava mais de todas as outras que eu já tinha passado, de tudo que eu já ouvi, essa para mim foi o limite e foi aonde eu resolvi terminar mesmo.

34:19 (Susana) – Quais foram as palavras que ele te falava que mais te marcou? Aquelas que você ouvia diariamente.

34:30 (Depoimento 2) – Ahhh eram assim na realidade, coisas que ele falava, que ele não me falava, que ele falava de outras mulheres e em mim ele não via nunca né. Eu ouvia até de pessoas que tavam próximas da gente, assim, ele junto, as pessoas falando alguma coisa positiva a meu respeito e ele nunca. Eee as outras pessoas eram sempre maravilhosas, as outras mulheres, não que elas não fossem mesmo, mas eu nunca. Então, acho que mais as coisas que ele não me falava me marcaram mais eee também o fato de eu ter algumas vezes ter pedido sabe assim para ter um relacionamento verdadeiro, normal com ele. Não é que eu seja uma pessoa adolescente que quer ficar beijando em público nada, mas um relacionamento de uma pessoa normal né eee acho que essas coisas assim ééé pesado sabe.

35:30 (Susana) – Como você se sentia depois de uma agressão assim a psicológica no caso, porque a física você sofreu uma vez. Como você se sentia? Ele pedia desculpas? Dependendo quando você falava "nossa! Mas, por que você está me falando isso? Não faz sentido".

35:44 (Depoimento 2) – Não, eu achava que só ele tava certo.

35:47 (Susana) – E você se sentia muito para baixo? Você chegava a chorar, se esconder em um canto para ele não te ver chorando?

35:49 (Depoimento 2) – Muito! Não, eu chegava a chorar inclusive nas aulas que eu fazia com ele né, porque nas aulas tinham outras pessoas também, mas, eu sempre era a pior. Gritava comigo, porque eu tava errada, que não era assim, que eu era teimosa, que eu não podia responder, não podia dar a minha opinião em nada assim durante as aulas, por exemplo.

36:14 Eu tenho minha opinião independente do lugar que eu esteja ééé e outra, é um diálogo também né, eee não, era uma imposição assim em cima de mim, eu não podia, por exemplo, dependendo da roupa que eu estivesse não podia treinar. Dependendo da roupa que eu estivesse não podia sair com ele, ele pegava mototáxi ia sozinho e me deixava na porta plantada da casa dele, pronta.

36:42 (Susana) – Teve alguma vez que ele, por exemplo, você tinha um batom e ele quebrou seu batom, porque você não podia sair com aquele tipo de batom ou rasgou uma roupa sua, porque esse não era o tipo de roupa para você usar com ele?

36:52 (Depoimento 2) – Não, ele não fazia isso, ele só simplesmente, por exemplo, se eu estivesse com uma saia curta, que não é uma coisa muito curta, que eu nem vou usar, ele não me levava, ele me deixava e falava você não vai. Me deixava e ia sozinho.

37:17 (Susana) – Pensando em você e nas outras mulheres, porque você acha que a mulher demora tanto para denunciar ou outras, às vezes nem denunciam?

37:25 (Depoimento 2) – Então, muitas tem acho que medo né. Tem vários casos né, muitas mulheres tem medo da reação depois né, ééé porque tem homem que não aceita mesmo ser denunciado, acha que ele está certo, ééé tem mulheres também que tem a preocupação de não ééé ter um processo contra o marido ou namorado ou pessoa que tem relacionamento, porque ééé isso pode causar, pode causar algum problema para ele né, e às vezes é um pai, pai do filho dela, alguma coisa assim né, acontece muito também.

38:11 (Susana) – Você se considera 100% recuperada ou você acha que ainda falta muito para você conseguir ou também, você acha assim que é uma coisa que você conseguiu superar, mas nunca vai ser 100%. Como que é isso?

38:32 (Depoimento 2) – Ahhh não, eu estou bem melhor né, curada acho que a gente nunca vai ficar mesmo, não sei. Assim, a maioria das mulheres que eu, com quem eu converso que são vítimas assim de violência física, psicológica não recupera. Ela pode ééé continuar a vida, ééé eu tô bem melhor agora, com certeza. Mas, esquecer não esquece e a cicatriz, e a marca mesmo da ferida vai estar sempre ali né, sempre. Às vezes você vê uma pessoa, ééé às vezes é uma palavra, uma situação, um lugar, sempre é um gatilho para você lembrar da situação.

39:24 (Susana) – Atualmente a violência está crescendo muito, principalmente no Brasil, ééé qual a importância que você acha dos pais discutirem com seus filhos sobre a violência? Seja menino ou menina.

39:33 (Depoimento 2) – É fundamental né falar sobre esse assunto, porque, principalmente com as crianças, não só os pais, eu acho que a escola também tem papel fundamental né, os dois. A escola e os pais são importantes, porque na escola se reproduz muito o que se pega de cada família na realidade né, então, ééé às vezes a criança vê a outra e acha natural aquele comportamento e aí em casa, o pai não reforça, não fala, não explica direito que, que não é legal ser assim com amigo, amiga né, então, acho que seria um trabalho conjunto.

40:18 (Susana) – Eee o que você espera do seu futuro? Profissão, sonho, ééé projetos. Como você imagina o futuro?

40:29 (Depoimento 2) – Ahhh eu espero que tudo... Ahhh eu espero assim na realidade ajudar muita gente sabe e isso sem diferença de idade, de classe, raça, etnia, sexualidade. Eu acho que ééé uma pessoa serve de exemplo para várias coisas assim, para várias situações na realidade, não coisas, situações. Então, acho que se eu conseguir ajudar o máximo de pessoas que eu puder com meu exemplo, com a minha luta né que a gente chegou, que agora eu tô envolvida em vários projetos, várias, então, eu acho que esse é meu objetivo maior.

41:36 (Susana) – Você sofreu primeiro a violência psicológica. Você lembra assim da primeira violência que chegou a sofrer?

41:45 (Depoimento 2) – Ahhh a primeira foi quando eu descobri que ele tinha, que ele tava me traindo a primeira vez, acho que foi a pior assim que eu me lembre, pode ter outras coisas que eu não tenha percebido, mas, quando eu descobri mesmo, peguei a prova assim na mão sabe, foi a pior né e ainda assim, continuei com ele assim sabe, porque ficou insistindo e eu gostava dele né, não posso falar que não gostava, senão, eu gostava também, principalmente no começo. Eu acho que até mais no começo do que no final, que no final eu não sei, parecia que eu tava até me torturando sabe, essa é a impressão que eu tenho hoje sabe, porque eu tava vendo que não tava certo que não ia me levar a nada, que eu tava perdendo o meu tempo, que não era pessoa para mim, também não, também tinha isso, eu percebia que eu não queria aquela pessoa do meu lado, aquele tipo de comportamento que eu via que ele tinha com outras pessoas e eu tentar ajudar e mudar sabe a situação e contornar também, e mesmo para as outras pessoas falar que ele não era tão ruim, que ele tinha alguns probleminhas. Mas, que não era assim sabe aquela coisa de ficar passando o pano, é isso, essa é a palavra mesmo.

42:59 (Susana) – E você falou da traição. Provavelmente você chegou a comentar com ele e o que foi que ele te falou que você lembre que foi violência psicológica?

43:08 (Depoimento 2) – Tem outra coisa que ele fazia muito também que era um tipo de violência que ele fazia. Desse caso, por exemplo, primeiro ele negou, negou que não era e depois ele falou que era, que tinha ficado, mas, que nunca mais **43:24** e esse jogo de sim e não também que acontecia muito, era uma coisa terrível, porque você pensa assim "ahhh não, acho que não" ou então, "ahhh foi sim, mas já passou" sabe, então, é uma coisa, é uma tortura mesmo na realidade esse tipo de comportamento. Ele tinha muito disso sabe, de falar uma coisa, éééé concordar, falar que sim e depois falar que não e deixar isso no ar, tipo, você resolve, o que você quer fazer. Sabe assim, jogava para mim a situação eee eu não conseguia sair né na realidade né, perdoava, achava que perdoava, porque você nunca perdoa também totalmente eu acho né, porque sempre machuca, você saber que você tinha um acordo com uma pessoa e esse acordo foi quebrado, porque eu não poderia nunca, nunca ficar com outra pessoa, imagina né. Tanto que era assim onde você tá, onde você foi, com quem e ele não, me deixa livre. Então, né foi bem assim.

2º Dia (05/08/19) – Elza Alves de Lima

00:01 (Susana) – Me conta como vocês se conheceram, se ele sempre foi agressivo ou se ele era tranquilo e depois foi mostrando quem ele era, como foi isso?

00:09 (Elza) – Eu trabalhava, onde eu trabalhava eu conheci né ele, porque comecei a ir para igreja e alguém sugeriu que eu levasse ele para igreja comigo e eu levei. Daí ele ia para igreja e nós começamos a nos relacionar. **00:27** Então, no começo não era violento. Mas, uma semana antes de casar ele me deu um tapa no rosto, aí eu peguei e ele falou "ahhh é a presa de ter você e não sei o que lá" e eu acreditei e casei.

00:43 (Susana) – Eee você falou antes de casar, mas porque ele te deu um tapa na cara? Foi assim do nada?

00:48 (Elza) – Do nada, do nada. Conversando, não lembro o assunto e me deu um tapa.

00:54 (Susana) – Entendi... E você lembra, essa foi a primeira agressão e depois de casado como foi? Como que foi que ele começou a ficar agressivo, como que era?

01:02 (Elza) – Antes de casar ele era bem ciumento, bom... Aí depois, quando tava casado, uma semana depois ele me bateu, uma semana depois de casado.

01:16 (Susana) – Você falou que foi agredida uma semana depois do casamento e como que foi? Teve algum motivo também?

01:36 (Elza) – Ahhh ele falou. Ele gostava de fazer ciúmes pra mim, pra me sentir ciumenta, porque ele tava no trem, a gente pegava trem naquele tempo em São Paulo eee passou a mão numa senhora muito bonita sabe, essa senhoras que parecem jovem. **01:52** Então, ele falou isso, eu fiquei brava, porque poxa né, fiquei brava com ele e ele me deu um tapa, me deu um tapa na cara de novo e eu deixei passar.

02:02 (Susana) – E como você se sentiu? Porque antes a desculpa foi que era presa de casar com você e depois ele te deu um motivo para você ficar brava.

02:10 (Elza) – Sim... Que eu tinha entrado numa fria. Mas, não quis voltar para trás, falei "vamo tocar o barco agora".

02:19 (Susana) – Você falou que viu que tinha entrado numa fria, mas, por que você quis continuar? Era medo às vezes de ter que voltar para casa dos seus pais?

02:26 (Elza) – Isso! Medo de voltar pra casa dos pais, vergonha de voltar né eee não tinha assim perspectiva apesar de ter um ser, de ter um trabalho bom, mas não tinha sonho que eu pudesse tocar a vida sabe, na minha cabeça não passava isso.

02:43 (Susana) – Alguém ficou sabendo que você era agredida? Como que era isso?

02:49 (Elza) – Eu escondia as marcas assim eu punha blusa de manga comprida. Mas, um dia a minha tia viu e falou pro meu pai.

04:20 (Susana) – Te perguntei se as pessoas sabiam que você era agredida ou não, aí você falou que costumava esconder as marcas, como que era isso? Aí você pode começar contando de novo.

04:26 (Elza) – Olha, eu trabalhava no banco sabe naquela época eee como eu falei morava em São Paulo, trabalhava lá na Lapa eee eu ia trabalhar de manhã eee nessa época ele foi transferido para trabalhar à noite eee ele me encontrava às vezes com alguma roupa que eu ia trabalhar e fazia eu voltar pra casa pra trocar pra aquela roupa, aí eu voltava. **04:50** Eu voltava eu não sei, ficava bobinha assim né eee isso foi me prejudicando no banco, no serviço, porque as pessoas achavam que eu era irresponsável né, porque um dia eu faltava, no outro dia eu chegava atrasada, normalmente até faltava, porque voltava pra casa, **05:05** aí nisso levava uns tapa bem grande, deitava, ficava deitada, dormia sabe, dormia... Deitava né deu trabalhar. Aí que mais?

05:18 Aí depois eu engravidei e perdi... E no dia que eu perdi, que eu perdi a gravidez, ele fez uma comida lá e falou pra mim comer, eu não queria e ele me jogou água fria na cama, aí eu não lembro se eu comi... Aquilo lá né. **05:39** Aí eu perdi aquela noite a criança né, passou, engravidei de novo daí ele ligou no serviço que eu trabalhava e falou pro meu chefe que ia levar o nome do meu chefe no Sindicato dos Bancários, aquele tempo sindicato era coisa muito séria, prejudicava muito, mas, eu não falei nada disso, ele inventou e meu chefe ficou assim bem com um... Esquisito comigo sabe, porque achava que eu que tava reclamando, porque às vezes eu saía um pouquinho fora do horário. **06:10** Um pouquinho que eu demorasse pra chegar né... E daí criou um ambiente muito ruim no meu trabalho... Eu tinha vergonha, aí eu não me arrumava bem pra ir trabalhar, aí as amigas sugeriam eu sabia que era pra me, pra me, me arrumar melhor um pouco né. **06:29** Eu fiquei com a cabeça tão assim que um dia eu fui trabalhar com dois vestidos, um por cima do outro, nem tão assim que eu tava assim, fazendo as coisas no automático sabe.

06:42 Aí num dia eu tava na estação de trem lá na Lapa, eu tava olhando pro lado assim e ele chegou de repente, aí falou que eu tava olhando, paquerando não sei quem, mordeu meu rosto. Mordeu meu rosto e eu continuei, era muita coisa. **06:59** Aí um dia eu desci da agência que eu trabalhava, com as pessoas do lado tinha um rapaz do lado, tinha mais moça, aí ele também brigou bastante comigo, não lembro o que aconteceu mais. Foram muitas coisas sabe, muitas agressões, aí foram tantas agressões **07:22** só que uma vez eu ia pra igreja e um dia acabou o culto e tinha um vizinho que trazia a gente, era costume, como era longe, ele levava várias pessoas primeiro em casa, então, era um costume já e a pessoa conhecida à muitos anos e na caminhonete e na parte de cima colocava as crianças sabe e eu tava dentro e ele chegou, ele tinha saído do banco, ele entrou num outro, num outro, num outro serviço, outra, outra, outra empresa. **07:52** Ele chegou e viu, “quem que trouxe você?”, eu falei a pessoa tal né que trouxe como era de costume trazer, aí ele pegou um guarda-chuva de ponta fina e ia me dar

nas costas, assim do lado sabe, aí eu fingi que morri, é claro. **08:10** Aí saí correndo, corri, corri, sumi, aí voltei pra casa, aí nisso meu pai ficou sabendo, porque ele foi xingar meu pai, xingar meu vizinho que levou em casa, aí meu pai falou pra mim "separa né, vai no Fórum". **08:29** Mas, aí eu pensava assim "poxa! Namorei com quem eu quis, namorei bastante. Vou separar desse cara..." e daí, aí já tava com dois filhos já, o menino e a menina, aí eu falei "vou voltar pra casa? Tenho um irmão pequeno ainda" e ele falava que ia matar minha família, acho que minha família não merece isso, não merece. **08:52** Eu acho que as mulheres não devem correr pra casa dos pais sabe, porque no fim acaba matando pai, mãe, filho, aí eu aguentei. **09:03** Naquele tempo não se falava em denunciar né, então, eu mudei pra Ribeirão Preto e aqui em Ribeirão Preto ele falou que "você vai ver desgraçada o que eu vou fazer com você", isso atoa, "quando chegar lá", quer dizer, aqui eu tava longe de família né, longe da família dele e longe da minha.

09:21 Mas, nós chegamo aqui, ele construiu e a gente foi tocando a vida e eu tendo filho né. Eu tive 6 filhos, eu tenho eee essa casa mesmo aqui um dia, a gente tinha uma casa lá em São Paulo, uma casinha ele vendeu a casinha lá, nós vendemos, eu assinei também eee como o pai dele ajudou muito na construção da casa, no acabamento, eu disse pra ele assim "ajuda, dá um dinheiro pro seu pai né", aí ele falou pra mim "não. Não vou dar dinheiro pro meu pai não, porque meus irmãos vão gastar", e eu falei "dá o dinheiro pro seu pai", porque o pai ajudou demais e não tinha onde ficar, aí ele falou "não vou dar não", daí eu falei "então dá ladrão", falei mesmo, gritei "ladrão! Dá o dinheiro", aí ele não gostou e deu um soco no meu rosto, aí foi a primeira vez que eu fiz uma, um B.O., aí eu fui na delegacia aqui na Duque de Caxias na época era né, sorte que tinha vale transporte, não, vale refeição tinha e com aquele lá eu paguei o táxi sabe, fui, tava com seis meses de grávida, voltei. Isso já fez 24 anos já, faz tempo né? **10:37** Eee eu voltei, a polícia me trouxe e eu continuei e daquele soco a criança, eu tava com seis meses de gravidez, ela ficou sem mexer um dia é, aí continuei, a criança nasceu. Bom... Teve mais, foi a penúltima, caramba! Quanto filho! Aí tive mais um filho, tive o sétimo filho, Gabriel o nome dele. **11:08** Eee com três meses né, faltava uma semana pra completar três meses ele amanheceu morto, morto é, uma coisa na noite assim eee eu como que é? Eu peguei a criança né, levamo pro, pro, posto e ele mandou eu cantar, tipo assim "canta!", tipo assim, o cachorro... Ééé "canta!" e eu cantei, de tão boba que eu tava ficando eu cantei um pouquinho, depois eu falei "não! Eu não consigo cantar", com neném morto no colo. **11:50** Levei pro, po, Posto de Saúde na Vila Virgínia, tava morto já e eu, a criança enterrou e aquilo lá fez com que eu abrisse meus, minha cabeça sabe. **12:05** Caramba! Que que eu tô fazendo nessa Terra? Né. A pessoa ganha bem e a gente nunca tem nada, gasta tudo,

é as crianças não tem, a casa não é acabada nada, “que que eu tô fazendo aqui?”, aí aquilo lá sabe a minha mente abriu sabe e aí eu procurei... Não, ainda tem mais coisa que aconteceu pra chegar nisso. **12:26** Minha cabeça foi abrindo, nisso quando fazia 40 dias que a criança tinha morrido, nós fomos numa festa, num casamento e nesse, nesse carro, aquelas carrão antigo grandão, cabia muita gente, ele encheu a, o carro de pessoas e eu falei “não cabe mais”, aí não gostou, eu falei “não cabe mais ninguém não. Não leva mais ninguém não”, aí não gostou, que ele foi assim, tipo assim eu fui contra a autoridade né eee aí nós fomos até... Deixa eu lembrar... Até a festa é, isso mesmo, deixamos as pessoas que ele deu carona na festa, numa chácara **13:18** e na volta, ele me deu um soco no nariz, assim, nessa parte aqui assim, tão forte, tão forte só que eu não fiz nada, porque eu fiquei com medo das crianças dentro do carro, falei “se eu fizer alguma coisa, tenho medo que ele jogue o carro na ponte”, tinha uma, uma, uma ponte assim aqui na Lusitânia, aqui no Parque Ribeirão e eu fiquei com medo e eu fiquei quieta, com a dor insuportável. **13:48** Nisso até quebrou meu dente, não o dente, o tratamento que eu tinha feito na sexta-feira tinha feito dente... E quebrou. Quando chegou aqui, ele falou “você vai ver o que eu vou te fazer sua desgraçada” aqui em casa, aí nas casas, não tinha casas do lado aqui, só tinha nossa casa e os terrenos eram baldios do lado. **14:10** Aí nisso meu filho, ele tinha uns não sei se 11 anos, 10, 12 anos, não sei, eu não lembro a idade agora pra falar a verdade, tenho que fazer conta agora, **14:18** Aí ele puuu falou “vô chama a polícia, cê vai matar a minha mãe” e foi pular o muro pra ir atrás, **14:26** Eu sou muito grata a isso que ele fez por mim sabe eee aí ele parou de agredir, quer dizer, não agrediu mais. Não sei o que ele ia fazer. **14:42** Bom... Isso aconteceu num sábado, eu tinha, aí o casamento tava rolando lá na chácara, fez eu voltar junto com as crianças pra essa festa.

14:53 Na festa, eu falei pra pessoa assim “ele quebrou meu dente, tal”, então, as pessoas achavam que eu não tava batendo bem da cabeça, porque como que quebrou o dente, cê tá junto com a pessoa né, cê tá na festa, então, parecia que eu tava inventando sabe, mas, era verdade. Bom... Aí passou quando foi na segunda-feira, eu tinha dentista de novo, dentista, aí eu cheguei lá eu tava quietinha, sentada, a dentista falou pra mim “que foi? Que aconteceu?”, bri, brincou comigo. Ela usou um termo bem legal, bem engraçado, ela falou assim “brigou com o namorado?”, uma coisa assim ela brincou, eu falei “por incrível que pareça... Briguei e ele quebrou meu dente”, aí ela falou assim “te peguei José”, tipo assim, porque ela conhecia ele, ele era muito simpático sabe quando ia no consultório dele e nesse consultório que era um convênio que tinha com a empresa ia muito amigo dele, pessoas, funcionários, aí eles contaram pros funcionários **15:56** “olha, o fulano aqui, é simpático, muito simpático, mas, em casa bate na mulher” e nisso, essa conversa foi chegando no serviço dele, então, ele ficou com

muita vergonha sabe, vergonha e ele parou de agredir fisicamente... Serviu, porque boletim de ocorrência não resolveu não, **16:17** Aí com a vergonha que ele passou, fez que ele nunca mais houvesse agressão física, porém, verbais continuaram. São tantas coisas, peraí...

16:38 O dentista, esposo dela, falou pra mim assim, como eu sou grata a eles, nossa! Casal maravilhoso que me ajudou pra abrir a cabeça né. Ele falou "dona Elza, você precisa ir num psicólogo, psiquiatra, porque você perdeu um filho e perder um filho não é uma coisa simples"... **16:59** Aí eu fui, procurei, eu falei "mas, como que eu vou arrumar um psiquiatra?", ele falou "ahhh a empresa tem, tem convênio", aí eu fui, procurei um psiquiatra, tomei antidepressivo, fui, fiquei uns dois anos fazendo tratamento, não pagava nada né, porque era por conta do convênio, fiquei indo e a minha cabeça foi abrindo né, mais um pouco. **17:19** Além de ter aberto, por causa da criança que morreu, aí foi indo tal, procurei ajuda, não que os psiquiatras sugeriu, eu que, que mesma que tomei a decisão, aí fui atrás do advogado, consegui um advogado. **17:36** Aí começou as agressões físicas eee pra fazer medo pra mim, "vou te matar", "da cadeia mesmo se eu não fizer o serviço, eu mando fazer", talvez fosse só ameaça né, mas, não dá pá não acreditar e eu peguei, que que eu fiz? Deixa eu lembrar...

18:01 Entrei com pedido de separação, aí como ele aaa ameaçava, então, eu éééé os oficiais de justiça chegaram aqui pra tirar ele daqui, tiraram ele daqui, senão ele não ia sair né, que ele ia continuar aqui. **18:14** Não queria tá comigo, porque não queria mesmo, mas também não queria que eu fosse embora, aí ele saiu tal... Aí eu fui tocando a vida assim né. **18:26** E nisso... Ele pagava sempre as crianças assim pra sair, pra passear... **18:30** Uma vez tinha um senhor ajudando pôr água aqui, xingou o senhor falou que, xingou na rua não aqui perto... **18:44** Aí eu prestei boletim né, porque... Bom... Passou... **19:04** Isso já faz 11 anos já, não, vai fazer 10, 11 anos, 10 anos certinho... Novembro faz 11 anos já.

19:21 Teve uma festa aqui em casa eee tinha bebida, aí eu fiquei com medo que, eu vi que meu filho tava bebendo bastante, meu genro bebendo bastante eee não queria que acontecesse nada assim por causa de bebida, vi que todo mundo tava muito alegre, eu falei "vou guardar esse vinho" e guardei o vinho. **19:42** No outro dia ele ficou muito bravo, aí ele falou assim pra mim "faz arroz", ele veio brincar com as crianças, que eu sempre deixei ele ter assim contato com os filhos né e ficou brincando na rua aí de bola, tal era um Natal, aí ele falou "faz arroz", eu falei "não", aí não gostou que eu desobedeci a ordem né, mesmo já estando separado e não sei porque estando separada eu sempre deixei ele entrar aqui, quer dizer, eu tenho culpa também, mas, a mulherada normalmente tem culpa de deixar o homem voltar, porque eles prometem e fazem viu! Não pode não acreditar, aí ele veio e ficou bravo, "não

gostei que você", "ahhh me ajuda a comprar frango", ele nem precisa de dinheiro assim que ele ganha bem, aí falei "não vou ajudar", aí ele falou assim "já tô com raiva de você de ter guardado o vinho ontem, não gostei daquilo", menina! **20:34** De repente, esse homem ficou um bicho, saiu, voltou e veio com um pau de vassoura, disse que ia me matar sabe, entrou aqui cheio de parentes, de filhos aqui, só que dizem que os vizinhos, eu nem lembro que os vizinhos ficaram na porta olhando, era natal né, era, era, era um dia de dezembro isso aí, aí dia 25 mesmo, a data não importa né?

21:00 Aí o que aconteceu... Ele veio com um pau pra acabar comigo né, só que a minha filha casada tava com um bebezinho de quarenta dias certinho, foi pra frente, desmaiou, virou uma bagunça. Desmaiou, chamou polícia, aí eu peguei eee que que eu fiz? **21:29** Prestei depoimento depois, pres, pres, fiz o B.O. também na outra, depois de um mês, aí é o B.O. que arquivaram, nunca foi chamado sabe, aí eu fui no Fórum saber porque que não chamava, eu tenho a cópia aí e tudo, tinha sido arquivado, porque como eu demorei dar queixa disse que se fosse tão sério assim eu não teria demorado um mês e arquivou, **21:57** aí eu deixei pra lá, eu toquei a vida né... Vida que segue... Mas, às vezes, até hoje ele ainda faz agressão por telefone às vezes... Só que agora depois de tantos anos já, depois de quase 20 anos que eu... Tô mais assim firme de não deixar ele entrar aqui sabe.

22:25 (Susana) – Voltando um pouco no que você falou. Teve uma vez que você falou que voltou do culto e ele quis te agredir com o guarda-chuva e você saiu correndo, sumiu. Onde você se escondeu? Quem te ajudou?

22:27 (Elza) – Foi assim, ééé não foi, isso aí não foi na estação, isso aí foi na casa, na casa, aí eu já não trabalhava mais no banco, tinha saído já, tinha sido mandado embora já, o chefe não queria nem saber do meu nome. Saí uma pessoa bem... Eles vão saber agora... Eu já tentei falar pra eles, porque eu fazia aquilo sabe, porque eu escondia, eu chegava machucada no serviço, "cai". **22:52** Ahhh a gerente um dia falou pra mim "nossa! Cê cai todo final de semana?"... Cê acaba ficando uma pessoa mentirosa né... Que... Não tem coragem de falar a verdade e se você fala você se sente culpada, é por isso que as mulheres escondi, dá uma culpa, cê acha que você mereceu aquilo sabe. **23:11** Bom, esse dia eu sai, esse dia eu tinha chegado da igreja e eu corri pra igreja, mas eu não tive apoio não, o pastor falou pra mim "você sabe" que, mas também que que ele podia fazer? Vendo bem sabe. Ele falou assim pra mim "você conhece, conhece a pessoa que tem, então, tem que fazer" tipo não vai de carona sabe que ele não gosta né, mas ele também não podia fazer nada sabe, que isso aí a gente que tem que tomar decisão, não é pastor, não é polícia, não é nada, é a mulher que tem que tem que tomar a decisão, fugir largar ele pra lá. **23:47** Eu não escondi, eu escondi assim na igreja,

corri, voltei pra igreja, era longe! Saí correndo. Acho que eu andei, corri mais de dois quilômetros, se eu tivesse continuado talvez hoje eu fosse uma... Podia até participar de uma maratona, porque eu corri.

24:03 (Susana) – E aí ele falou isso pra você né que no caso você tinha que decidir e tal, mas aí você voltou só no outro dia? Como foi isso?

24:12 (Elza) – Voltei no mesmo dia, pra onde que eu ia? Entendeu? Voltei pra casa.

24:17 (Susana) – E aí você falou também do serviço que, então, você acha, você acha não, você tem certeza que o motivo deles terem te demitido foi o fato dele ficar ligando, falando?

24:27 (Elza) – Ligando e eu chegava atrasada, faltando é, faltando muito sabe e também eu tinha ganhado nenê né, tinha passado aquele prazo que você tem pra voltar né eee não era uma funcionária que dava lucro nenhum mais.

24:47 (Susana) – Você falou também que ele ameaçava matar todo mundo, como você se sentia? Assim, porque aí você é acho que foi na época do seu pai, a sua mãe que você falou que não queria voltar pra casa né? Porque já tinha filhos e ele sempre falava que ia matar todo mundo. Como que você ficava mediante as coisas que ele te falava?

25:08 (Elza) – Eu falava, pensava assim, olha... Se ele vai matar minha família, meu pai não tem culpa que eu escolhi ele pra casar, pra casar né, então, meu pai não pode morrer, se é pra morrer tem que ser eu, não eles, eu que escolhi, entendeu?

25:24 (Susana) – E você também falou de um boletim de ocorrência que você fez, do primeiro boletim, ééé esse boletim que a polícia acho que te trouxe na por, não sei se foi esse que a polícia te trouxe na porta.

25:37 (Elza) – Ééé foi o primeiro, foi esse.

25:39 (Susana) – O que aconteceu depois desse boletim?

25:42 (Elza) – Não, esse aí eu acho que ele ia ser chamado, mas ele pediu pelo amor de Deus pra mim retirar tá vendo? Retirar aaa pra não prejudicar ele no trabalho dele, aí eu fui lá e pedi pra, pra parar, não chamar, mas iam chamar pri, o primeiro.

26:00 (Susana) – E aí ele parou de te agredir com você tirando o boletim de ocorrência?

26:05 (Elza) – Não, porque lembra que eu te falei do menino, da criança que tava, que ele quebrou meu dente, não parou. Mas, demorou, não era assim todo dia né, um dia dava pão, um dia, um dia dava, um dia era festa, um dia era... Era soco, entendeu? E não era todo dia.

26:27 (Susana) – E você também falou que acho que ele te bateu não sei também se foi nesse dia do boletim que você já estava grávida de seis meses senão me engano e a criança ficou sem mexer, o que passou na sua cabeça? Por que, por exemplo, você tava esperando um filho dele, ele te agrediu, o que passou assim? “A culpa é dele”? Como foi?

26:46 (Elza) – Não passava nada, eu achava que a culpa ainda era minha sabe, ele tinha razão, entendeu? Eu não obedeci.

26: 57 (Susana) – Então, a todo instante você sempre achou que a culpa fosse sua e nunca dele.

27:00 (Elza) – Sempre... Apesar que dessa... É eu sempre achei que era minha, é isso mesmo.

27:16 (Susana) – Você falou que o seu filho, você perdeu seu filho com três meses mais ou menos?

27:20 (Elza) – Ééé faltando uma semana pra três meses.

27:25 (Susana) – Você falou que a morte dele abriu a sua mente o que começou a passar na sua cabeça que antes não passava e que você só foi enxergar com a morte dele?

27:33 (Elza) – Por que ele ganha bem e a gente não tem uma casa arrumada? Por que as crianças vão pra escola e falta vale transporte, sendo que ele ganha muito bem... Então, essas coisas sabe e eu? E eu o que eu tô fazendo apanhando? Aí sei lá essas coisas passou na minha cabeça né, começou, a cabeça ficou mais, acho que mais leve sei lá, ahhh uma luz que entrou na minha cabeça né que aquilo não era normal.

28:08 (Susana) – Você também falou da festa que ele te deu um soco no nariz no carro. Por que ele te deu esse soco no nariz com as crianças no carro?

28:20 (Elza) – Ahhh porque eu tinha desobedecido ele no caso, que eu fiz ele passar vergonha, porque tinha, as pessoas iam entrar no carro e eu falei pra não pôr mais ninguém, então, tipo assim, ela fez isso perto dos outros né ela tal.

28:34 (Susana) – Os seus filhos sempre viam ele te agredindo? Como que era isso?

28:39 (Elza) – Ahhh as crianças viam sim, quando não viam escutavam.

28:42 (Susana) – O que você falava pra eles depois, por exemplo, quando elas chegavam e perguntavam o que estava acontecendo?

28:50 (Elza) – Deixa eu te falar, eu sinceramente eu, algumas coisas na minha vida eu não lembro mais, tanta coisa boa que eu sei que aconteceu, passou... É como se uma nuvem assim branca, branca ainda bem que não é negra né, tivesse tampado tudo isso, então, não lembro. Só lembro que uma vez minha filha, ela tem 25 anos, ela falou assim... **29:10** Ahhh lembrei na hora que, que ele deu o soco em mim que a menina estava com seis meses, eu tinha outra pequenininha, ele subiu com a menininha no colo, ela olhou no outro dia e falou assim "o pai é bonzinho né?", tipo assim, irônico né, pequenininha a menina e outra vez ela também falou pra mim "nossa! Parece que o pai tem outra melhor", pequena e nem eu enxergava isso.

29:36 (Susana) – Você acha então que seus filhos enxergavam mais do que você?

29:38 (Elza) – Ééé mais, mais do que eu. Eu tava sei lá o que aconteceu.

29:44 (Susana) – Você falou também que as pessoas achavam que você era louca, você acha que pelo fato de você ter perdido um filho elas achavam que você já não tava muito assim vamos se dizer no planeta Terra assim e se você falava que ele te agredia era coisa da sua cabeça que você já não tava mais sabendo lidar com a situação de ter perdido um filho.

30:06 (Elza) – Eu acho que sim né, porque eu tava pensando aqui, pensei agora né... É um monte de gente, porque eu chorava muito né, comecei chora, chora, chora chegava chorando, aí a pessoa falava "não tá batendo bem né", não devia tá mesmo mais né... Mas, hoje eu tô batendo bem viu.

30:26 (Susana) – E você também falou que ele parou na época de te agredir fisicamente, mas ele continuava verbalmente. O que ele te falava verbalmente?

30:39 (Elza) – Desgraçada, vagabunda.

30:48 (Susana) – E isso acontecia só dentro de casa ou no meio da rua, em qualquer lugar?

30:53 (Elza) – Mais era dentro de casa, porque fora ele era muito simpático né, muito sorridente, muito alto astral.

31:02 (Susana) – Você chegou a contar, por exemplo, para algum amigo dele ou parente próximo dele que ele te agredia e a pessoa falou que era coisa da sua cabeça, que ele era assim mesmo ou algo do tipo?

31:13 (Elza) – Não... Quando nós, quando eu separei né, daí que eu falava, aí as pessoas falava, nunca, nunca, nunca davam bola, nunca ligavam sabe, tipo assim ele era assim mesmo, fulano é assim mesmo, sempre foi nervosinho quando era criança sabe.

31:32 (Susana) – Você também falou dos dentistas né, que foi a dentista que te falou que você estava sendo agredida, que você estava sofrendo violência. É uma dentista e um dentista, são um casal, qual a importância deles na sua vida de abrir a sua mente?

31:48 (Elza) – Meus heróis! Eles precisam saber disso, eu preciso voltar neles e falar, talvez eles estejam aposentados já, não sei, mas eles são aqui de Ribeirão Preto, preciso voltar e dizer pra eles "olha, vocês salvaram a minha vida e das minhas meninas né, porque todas estão estudando", uma faz psicologia, outra agrônoma, todas estudando, tudo escolheram os cursos e foram embora, assim, foram embora, porque estudam fora né.

32:34 (Susana) – Você também falou que ele te batia e xingava né, mas perto das pessoas você falou que ele não fazia né?

32:32 (Elza) – Não, ééé fez uma vez, perto do, mas não bateu... Xingou. Perto da minha mãe e do meu pai, na festa de 15 anos da minha filha mais velha, eles foram embora pra casa, lá pra Caieiras eles moram. Ele xingou minha irmã, meu cunhado, falou pra minha irmã que ela não foi convidada, só meu cunhado, aí eles foram embora.

32:56 (Susana) – E ele também te agrediu, xingou nesse dia ou não?

33:00 (Elza) – Xingou, porque eu falei "para de brigar" com aquela voz mais boba do mundo assim "aiii para de brigar" né que nem quem tá morto, aí ele pegou e xingou também. "Ahhh se quiser ir embora vai junto também" sabe.

33:16 (Susana) – Nesse momento pelo que você conta sua família sabia que você sofria um tipo de violência, mas, eles te falavam "separa dele", "volta pra casa", você tinha algum tipo de apoio, como que era?

33:29 (Elza) – Ahhh foi assim, foi assim... Meu pai sempre, porque daqui onde eles moram é 400km, meu pai vinha de vez em quando ver assim. Chegava, conversava tal, não perguntava nada pra mim, só que um dia minha mãe veio aqui e eu conversei com ela. Ahhh o meu pai foi nada aqui no rio da Onça, meu pai gostava e eu fiquei com a minha mãe aqui, aí eu falei um negócio pra minha mãe, aí eu falei "aconteceu assim, assado" que eu não lembro o que aconteceu mais, minha mãe falou assim "vai esperar o que mais desse casamento?", menina do céu! Foi aí que eu fui... Lembrei! Aí que eu fui na, no advogado. Ela falou isso no domingo, na segunda eu já fui. Ajudou muito, preciso falar isso pra ela né... Que foi bom.

34:14 (Susana) – Você falou que ele vinha, que você deixava ele entrar para conversar com os filhos e hoje? Ele ainda tem contato com os filhos ou era só naquela época?

34:29 (Elza) – Agora ele tem contato só com meu filho só, as meninas não, porque, não por causa de mim, por causa dele não valorizar o que elas fazem, o que elas estudam sabe e por causa também de ahhh não apoia né.

34:48 (Susana) – Você acha que suas filhas sentem falta de ter um pai de verdade né?

34:56 (Elza) – Ahhh sim, claro! Minha filha tem falta de que meus netos tenham um vô sabe.

34:06 (Susana) – Você também falou do juiz né, que quando você foi fazer o boletim de ocorrência, que ele foi fazer a audiência né ou uma coisa assim, como que foi ele te falou que pelo tempo que você demorou talvez não era tão grave assim?

35:30 (Elza) – É assim, eu fiz o boletim de ocorrência, porque ele veio com o pau pra bater lembra? Que a milha filha caiu, tudo, ooo, eu demorei um mês pra dar queixa... E daí, ahhh eu preciso chegar nesse assunto, legal falar isso aí. Ele falou, ele, ele, eu, eu, não chegou a ter audiência, eu fui no Fórum, porque nunca chamavam, a delegacia da mulher chamou, mas, o Fórum nunca chamava, porque eu mandei, botei pra quebrar né, só que o Fórum nunca chamava, um dia eu fui lá e falei "o que aconteceu que não chama?", aí aaa, a pessoa olhou e falou "esse processo tá arquivado", eu falei "desarquiva pra ver", aí acho que eu devo ter até a cópia aí, aí ela desarquivou pra mim ver que como eu demorei muito tá escrito lá, se você pegar pelo número, vai, não sei, deve ter arquivado né, onze anos já, ééé falou assim... Como

que é? **36:24** Demorou tanto pra dar queixa, então, não foi nada. Então, é melhor a pessoa que no caso tem um emprego, ele tava aposentado já né, mas, um emprego bom né. Então, tipo assim tem um emprego bom, ele não pre, não tava escrito isso, eu tô falando assim né, então, vamo arquivar...

36:41 E também teve um problema, ele ia tirar a pensão, ia diminuir a pensão, como eu demorei um mês ficou assim, ela, ele colocou que eu tava brava, dando queixa, por causa da pensão que ele ia diminuir, então, ficou assim sabe... Eu tava brava, porque como ia diminuir o dinheiro da pensão, então, por isso que eu dei aquela queixa também, não foi, porque, porque doeu.

37:12 (Susana) – Você falou que foi um juiz né? Ou foi mulher?

37:14 (Elza) – Não, foi um juiz.

37:16 (Susana) – E você acha que ele acreditou mais na palavra do seu ex-marido?

37:23 (Elza) – Olha... Eu acho que ele tem, eu acho que ele tem muito conhecimento no Fórum e ele conseguiu que arquivasse lá sabe, eu não sei o que ele fez, porque ele tem muito conhecimento e isso aí ajuda, porque ele trabalhava num serviço melhor que o Fórum até sabe, então, ele tem muito conhecimento lá e algumas pessoas chegava e falava pras meninas "vi teu pai no Fórum", a gente não sabia de nada, não saia de lá, porque ele já tava aposentado, então, não sei como que foi, sei que foi arquivado.

37:59 (Susana) – Como você se sentiu quando o juiz te falou isso que não era tão grave assim?

38:04 (Elza) – Ele não me falou, tava escrito né, é como se falasse né. Ahhh eu senti que... O que eu senti? Sei lá, que não adianta fazer den sabe, mas eu acredito que adianta denunciar sim, mas, na hora dá impressão que nada, que não, que é, como que fala... É uma coisa que você perdeu tempo só, mas não é não sabe.

38:27 (Susana) – Você sente então que é como se fosse pra fazer você, pra fazer uma mulher desistir? É isso?

38:32 (Elza) – Aham.

38:35 (Susana) – Você falou que ele ligava ou liga ainda e te ofende por telefone né?

38:42 (Elza) – Às vezes ele liga sim.

38:44 (Susana) – Por que ele te liga e por que que você atende?

38:48 (Elza) – Porque não é que eu sou boba, uns problemas do meu filho sabe que fala com ele, eu fico com um pouco de dó, por causa do meu filho assim né, aí deixo. A última vez que ele ficou bravo foi porque acho que ele quer tirar a pensão de uma filha que eu tenho lá em São Paulo que ela já se formou já né, se ele quiser tirar ela já tá trabalhando já, então, ele

como ele não sabe como fazer, então, ele quer motivo, aí ele, ele ligou aqui e falou pra mim pra mandar o documento das meninas, mas é tudo mentira sabe, elas estudam ainda... Que... Manda os documentos tal, pra tirar a pensão no caso, pra diminuir né, mais ainda. Ele ganha bem pra caramba, dava pra deixar né as meninas crescer, ééé vai ser bom pra ele mesmo no futuro quando tiver velhinho, aí ele vai precisar delas, porque ele não tem ninguém sabe assim que é amigo dele eee aí ligou, porque eu tenho umas duas, três casinhas de aluguel aqui, três comodozinhos que eu fiz pra ajudar né, aí ele falou que tem morando muitas pessoas aqui feias. Inclusive, não vou usar a palavra que ele usou sabe, é um tipo de racismo "nordestino e bolivianos morando no meu quintal, se mora boliviano e nordestino, ele também pode vir morar aqui", aí eu nem respondi, eu nem respondi.

40:15 Eu também tenho um netinho que acredita nele sabe, filho do meu filho e às vezes a gente faz algumas coisas, por causa dos filhos, por causa dos netos sabe, a gente fica muito ligada à homem por esse motivo também. Se bem que as meninas já... Ponto final. Inclusive, a separação ajudou pra que elas assim soubessem como escolher o homem sabe, porque ele sempre mostra uma... Eee elas tem um pouco de cuidado com a escolha... E também homem não bate nelas não viu! Elas são bem bravas.

40:54 (Susana) – Os seus filhos, suas filhas pediam pra você separar dele?

40:59 (Elza) – Não, eles eram pequenos sabe e não... Eu que tinha que fazer alguma coisa sabe.

41:09 (Susana) – Quantos anos você ficou casada com ele?

41:10 (Elza) – Eu fiquei 18 anos.

PAUSA

41:55 (Susana) – Quando que foi o momento que você falou "agora vou me separar dele, não quero mais ter contato com ele", foi a partir do momento que você fez o boletim? Foi a partir dessa festa?

42:03 (Elza) – Não, essa festa a gente já tava separado já. Ele não tinha nem motivo pra entrar aqui né. **42:15** Eu já tava separada fazia tempo já, já não era pra ter continuado né, ééé ele veio foi no final do ano não tinha onde ficar, coitadinho sabe, tal, tadinho e eu, mas acho que agora eu acordei, será? Depois de tanto anos, acredito.

42:59 (Susana) – Conta pra mim como foi que você se separou dele.

42:43 (Elza) – Ahhh já faz, já fazem 19 anos.

42:46 (Susana) – E teve algum motivo?

42:46 (Elza) – Foi daquela vez, do, do soco, depois de eu quebrar o dente, que os dentistas falaram aquilo lá, que eu fui no psiquiatra, aí que eu separei.

43:00 (Susana) – O psicólogo chegou a te ajudar, ele conseguiu abrir mais a sua mente?
43:04 (Elza) – Eles, eles não falam nada de dar ideia, só vai fazendo pergunta e uma que eu fiquei assim bobinha que eu né, que ele falou pra mim assim "a senhora foi agredida? A senhora é agredida?", aí eu olhei assim e falei "como ele sabe?" pensei né. Pelos meus né, o meu jeito assim ele viu que era uma mulher que tava passando por agressão, aí isso em deixou assim sabe, um pouco feliz "nossa! Ele adivinhou que apanho", aí eu... Mas, ele nunca assim sugeriu vai separar, nunca, eles não falam nada, pelo menos esse né, era um profissional de primeira sabe, não falava "vai separar" não, só vai fazendo pergunta e vai, tua mente vai abrindo né, cê vai conseguindo... Acho que aquelas memórias vem e vai saindo, não sei se é isso, só sei que vai melhorando, cê vai tomando decisão.
43:57 (Susana) – Como que foi esse processo de separação? Como que foi a aceitação dele?
44:04 (Elza) – Acho que no fundo ele queria, mas, ele fingia que não queria sabe eee ele gostou pra ficar livre, gostou pra ficar por aí aprontando, porque ele apronta por aí. Mas, assim, eu falo assim ééé foi doído assim não que eu ficasse, que não gostava mais dele já sabe. Graças a Deus eu não gostava mais e eu fiz as experiências que eu pensava assim eu não quero nenhuma recaída de eu gostar dele e voltar com ele, então, vou separar pra valer se mesmo que ele encontrou aqui, mas comigo nada, nada de tocar a mão em mim, nem chega, porque eu sou bem brava agora nisso aí, nisso não de ter, porque eu acho muito feio a mulher separa depois dorme de novo com o homem, pelo amor de Deus! Para com isso! Sabe, deixa ele entrar aqui mais por causa dos filhos.

ARQUIVO C0032

12:57 Eu tinha um pouco de medo sabe que acontecesse alguma coisa e ele mandar algum malandro fazer alguma coisa comigo, eu tinha medo de verdade, porque ele falava e aquilo que a pessoa fala o coração tá cheio, "vou te matar" o coração tá cheio de ódio. Então, eu tinha medo, disso aí eu tinha muito medo. Hoje eu já não tenho mais medo não, mas, é bom ficar esperto, porque acontece cada caso por aí.
13:29 (Susana) – Você denunciou ele duas vezes é isso?
13:42 (Elza) – Denunciei três vezes né. Uma vez, porque ele me deu um soco. A segunda vez, porque faltava água nesse bairro e o vizinho tava ajudando por água nas caixas, ele falou se o vizinho era o administrador da casa, tudo bem dele falar isso, mas foi na rua, com ele lá no centro xingou meu vizinho e meu vizinho veio me falar, aí eu peguei e denunciei ele, mas, só que nem chamaram dessa vez. A primeira a chamar eu retirei lembra? Não chegaram a

chamar, fui lá e retirei a culpa, a queixa. A segunda não chamaram. A terceira eu fui chamada lá na delegacia da mulher e o papel foi pro Fórum, aí depois eu vi que tava demorando muito pra me chamar lá no Fórum e eu fui ver o que tinha acontecido, porque tava arquivado, foi assim.

14:37 (Susana) – Pensando assim... Em você e nas outras mulheres, por que você acha que a mulher demora tanto pra denunciar ou às vezes nem faz a denúncia?

14:45 (Elza) – Porque a mulher se sente culpa, espera que o homem vai melhorar... Elas às vezes tem filho né, pensa muitos nos filhos né, "como que eu vou criar filho sem pai?" e não sei o que lá, casou pra viver, essas coisas... Talvez só pra mostrar que tem um parceiro, só pra dizer pros outros que tem... Alguém.

15:12 (Susana) – Você acha que a mulher fica independente às vezes do homem? Dependendo financeiramente ou por que ela acha que não consegue mais se encaixar no mundo, na sociedade. Você acha que é mais ou menos isso?

15:25 (Elza) – Eu acho que na realidade toda mulher casa pra viver sabe, a maioria. Ninguém casa assim pra separar, nem achando que vai apanhar sabe. "Acho que vai ser legal", eu penso nisso.

15:44 (Susana) – Você acha que você já superou isso ou você pensa que ééé um dia você vai conseguir superar tudo isso que você viveu? Como que é?

15:54 (Elza) – Eu acho que eu ainda não superei. Tanto é que eu não trabalhei ainda direito sabe e eu fiz uma faculdade e não terminei, assim, as coisas ficam pela metade. Eu não sou uma mulher tão segura ainda... Acho que ainda ficou muita marca ainda.

16:12 (Susana) – Por que você acha que ainda não é tão segura, por exemplo, pra trabalhar? Ou por que você para tudo na metade? O que faz com que você não continue a fazer alguma que está fazendo?

16:25 (Elza) – Eu era uma mulher muito assim, quando eu casei, muito decidida sabe eee trabalhava, vendia roupa, tudo, fazia tudo, sempre tinha dinheiro. **16:38** Eu acho que eu fui tipo assim faz de conta que eu era uma fera, faz de conta e hoje eu sou um sabe, fui domada sabe, ainda não consegui ééé ser aquela águia, vamo falar uma águia né, ainda não consegui levantar aquele voo mesmo sabe, tô calejada, mas ainda tem esperança.

17:00 (Susana) – Você e seus filhos devido a tudo que você viveu, vocês conversam sobre violência? Como é esse assunto dentro de casa?

17:06 (Elza) – Eu converso mais com as meninas sabe, converso bastante, tanto é que elas não vão querer um homem violento pra elas não.

17:16 (Susana) – E o que vocês conversam entre si?

PAUSA

17:56 (Susana) – Sobre o que você e suas filhas conversam assim na questão da violência, o que você orienta elas? Como que é?

18:04 (Elza) – Menina! Eu nem oriento, elas viram tudo eee sabe, mas assim, algumas coisas eu falo, "ô mãe, eu tô...", arruma um namorado pergunta pra mim, eu falo o que eu acho sabe, eu falo "se vocês contarem pra ele o problema é de vocês, mas eu acho isso". **18:20** E sobre violência eu acho que elas viram tanto que nummm, tomam cuidado sabe. Mas, a gente converso sobre todos os assuntos.

18:30 (Susana) – Qual a importância que você acha de falar com elas sobre isso? Assim, apesar que você falou que elas já viam e tal.

18:40 (Elza) – Ahhh pra deixar esperto, vai falando, falando, vai ficando na mente né.

18:45 (Susana) – O que você espera do seu futuro? Projeto, profissão, trabalhar.

18:50 (Elza) – Hoje mesmo eu tô voltando na faculdade. Bom, vocês vieram aqui, tudo bem né. Mas, hoje eu tenho que voltar na faculdade que eu fiz, porque ganhei bolsa do Enem, aí eu fiz pedagogia, só que eu não fiz os estágios obrigatórios. Hoje eu tô voltando lá pra conversar com ooo, a pessoa que libera os estágios. Que mais? Tô indo no psicólogo, porque precisa né pra dar uma aberta na cabeça. Tô fazendo inglês online, eu sempre faço curso online assim sabe eee tô querendo viajar pra Europa.

19:28 (Susana) – Viajar pra Europa sempre foi um sonho seu?

19:31 (Elza) – Não, porque eu tenho vontade de dar uma viajada pra fora assim. Alguém da família vai me dar uma passagem pra Portugal.

19:40 (Susana) – Por que a Europa especificamente?

19:47 (Elza) – Porque é um sonho de criança.

3º Dia (09/08/19) – Roberta Saltori

00:01 (Susana) – Roberta, me conta como que era no início do relacionamento de vocês. Como vocês se conheceram, ele sempre mostrou que era violento ou no começo ele era tranquilo e aí depois ele foi ficando mais violento, fatos que ficaram marcados.

00:15 (Roberta) – Ééé no começo do relacionamento acho que como todo mundo que se apaixona a gente não se apaixona por um cara grosso ou que faz coisa errada né, a gente não se apaixona por um monstro, a gente se apaixona por uma pessoa que a princípio ela parece legal. **00:32** Então, no meu caso, eu achava ele um príncipe assim, ele sempre me tratou muito bem no começo do namoro, fazia tudo por mim, me respeitava bastante, então, eu me

apaixonei por uma pessoa que ele não era, na verdade, era uma máscara que tava ali, só que na hora a gente não vê né. **00:50** Então, quando eu me apaixonei por ele, ele era um cavaleiro, educado, me respeitava muito, me tratava muito bem, tratava bem minha família, meus amigos. No começo, eu não tive muitos, nenhum sinal assim. Hoje, talvez eu perceba que pudessem ter tido alguns sinais, mas, como a gente tá apaixonada e tá no começo da relação, que é o que todo mundo fala que é o auge, eu não percebi. Hoje, olhando pra trás depois de tudo de tudo que eu vivi, eu percebo que ele já dava alguns sinais, mas que tavam mascarados assim pela paixão mesmo.

REPETI A PERGUNTA, POIS, PENSAMOS QUE O ÁUDIO ESTIVESSE COM PROBLEMA

01:24 (Susana) – Roberta, me conta como vocês se conheceram, como que era no início do relacionamento de vocês, se ele sempre foi violento ou não. Como que era?

01:32 (Roberta) – Certo. Ééé eu conheci ele, na verdade, através de um amigo em comum, então, isso é até uma coisa importante de se falar, que a gente acha que as pessoas que vão, podem nos fazer algum mal, às vezes est, estão na rua, são estranhos, conhecem através de aplicativos e não. **01:48** Eu conheci ele no, por meio de um amigo em comum que estudava comigo eee no começo ele me pareceu ser um cara super legal, super bacana, quando a gente começou a sair, ficar junto, ele sempre me respeitou demais, sempre me tratou muito bem, ele era super cavaleiro comigo, me respeitava, respeitava minha família, era super, era uma pessoa super divertida, alegre que todo mundo gostava de ficar perto, então, eu não, não percebi de cara alguns sinais do que eu vir, viria a sofrer depois. **02:21** Eu falo que a gente não se apaixona pelo monstro, a gente se apaixona por um príncipe que tá ali se apresentando pra gente de uma forma bacana né, porque a mulher que sofre violência ou algum tipo de abuso, ela é sempre julgada né, "ahhh, mas você se apaixonou", só que a pessoa não se mostra logo de cara uma pessoa violenta, pelo menos no meu caso não, ele foi bem sedutor, inclusive sabe assim, uma pessoa que pareceu se, ser bem bacana.

02:48 (Susana) – E você se lembra o motivo da primeira agressão, algum fato ou uma agressão que ficou muito marcada que você não consegue esquecer que ele fez?

02:56 (Roberta) – Olha, foram muitas, hoje, depois de muita terapia eu já superei algumas, eu não sofri violência física, mas eu sofri um abuso psicológico, uma violência psicológica que era bem grande. **03:09** Eu lembro da primeira vez que ele foi grosso comi, comigo e hoje, eu percebo que isso já foi um sinal de alerta e foi, a gente já tinha uns meses de namoro, **03:21** eu lembro a primeira vez que ele gritou comigo, foi porque eu queria que ele viesse, a gente morava em cidades diferentes e eu queria que ele passasse meu aniver, o fim de semana

do meu aniversário comigo e ele tinha um compromisso e eu pedi pra ele “ahhh tenta ir no meu aniversário, vou fazer uma festa”, ele “ahhh eu não posso” e “porque eu tenho um compromisso, não vou conseguir desmarcar” e aí eu pedi uma segunda vez e aí isso já foi suficiente pra ele perder a estribeira e, e gritar comigo. **03:49** Assim, ele foi um grosso, gritou comigo, essa foi a primeira vez. **03:55** Hoje, eu olho que eu falo “nossa! Ali eu já devia ter me alertado”, mas, eu não me julgo mais e sou muito, não me culpo mais pelas coisas que aconteceu, sei que a gente faz o que é possível, assim, o que tá ao nosso alcance, essa foi a primeira vez.

04:11 (Susana) – Você também falou da terapia né, que foi muito importante, como que foi esse processo pra você chegar até na terapia, que você entendeu que precisava de ajuda?

04:21 (Roberta) – Olha, na verdade, éééé eu não sei, eu falo tudo o que ele me fez agora?

04:27 (Susana) – Fala o que você tiver vontade de falar.

04:29 (Roberta) – Tá, vô falar. **04:30** Ééé eu fui pra terapia, porque uma pessoa muito querida da minha família já tinha percebido que eu não estava bem, era uma fase que eu, eu já tinha, ali eu já tinha consciência que meu, que eu não queria mais estar com ele, eu não, eu não queria mais viver aquilo, só que eu ainda não tinha condições sozinha de interromper, porque o ciclo do abuso ele é muito engraçado, porque a pessoa, ela te deixa doente, ela é uma pessoa doente, que tem sérios problemas psicológicos e aí varia né, não sou nenhuma especialista pra avaliar. Mas, ela, ela vai cometendo o abuso e vai te deixando tão mal, que acaba, ela destrói sua autoestima e você acha que você não é capaz de conseguir outra pessoa, que ninguém nunca mais vai te amar e que você merece aquilo que ele tá fazendo com você. Então, mesmo já não estando bem à muito tempo, eu, pra você ter uma ideia, **05:32** acho que no último ano de namoro, eu namorei três anos. No último ano de namoro, eu fui dormir chorando todos os dias, por causa de alguma coisa que ele tinha sido grosso comigo no telefone, a gente como morava longe, tinha esse hábito de se falar todo dia a noite e eu ia dormir chorando todos os dias e isso não é o modo de falar, é 365 dias do ano, eu ia dormir chorando, porque ele era grosso comigo de alguma forma no telefone. **05:58** Então, a gente foi fazer uma viagem juntos com a família inteira dele, nesse ponto já tava o relacionamento super desgastado, porque eu comecei a identificar que eu não queria mais aquilo pra mim de jeito nenhum e quando eu voltei dessa viagem uma, uma pessoa da minha família, ela falou “o que tá acontecendo?”, eu falei “ahhh eu não tô bem” e aí ela “olha, eu conheço uma terapeuta, eu acho que vai fazer um bem você ir pra lá” eee ela me indicou, passou uns dias ela me ligou e “e aí? Marcou a terapia?”, eu falei “não, não marquei, não vai dar pra eu ir agora e etc”, e aí eu acho que ela foi um anjo mesmo na minha vida, porque eu desliguei o telefone, passou uns

10 minutos, ela me ligou e falou assim “sexta-feira, seis horas da tarde. Eu marquei e já tá pago”. **06:44** Então, ela pagou a consulta pra mim e eu fui, **06:48** e a terapia também não é fácil né, porque você começa a olhar pra vários aspectos e a terapia me fez relembrar o que eu era e a mulher que eu sempre fui e o que eu sempre quis pra mim. **06:59** Então, foi essencial pra eu ver que aquilo que eu tava vivendo não era uma coisa que eu queria pra minha vida, aquilo que a gente, que ele fazia comigo não era o que eu esperava de um parceiro que eu queria que tivesse comigo e principalmente, fez com que eu recuperasse a minha essência sabe assim, me fez ver, me fez, eu me resgatei no processo terapêutico, então, eu acho que foi fundamental pra que eu conseguisse assim terminar o relacionamento, foi o que me deu forças assim pra terminar.

07:27 (Susana) – Você falou que a terapia te ajudou a você entender, a relembrar você quem era a Roberta. Você pode falar um pouco quem era a Roberta e como a Roberta estava durante esse processo de namoro em que você sofria muito?

07:41 (Roberta) – Posso. Ééé a Roberta sempre foi uma pessoa super autoconfiante, eu sempre confiei muito em mim, eu sempre fui feliz, alegre, eu sempre acordei feliz, eu sempre fui motivada, eu sempre achei que eu podia ter tudo que eu quisesse na minha vida, desde que eu me esforçasse muito, desde que eu estudasse, que a gente tá aqui pra ser feliz, eu sempre fui bem otimista em relação a vida. **08:04** Eee eu tive um outro relacionamento que também foi, foi muito bom nesse sentido pra mim, nós éramos muito parecidos e a gente, uma pessoa que não tinha, nunca tinha me posto pra baixo, então, era isso que eu via como, aiii... Era isso que eu via assim de exemplo de relacionamento eu acho, eu tinha esse outro relacionamento como exemplo e fora os relacionamentos também de amizade, eu sempre fui uma pessoa muito pra cima, muito positiva, muito alegre assim, não me lembro de sofrer as angústias que eu sofria. **08:41** Eee como, com, com o meu ex-namorado, no caso, eu vivia um eterno pisar em ovos, porque eu nunca sabia o que podia deixar ele nervoso, ele tinha dias bons e dias ruins, e os dias ruins eram muito ruins. Então, quando a pessoa é abusiva com você, você nunca sabe o que vai deixar ela irritada, às vezes, é o modo como você muda a xícara de lugar é o suficiente pra ele começar a gritar com você, te chamar de burra, porque você mudou a xícara de um jeito errado. **09:12** Então, você começa a pisar em ovos e é horrível, é horrível, não sei se... Tomara que você não tenha experimentado isso, mas é horrível você não sabe assim se você vai mexer seu cabelo de certa forma que vai deixar ele irritado, porque comigo começou com um ciúmes excessivo, ele começou a implicar com qualquer homem que eu encontrasse na rua e cumprimentasse. Eu não podia cumprimentar o porteiro da minha casa, do meu condomínio, porque ele achava que eu tava dando em cima do porteiro, então,

começou com esses sinais a grosseria sempre depois de um tempo de namoro começou a ser bem frequente, então, e a crítica né. **09:54** Ele me criticava muito, ele me criticava como pessoa, minha roupa, o batom que eu passava, o meu cabelo, meus amigos, meu trabalho, minha profissão, ele criticava minha família, ele criticava meu perfume **10:07** e eu lembro, uma, uma coisa que me magoou muito quando a gente tava namorando, que foi um dia que eu passava, que eu passei um perfume, fui cumprimentar ele na frente de várias pessoas e ele me empurrou assim, mas não ééé fisicamente, sabe quando a pessoa te afasta assim e fez uma cara de nojo, falou assim "nossa! Esse cheiro é horrível, nem chega perto de mim". Então, assim, como isso é jeito de alguém que você, de tratar alguém que você ama e na frente de todo mundo e isso, nossa! Foi uma coisa que ele fez que me marcou bastante assim.

10:44 Eee, por exemplo, também, eu não podia falar nada que ele não concordasse na frente das pessoas, se eu falasse uma coisa que ele não concordava, ele era grosso comigo, falava "nossa! Como você é burra! Você não entende nada sobre isso e fica dando opinião", **10:56** mas, era só o fato deu tá falando uma coisa e ele não concordar ou **11:02** eee eu percebia assim, que quando a atenção tava muito voltada pra mim ou eu tava falando sobre uma área da minha expertise ou uma coisa que eu entendia bastante, ele também criticava muito, porque eu não podia tá certa, então, era, esses eram comportamentos frequentes, uma crítica muito forte **11:21** e tudo que eu fazia, nada tava errado e isso assim, **11:25** até o que eu comia, se a gente ia num restaurante e eu pedi um prato que ele achava que era ruim, ele criticava, me criticava e criticava o prato, mas, depois de um tempo eu comecei a perceber que não era porque ele não gostava do prato, qualquer coisa que eu pedisse que não fosse de acordo com o que ele achava que era bom, ele ia criticar e assim com tudo que eu ia fazia na minha vida, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo.

11:49 (Susana) – Você falou que antes de você começar a se relacionar com ele, você era uma pessoa muito confiante, muito determinada, sabia o que queria. Durante o tempo que você ficou com ele, como você se sentia? Assim, tudo isso foi por água a baixo?

12:02 (Roberta) – Foi. Eu me sentia insegura, eu sentia que... A culpa era minha dele ser assim, porque no começo a gente acha que você conheceu uma pessoa incrível certo? Porque foi como ela se mostrou pra você, a primeira grosseria cê fala "ahhh a pessoa não tava num dia ruim e eu vô tolerar", "a pessoa estava num dia ruim, então, tudo bem", aí começa acontecer só que você lembra do começo e era tão bom, aí você não entende. **12:31** Aí, eu achava que era uma fase, que ia passar eee depois de um tempo como a pessoa vai te deixando doente e ela te critica tanto, você começa a desacreditar em você. **12:42** Eu comecei a achar que realmente eu fazia escolhas erradas e que eu tava errada e que talvez aquele batom que eu

estivesse usando não era tão bonito, que talvez o meu perfume não era tão bom e que é realmente as minhas amigas eram um pouquinho... Não eram tão boas assim pra mim, só que então, foi a crítica, ele criticava muito **13:02** e aí depois dessa fase que você já tá, você perde a confiança, você já começa a acreditar nele, porque ele é sua referência, então, se ele fala que não é bom, não é bom. **13:11** Então, eu, a minha autoestima foi bem pra baixo assim mesmo, eu não achava que eu era capaz de conseguir sair do relacionamento, porque eu achava que só ele ia me amar e eu não ia... Não ia conseguir achar outra pessoa que me amasse, porque ele me criticou tanto que eu tinha a ideia de que eu era um lixo assim como ser humano, era assim que eu me sentia. **13:32** Só que nos dias que ele tava bem e que ele fazia um movimento de, de amor ou um gesto de carinho, eu nem sei se eu posso chamar de amor, euuu, eu falava "ahhh as coisas vão melhorar, ele vai melhorar" e aí depois começava tudo de novo. **13:48** Então, demorou um pouco assim até cair minha ficha e foi assim não sei se é o momento deu falar isso agora, **13:57** mas, eu já sabia, que eu não queria mais, mas alguma coisa, porque você fala "nossa! Mas, você namorou três anos uma pessoa assim?", namorei, mas, porque o primeiro ano não teve muito. Depois, o segundo que começou acontecer, você acha que é uma fase, vai passar. **14:13** Aí, a partir do terceiro que ficou muito feio, as crises de ciúmes ficaram muito grandes pra você ter uma ideia eu não podia acordar feliz, se eu acordasse animada e ele percebesse que eu tava feliz ou por mensagem quando ele tava longe ou pessoalmente, ele perguntava "dormiu com quem ontem à noite que cê tá feliz?", numa arrogância sabe, num, num, num jeito tão grande e eu ficava "meu Deus! Por que eu não respondo?", só que eu não conseguia responder, então, eu só abaixava a cabeça também, porque eu sabia que se eu respondesse ia gerar uma briga maior ainda assim.

14:48 (Susana) – Quais palavras que além de "burra", por exemplo, que ele costumava te chamar? Que você lembre.

14:54 (Roberta) – Olha, a mim diretamente ele não xingava com palavra ofen, ofensivas, era uma coisa... Ééé eu não sei, era muita crítica que fazia com que eu entendesse o que ele tava querendo dizer, mas, sem falar algumas palavras. **15:13** Mas, por exemplo, minhas amigas todas eram vagabundas, todas. Ele falava isso com bast, bastante precisão assim, nenhuma prestava pra andar do meu lado. **15:23** Pra mim eram só as críticas mesmo, eu não lembro assim de pa, xingamentos assim, além de me criticar muito e de dizer que nada do que eu fazia tava certo, eu não consigo me lembrar agora se teve outros xingamentos assim.

15:36 (Susana) – Como que foi pra você terminar com ele? Como que foi esse processo? Como ééé... A aceitação dele, ele aceitou normal? Como foi isso?

15:44 (Roberta) – Quando eu comecei a perceber que não era normal aquilo que a gente tava vivendo e que não era normal uma pessoa me tratar daquele jeito, eu questionava ele e eu falava assim "não é possível que você, se você diz que me ama como você me trata mal desse jeito?" eee ele falava assim pra mim "eu sou assim, eu não vô mudar. Se você quiser procura outro", **16:08** ele era sempre muito arrogante, porque ele vivia na defensiva, ele via aquilo como uma crítica, como se alguém tivesse atacando ele, quando, na verdade, eu só questionava, porque eu não conseguia entender como pode num lugar que de, a pessoa diz que tem amor, ter tanta ofensa, ter tanta grosseria e eu não conseguia entender. **16:27** Então, eu comecei a questionar ele e eu falava "não entendo porque você é tão grosso comigo" e ele falava "eu sou assim e eu não vô mudar, procura outro".

16:36 Aí ééé o que aconteceu é que algumas amigas que eram mais próximas de mim e das quais eu não me afastei, porque o processo é tãooo doloroso e ele critica tanto suas amigas que você passa a evitar algumas pessoas, porque você quer tudo pra evitar uma briga, tudo pra evitar um dia ruim que é o dia que a pessoa vai te tratar mais mal. **16:56** Então, das que eu não tinha me afastado e das que eu ainda convivia com certa frequência, elas começaram a perceber. Um dia uma e é delicada a posição da amiga também que vê a outra sofrendo, porque ééé delicado, eu, eu sei, porque já eu tive que resgatar algumas amigas também depois que eu passei de alguns relacionamentos assim e elas, você fica sem jeito, porque você não sabe como falar pra pessoa e a gente sempre fica na defensiva né, quem é a vítima sempre vai ficar na defensiva, **17:25** então, uma amiga minha chegou pra mim e falou assim "cê não acha estranho quando você... Você é uma pessoa, você é você quando você tá só com a gente, nã, nã, nã. Ele chega você muda completamente, você fica até endurecida assim sabe, parece que você muda, você mede suas palavras, você mede suas ações. Cê, Cê não acha que isso é um pouco estranho?" e eu falava "ahhh é, é, é, tem razão, é estranho", mas assim, já sabendo que tinha alguma coisa errada, mas sem querer contar, **17:56** porque eu tinha um pouco de vergonha de contar pras pessoas o que ele fazia comigo, porque era como, eu sempre fui aquela pessoa "eu nunca vou deixar um homem me tratar assim" e quando você vê, você tá passando exatamente por assim que você disse que nunca ia passar, então, essas amigas foram importantes, começaram a me dar toques.

18:15 E eu me lembro muito bem de uma coisa que me despertou, foi minha mãe. Minha mãe é psicóloga e ela também algumas vezes tentou conversar comigo, porque ela percebeu, começou a perceber algumas atitudes e eu ficava muito na defensiva, eu não queria falar sobre esse assunto com ela e aí um dia ela falou "olha, eu sei que você não quer conversar sobre isso, mas eu tenho uma coisa muito importante pra te falar e eu vô falar só isso e você não

precisa me falar mais nada", aí eu "tá bom". Aí ela falou "eu sinto como se você fosse um abajur, bem bonito, que irradia luz, que ilumina os ambientes que, que, que você vai ou que você tá e o Fulano, é a toalha que cobre esse abajur. Cê entende filha?", **18:57** ela só falou isso e olha, me arrependia até hoje, porque aquilo fazia todo sentido pra mim e ela falou "ele é a toalha que cobre esse abajur" e aí, eu me emocionei muito, eu não consegui parar de chorar e ela prome, como ela prometeu que só ia falar aquilo, ela me abraçou e eu fiquei "meu! Eu preciso mudar isso", mas, mesmo assim eu não sabia como.

19:17 E aí, eu fui fazer essa viagem quando eu voltei, comecei ir na terapia que foi tudo aquilo que eu já expliquei **19:23** e no dia que eu tomei a decisão de terminar foi um dia que a minha terapeuta, ela olhou pra mim e falou assim "você já reparou como ele trata as outras mulheres da família dele?", aí eu falei, "já. Ele trata as outras mulheres como ele me trata. O dia que ele tá bem ele trata elas bem e o dia que ele tá mal, ele trata elas mal", aí ela falou "então, Roberta, é o jeito que ele vai tratar a filha de vocês, se um dia vocês tiverem uma filha", aí nesse, foi outra, foi outro baque assim, aí nesse dia eu também, aí eu saí de lá e falei "não dá, não dá" **19:55** e aí nesse dia ele tava na mesma cidade que eu e a gente, eu chamei ele pra conversar, a gente conversou. **20:02** Na hora, acho que até porque ele era um pouco arrogante assim sabe, ele falou "eu sei que você tá certa, eu sei que eu preciso mudar, todos os meus relacionamentos terminam da mesma forma, só que eu não vô mudar e eu não tenho mais nada pra te oferecer além disso", foi essa a postura dele, aí eu falei "então tá. Isso eu não quero", então, terminamos.

20:27 Eu chorei tanto no último ano de namoro com ele, eu sofri tanto que depois que eu terminei eu só conseguia sentir alívio... **20:35** Era alívio não ter medo, porque, do meu celular tocar. Era alívio não ter medo de alguém brigar comigo, porque eu usei um batom que a pessoa achou que não era certo. Era alívio por não ter mais ninguém, pra eu poder entrar na internet em qualquer site, porque ele me questionava tudo, se eu bebesse uma guaraná ao invés de uma coca, ele me perguntava por que eu tava bebendo a guaraná e não a coca, sendo que eu sempre bebi a coca, dando a entender que eu bebi a guaraná, porque eu sai com um cara que bebia guaraná, todos os questionamentos, tudo, isso com tudo que eu fazia. **21:09** Então, eu só consegui sentir alívio assim, até o jeito deu, porque eu sempre fui em tal lugar por x, se um dia eu for por y, "por que você não quer passar por x? Tem alguém lá que você não quer que eu veja?", era enlou, era enlouquecedor. **21:23** Então, quando eu terminei, eu só consegui sentir alívio, fiquei muito aliviada mesmo e aí eu falei "nossa! Agora parece que eu vou voltar a viver", sabe quando você, aquela bem cena de filme, você sai da cama, abre os

abraços e fala “vida estou aqui”, porque eu como se eu tivesse voltado a viver mesmo o que eu era.

21:42 Na primeira semana foi tranquilo, aí eu falei “nossa!” que eu tinha muito medo né... Dele fazer alguma coisa, assim de tentar ficar no meu, não de tentar fazer alguma coisa assim, ele nunca me ameaçou diretamente, mas eu tinha medo dele ainda ficar tentando conversar comigo, então, **21:57** na primeira semana não aconteceu nada, eu falei “nossa! Ele não vai vir atrás de mim, que bom que ele entendeu”, mas eu tava feliz demais, **22:05** porque aí depois ele começou a mandar flor no meu local de trabalho e eu fui orientada pela minha mãe e pela minha psicóloga a não responder ele de forma nenhuma e por nenhum meio, porque elas falaram que até uma resposta “não”, até uma resposta negativa era uma resposta. Então, podia reforçar o comportamento que ele tava tendo. Então, ele mandava flor pro meu trabalho e depois me mandava mensagem cobrando porque eu não agradeci a flor e aí eu não respondi.

22:33 Passava um tempo ele me mandava um email, passava mais um tempo ele tentava falar com alguém da minha família ou com alguma das minhas amigas. Ele chegou a ir perto do meu trabalho e tirar foto e me mandar pelo WhatsApp pra mostrar que ele tava lá perto e eu comecei a ficar com medo, eu tinha, logo que a gente terminou eu evitava sair com meu carro, porque meu carro era vermelho na época e meio chamativo, então, eu evitava, porque eu não queria encontrar com ele, não queria que ele visse onde eu tava, então, aí foi espaçando um pouco, mas nunca parou, ééé ficou mais de dois meses sem tentar alguma forma de contato. **23:12** Uma vez num aniversário meu, ele me mandou um email falando que ele rodava pela cidade me procurando, que ele queria que eu perdoasse ele e etc. Então, aí eu ficava “nossa! Ele não de novo”, aí passava dois meses sem contato nenhum, aí ele tentava algum tipo de contato.

23:29 Teve um dia que ele me ligou não sei quantas inúmeras vezes assim, então, eu ficava com medo, porque a ameaça nunca foi ééé nunca foi clara, nunca foi explícita, nunca foi “ahhh se você não, não voltar comigo, eu vou te matar”, não, nunca, nunca teve esse tipo de ameaça, mas ela é, ela não precisou, porque ali, ele me cercava de outras formas e eu me sentia com medo. Eu sabia que ele tinha uma arma dentro de casa, que eu já tinha visto, mas, ele nunca mostrou ela pra mim ou me ameaçou com ela, mas eu tinha medo, por causa disso e se, **24:08** principalmente, porque eu acho que o agressor ele tem algum problema psicológico eee pra ele, esse tipo de pessoa a gente nunca sabe o que eles tem a perder, às vezes, é nada, então, eu tinha muito medo, por causa disso. Mas, na época todas as minhas amigas estavam avisadas de que se acontecesse alguma coisa comigo, era pra ir atrás dele, apesar dele nunca ter me ameaçado ééé claramente né com as palavras assim, nunca ter dito nada.

24:32 Mas, eu lembro e até hoje eu falo que quando a gente começou a namorar e hoje eu lembro disso, ele falava pra mim que a ex-namorada dele era louca e isso hoje acho que é um primeiro sinal, se você conhece uma menina, se uma menina conhece um cara e ele fala que a ex é louca, sai correndo, porque pra mim isso é um primeiro sinal de que o cara vai ser abusivo. **24:50** Ele faz isso até como uma forma de defesa, porque se você encontra a ex dele em algum lugar e ela por um acaso tentar alertar você, "olha, toma cuidado, nã, nã, nã" e você vai questionar, ele falar "não te falei que ela era louca" **25:03** e eu lembro que ele tinha um dedo da mão afundado assim e eu perguntei um dia pra ele, a gente nem namorava ainda tava se conhecendo e eu perguntei pra ele o que era, ele falou "ahhh isso aqui foi pra não socar a cara, eu soquei a parede" da, não socar a cara da ex-namorada e ele era bem brincalhão, na época eu achei que tava brincando sabe, eu não levei muito isso a ferro e fogo, só depois que eu fui, que, que talvez seja verdade, não era uma brincadeira. Então, eu tinha medo, **25:34** mas depois de uns dois anos do término ele parou, porque ele achou outra pessoa, ele começou a namorar e eu fiquei sabendo por amigos em comum e aí, foi quando ele realmente, efetivamente parou de tentar qualquer contato comigo.

25:50 (Susana) – Eu lembro que você falou uma vez que ele começou a mandar flores no seu trabalho e você pediu para uma funcionária não te mostrar essas flores, mas, teve um dia que você chegou e tinham muitas flores espalhadas, como foi pra você ver todas aquelas flores ali espalhadas, como que você reagiu? Como que você entrou forças para não procurar ele e falar "para"? Como que foi isso?

26:18 (Roberta) – Eu acho que a terapia teve um papel fundamental pra eu não responder, eu tava muito bem acompanhada pela minha terapeuta e pela minha mãe que é psicóloga, as duas me orientando muito bem "se você responder, ele não vai parar, mesmo que seja a resposta negativa", tipo "para de me mandar flor", qualquer resposta vai reforçar o comportamento dele.

PAUSA

28:09 (Susana) – Você falou que ele uma vez ele chegou a afastar você, por causa de um perfume, perto de algumas pessoas próximas, ele te maltratava na frente dos amigos, como que era? Ele sempre demonstrava ser uma pessoa simpática?

28:24 (Roberta) – Com os outros ele era sempre muito simpático, mas comigo ele, ele me cortava na frente dos amigos, na frente das minhas, da minha família. **28:32** Eu lembro de uma vez ele falar que eu era burra na frente de uns primos meus, a gente tava na cidade de, da minha família assim e ele, eu lembro dele falar, ele me cortava na frente dos outros e me cri, era grosso comigo na frente das pessoas e me questionava, e me criticava muito sobre tudo.

28:52 Então, assim, eu lembro que esse episódio que eu te falei da minha amiga que veio falar "olha, cê não acha isso meio estranho", foi porque eu tava com ele numa lanchonete, ele chegou depois de uns 40 minutos que a gente tava lá e ela percebeu a minha mudança de comportamento a hora que ele chegou e eu pedi um lanche, ele criticou o lanche que eu pedi, inclusive, a forma como eu pedi o lanche e era uma crítica muito incisiva assim sabe, **29:15** então, eu me sentia um pouco humilhada e eu mais humilhada me eu sentia, por eu não conseguir responder. Mas, na verdade, eu não respondia, porque eu não queria brigar sabe e eu sabia que se eu respondesse a gente ia começar a bater boca na frente das outras pessoas, então, eu ficava quieta. Mas, era frente assim, a crítica na frente dos outros era frequente.

29:36 (Susana) – Ele chegou a quebrar algo seu pra assim "ahhh, porque você não vai usar isso" e quebrou o batom ou rasgou uma roupa, cortou uma roupa alguma coisa assim?

29:48 (Roberta) – Olha, eu não me lembro se ele chegou a quebrar alguma coisa minha, mas, **29:52** eleee pegava meu celular, por exemplo, enquanto eu não, ele achava que eu não tava vendo assim ou enquanto a gente tava em um lugar normal, ele abria os aplicativos e ficava e tirava todos os meninos que ele não conhecia do, do aplicativo, por exemplo, do Facebook, do Instagram, ele tirava, ele deixava de seguir a pessoa do meu perfil pra eu não implicar mais com a pessoa eee é isso assim que eu me lembre. **30:18** Era mais esse controle no celular, porque também, principalmente, quando ele me via online no WhatsApp, por exemplo, ou no Facebook, ele vinha me perguntar com quem eu tava conversando e era assim, eu ficar online, ele vinha "uai! Com quem cê tá conversando?".

30:35 (Susana) – Eee assim, por exemplo, provavelmente as pessoas da família dele conheciam ele o suficiente, mas teve alguma vez, por exemplo, ele te ofendeu na frente, perto da mãe dele ou do pai, de alguém próximo da família dele e falou assim "ahhh é normal, você tem que se acostumar com o jeito que ele é", chegou a acontecer alguma coisa assim?

30:55 (Roberta) – Eu não sei se é normal você ter que se acostumar com o jeito que ele é, mas, ééé no sentido de tipo "ahhh ele é assim mesmo", sim.

31:05 (Susana) – Como que foi isso? Aconteceu alguma coisa e a pessoa te falou "ahhh ele é desse jeito mesmo, se você quiser continuar com ele vai ter que ser assim"?

31:11 (Roberta) – Teve dois episódios, na verdade, que eu me lembre assim de ter registrado bastante na minha cabeça foi o episódio que eu tava com a mãe dele, a gente tinha ido na família dela, numa festa da família dela eee ele não comprou, por algum motivo o porteiro não tava deixando ele entrar, ééé tava dificultando a entrada dele, acho que por que tinha que deixar um documento na portaria e ele ficou nervoso, eu falei uma coisa, ele começou a gritar comigo, porque ele tava num momento de estresse e a mãe dele tava atrás no carro e falou

“não faz isso”, “não fala assim”, aí ele começou a gritar com ela e aí eu achei, aí eu, eu percebi que ela ficou muito sem graça sabe, ela me olhou com olhar de compaixão e entendimento e ao mesmo tempo não tem nada que eu possa fazer assim sabe **31:54** e depois é engraçado que a gente entrou nesse, nesse churrasco e eu fui tratada tão mal por ele na portaria do lugar que eu tava mal, que eu tava triste, eu tava me sentido mal e ele ficava me cobrando deu não tá bem, ele “nossa! A minha família vai achar que você é muito chata. Você não fala nada, fica aí com essa cara de bosta” sabe assim eee aí eu, a pessoa já tá te julgando por uma coisa que ela mesmo fez, que eu não tinha como sorrir naquele ambiente depois de ter sido agredida verbalmente da forma como eu tinha sido, então, eu lembro desse episódio.

32:29 E um episódio que eu tava com ééé a cunhada dele né, a mulher do irmão dele, nós estávamos jantando numa viagem que a gente fez, logo antes de eu terminar eee eles saíram pra fumar né, saíram e por algum motivo eu fiquei sozinha com ela na mesa e ela perguntou “nossa! Cê tá meio triste o que tá acontecendo?”, eu falei “ahhh eu não tô muito bem, o Fulano tem sido muito grosso comigo eee tô mal, não aguento mais essa situação”, aí ela falou assim pra mim “é acho melhor você pensar bem, ééé pensa no que você quer fazer agora, porque depois do, depois que você casa fica mais difícil” e isso me marcou muito, porque ela conhecendo ele a mais tempo né, já tava inserida na família a mais tempo, acho que ela quis me dar um sutil recado sem se comprometer, então, foram as duas coisas que me marcaram mais assim, esses dois momentos.

33:24 (Susana) – Você tinha falado que ele te inferiorizava.

33:31 (Roberta) – Sim.

33:32 (Susana) – Como que era pra você... Ele sempre queria mostrar pra você que era ele que mandava e você não mandava em nada, como que era isso? Como que ele te fazia se sentir inferior?

33:43 (Roberta) – Ele queria sempre dizer que ele tava certo, que ele que tinha as melhores opiniões e que ele que sabia o que era certo pra mim, **33:51** e o que me fazia pensar que eu era inferior eram as críticas, porque eram muita crítica, era muita crítica, nenhum ser humano normal consegue conviver com tanta crítica, **34:02** é como eu tava te falando era tudo crítica, até a forma como eu, eu andava ou mexia no meu cabelo, se eu prendia o cabelo um pouco pra baixo ou pra cima. Tinha dia que ele, prendia pra cima e aí ele não falava nada, aí eu falava “ahhh então assim ele não vai gritar comigo”, aí no outro dia eu prendia pra baixo, prendia pra cima da mesma forma e ele gritava, então, era pela crítica mesmo.

34:25 (Susana) – Você chegou a perder amizades? Como foi pra você? Por que às vezes você perdeu alguma amizade mesmo gostando muito. Como foi pra você? Depois que você terminou com ele, por exemplo, você tentou resgatar essa amizade? Como foi isso?

34:40 (Roberta) – Ééé eu não perdi amigas, mas, eu me afastei, eu deixava de fazer as coisas com elas, porque eu sabia que se eu fosse, ia ser uma encheção de saco, ele ia ficar me ligando o tempo inteiro, ele ia ficar questionando quem que tava, o que eu tava, o que eu tinha comido eee depois no outro dia ele ia ficar mal humorado ou nervoso, e os dias nervosos eram muito ruins, então, eu evitava. **35:03** Então, eu não perdi amigos, mas eu perdi momentos. Eu deixei de fazer muita coisa, por causa dele.

35:09 (Susana) – Você perdeu algum trabalho, por causa dele?

35:13 (Roberta) – Trabalho eu não perdi, mas ele tinha muito ciúmes do meu trabalho, porque eu trabalha num meio que tinha bastante homens né e ele tinha muito ciúmes, eu lembro uma vez que eu fui num lançamento de um livro da editora do jornal onde eu trabalhava eee era um ambiente predominantemente masculino que ia tá lá no lançamento eee ele ficou me questionando assim "ahhh, mas por que cê tá se arrumando tanto?", "mas por que você vai com essa roupa?", "cê tá passando perfume. Eu vou lá!" e eu falava "por que você quer ir num lançamento de uma coisa num", era uma área totalmente diferente da que ele atuava eee ele falou "ahhh se você não quer que eu vá, então, é por que cê tá me escondendo alguma coisa. Quem que você tá ficando que tá lá?", era assim, era todo tempo esse questionamento assim. Então, me incomodou bastante até porque depois ele fez questão de me buscar nesse lançamento, nesse evento que eu tava trabalhando e ficou mal humorado, ele não olhava na minha cara depois de, que ele soubesse que eu tinha feito alguma coisa que pra ele tava errado, ele não olhava na minha cara. **36:18** E é um, o fato da pessoa que, **36:21** seu namorado não olhar na sua cara, porque você tava trabalhando ou te olhar com olhar de desprezo sabe, me deixava bastante magoada na época, era o que me deixava, me fazia me sentir mais inferior ainda era isso.

36:36 (Susana) – Você chegou a falar também que não denunciou ele né?

36:40 (Roberta) – Não.

36:41 (Susana) – Por que você acha que não denunciou?

36:44 (Roberta) – Não sofri violência física nenhum momento eee eu achei que não sei, não ia pra frente assim, eu num nada. Então, como eu não sofri violência física e nenhuma ameaça ééé concreta, eu achei que não era o caso de denunciar, foi por isso.

37:02 (Susana) – E hoje assim, você tendo mais consciência do tipo de violência que você sofreu, você denunciaria hoje?

37:09 (Roberta) – Pras autoridades eu acho que não, mas eu acho que eu teria uma conversa bem franca com os pais dele assim, de que, sobre a pessoa que ele era, porque eu não sei se ele era, não posso falar se ele era uma pessoa ruim, mas, é uma pessoa que nitidamente precisa de um acompanhamento psicológico e outras coisas pra não fazer isso de novo, então, eu acho que hoje eu teria uma conversa franca assim com os pais, não sei, por que não era uma responsabilidade minha como namorada também né, então, não sei, acho que eu teria feito isso, hoje eu teria feito isso.

37:42 (Susana) – Pensando em você e nas outras mulheres, qual a importância, por que você acha que é importante a mulher, por que você acha que às vezes a mulher denuncia e em alguns casos ela não denuncia?

37:54 (Roberta) – Olha, eu acho que as, a não denuncia ela vem de mulheres que são dependentes do companheiro ou da companheira né, a gente nunca sabe da onde vai vir. Mas, por exemplo, ou dependentes financeiramente ou dependentes emocionalmente e também, às vezes, mulheres que não tem uma rede de apoio ou que vem de um ambiente em que a violência contra a mulher, ela é naturalizada, é normal ser tratada assim. Então, eu acho que a não denuncia vem por parte disso.

38:25 (Susana) – E você acha que quando a mulher denuncia mostra que é por que ela entende que não dá mais ou é por que assim, é uma forma que ela encontra de tentar tirar ele da vida dela?

38:42 (Roberta) – Eu acho que é os dois, ela vê que chegou no limite, ela acha que chegou no limite e ela vê como uma forma de afastar a pessoa da vida dela, eu acho que são os dois.

38:55 (Susana) – Você acha que um dia você vai conseguir superar tudo isso que você viveu?

39:00 (Roberta) – Acho que hoje eu tô superada, durante muito tempo eu trabalhei isso em terapia, eu fiquei me questionando, porque eu falava pra minha terapeuta “eu tenho vontade de voltar no tempo, me dar uns chacoalhões assim e falar “responde!” ou tipo “não deixa ele te tratar assim, você não merece ser tratada assim”, então, por muito tempo eu fiquei me questionando e fiquei me sentido culpada pela violência que eu sofri, e aí com muita terapia eu aprendi que eu não sou a culpada, a doente não era eu e a errada não era eu na história assim, mas foi com a terapia mesmo que me ajudou muito.

39:36 (Susana) – Que importância você acha que tem os pais de falarem com seus filhos sobre violência? Seja menina ou menino.

39:44 (Roberta) – Eu acho importância cem por cento de importância. **39:47** A partir do momento que você ensina sua filha mulher a forma como ela deve ser tratada por qualquer pessoa que ela convive e ensina o seu filho homem como ele deve tratar mulheres e as outras pessoas que ele convive, você tá mostrando pra eles que diferente disse é errado. Então, eu acho que é importantíssimo conversar desde sempre assim.

40:11 (Susana) – O que você espera do seu futuro? Projetos, sonhos, profissão.

40:17 (Roberta) – Olha, eu sou uma pessoa que sonha bastante, eu sonho sempre alto e em relação, profissionalmente eu sempre, sempre tô estudando, sempre quero me aprimorar e sempre quero trazer alguma coisa de novo na minha área e eu gosto de trabalhar, eu gosto muito de trabalhar e principalmente de me sentir útil, que eu tô fazendo alguma coisa em prol de melhorar o ambiente que eu vivo, a cidade onde eu moro ou a vida das pessoas que tão ao meu redor eee em relacionamento, eu acho que de certa forma, depois de um tempo, eu aprendi a ver que eu só sou a pessoa que eu sou hoje, por causa do que eu sofri no passado. Então, talvez eee esse relacionamento que eu passei, ele tenha sido um aprendizado do que eu nunca mais vou querer pra minha vida e do tipo de comportamento que não é tolerável assim, se tem uma coisa que eu gostaria de dizer pra pessoas, pras mulheres que vão assistir esse vídeo é que **41:14** não é normal o cara ter ciúmes, não é normal ele controlar a sua roupa, não é normal ele te tratar mal num dia que ele tá ruim, não é normal ele ter acesso a suas redes sociais, não é normal ele controlar suas amigas, não é normal, porque às vezes as pessoas romantizam o ciúmes "aiii ele tem ciúmes, então, ele me ama, nã, nã, nã", mas não é normal, não é saudável e mulher nenhuma merece ser tratada mal, mulher nenhuma merece sofrer qualquer tipo de violência **41:44** e às vezes, a sociedade que a gente vive faz com que a gente acredite que "ahhh talvez é assim mesmo, talvez os homens tenham que ser assim mesmo" e não é, então, não é normal. Eu acho que é isso assim eee então, como eu falo que, **42:00** ele me ensinou tudo que eu não quero pra mim, então, eu de um relacionamento futuro, eu espero um parceiro mesmo de vida, que me respeite, que tenha os mesmos ideais que eu, que lute pelas mesmas coisas que eu, eu acho que é mais isso assim.

4º Dia (27/08/19) – Depoimento 1 (sem identificação a pedido da entrevistada)

00:12 (Susana) – Me conta como foi que vocês se conheceram, se ele sempre foi agressivo ou ele era muito carinhoso e foi se tornando agressivo, conta pra mim como foi.

00:20 (Depoimento 1) – Nós nos conhecemos no colégio, eu estudava com o irmão dele, tinha 13 anos na época e ele que buscava o irmão no colégio eee como eu era muito amiga do irmão dele ééé ele me dava carona **00:38** eee aí a gente começou assim, se conhecer, nos conhecemos assim e começamos a conversar tudo, **00:46** ééé eu era muito criança e ele já, na época ele tinha 30 anos eee no início que a gente começou a se envolver, ele sempre pediu segredo, por conta da família e da minha família, apesar dos meus pais não serem daqui, eu morava com a minha irmã.

01:07 Ele era muito carinhoso, muito atencioso... O tempo todo eee a gente começou a se envolver, ééé eu engravidei, tinha 14 anos e aí meu pai descobriu, minha irmã descobriu enfim e aí a gente teve que se casar. **01:27** Tivemos que nos casar, meu pai me emancipou, assinou pra eu casar na época e nós nos casamos e fomos morar, ele tinha uma fazenda, nós fomos morar em Guatapará **01:40** eee as agressões, a princípio começaram com agressões verbais... Ééé... "burra"... "puta"... **2:00** Esse tipo de agressão, mas ééé, era sempre quando ele bebia. **02:09** Depois ele ficava muito bem, me tratava muito bem eee assim foi durante um bom tempo.

02:16 Ele não deixava eu ficar sozinha com a minha família, ele tava sempre junto, as minhas saídas geralmente eram muito vigiadas... **02:28** Depois que meu filho nasceu é que começaram as, as agressões físicas. **02:36** No começo, ele eram puxões de cabelo, beliscões, alguma coisa assim eee com o passar do tempo, **02:49** na verdade, assim, ele não podia ouvir a criança chorar que aí ele pedia pra que eu fizesse a criança parar de chorar e quando eu não conseguia, porque ninguém tem um botão né, ééé e aí quando eu não conseguia **03:05** ele tinha uma estratégia pra não deixar marcas em mim. **03:07** Ele enrolava uma toalha molhada na mão, pra poder me bater... **03:14** E aí ele me dava soco, dava chutes às vezes, as partes que eu conseguia cobrir ele chutava, ele dava soco tudo eee continuei com ele, até meu filho completar... 7 meses mais ou menos. **03:33** A família dele sabia das agressões, mas não interferia, **03:40** aí consegui fugir... Um dia que a minha irmã foi pra lá, pra fazenda eu consegui fugir e vim pra Ribeirão Preto. **03:52** Ééé cheguei aqui fui morar com ela tudo, consegui um emprego, mas ele me vigiava o tempo todo, o tempo todo me vigiando, eu ia pra escola, porque até então eu tinha parado de estudar pra cuidar do bebê e aí eu retomei quando eu voltei. **04:08** Ele ficava na porta do colégio, ele me cercava... **04:15** E assim, era uma dependência, eu tinha uma dependência muito grande dele, eu sabia que tava errado, mas a dependência emocional que eu tinha era maior do que o meu entender de que estava errado **04:31** e aí eu voltei com ele... Voltei com ele, meu filho já tinha 1 ano e 2 meses...

04:40 Eu com 16 anos eu engravidei do meu segundo filho, a gente já estava morando em Ribeirão Preto, morávamos ééé afastados tanto dos meus irmãos quanto da família dele **04:55** eee ele saia pra bala, pras baladas, me deixava trancada em casa, voltava alcoolizado, me agredia... Sempre com soco, chutes, puxões de cabelo, ééé palavrões, muitos, muitos palavrões, muitos, muitos.

05:16 Eu não podia ter amigas, eu não podia fazer ligação pra minha família, **05:22** todas as visitas que eu fazia pra minha família eram muito monitorada por ele, assim como minhas saídas. **05:31** Quando eu comecei a fazer faculdade, ele me levava... Na faculdade e ficava o tempo todo lá, ele não ia embora, ficava esperando, eu não podia conversar... Com ninguém **05:48** e é tem um episódio que... Ele me pegou na porta da faculdade ééé, eu tava saindo e tava falando com um colega de sala eee ele viu eu falando com o colega de sala, **06:04** ele era, ele era muito ciumento... **06:07** E ele começou a me agredir dentro da caminhonete, caminhonete e no meio da avenida ééé a gente começou a discutir, ele me deu um soco no rosto e me jogou pra fora da caminhonete e passou nas minhas pernas com a caminhonete. **06:25** Ele parou... Ééé me pegou, arrastando pelos cabelos... E me colocou dentro da caminhonete e não me levou pro hospital... Eu fui pro hospital 2 dias depois, porque eu não conseguia andar e eu tive que cuidar dos dois que ainda eram pequenos **06:51** e aí a gente sempre mente, “eu cai”, “eu bati” e a gente achava, eu achava que as pessoas acreditavam, na verdade, não né. Na verdade, só eu acreditava nisso... **07:07** E foi frequente, eu não me separava, porque eu tinha medo, medo dele e medo de não conseguir ééé manter meus filhos e de não ter apoio da minha família, uma vez que eles não sabiam o que acontecia, eles achavam que não tava acontecendo mais nada, porque eu não tinha como contar. **07:25** Eu nunca ficava sozinha ficava sozinha com a minha família pra contar e eu não tinha o apoio da família dele... Pra, um respaldo pra me ajudar...

07:38 Aí foi, foi assim, meus filhos foram crescendo e vendo as agressões, cada vez piorava, cada vez piorava, era... **07:48** Às vezes ele tava tão descontrolado que ele deixava as crianças com a mãe dele, ia me buscar na faculdade, as crianças dormindo, ele me batia a noite toda, ele me agredia a noite toda... **08:08** E aí nessa época, eu já não tinha mais a preocupação de “aiii vou esconder os hematomas, não vou deixar que ninguém veja”, não! Ele me dava soco no rosto... Ele me chutava... Puxava meus cabelos... E sempre me mirando. **08:25** Eu não podia ler o que eu queria, porque ele dizia que aquilo que eu estava lendo iria me afastar dele... **08:35** Eu não assistia o que eu queria, eu não usava a roupa que eu queria... Era sempre muito controlado por ele.

08:43 Ele por ser mais velho, ele tinha um negócio de me exibir pros amigos, só que esse exibir dele, às vezes a gente saía pra algum lugar e eu ficava rodando na mesa, porque tinha alguém que tava me olhando, ele achava que tava me olhando e ele fazia eu ficar rodando a noite toda e quando isso acontecia, eu sabia que quando eu chegasse em casa, eu ia apanhar. **09:09** E eu não tinha o que fazer, eu não tinha pra onde ir, eu não tinha pra onde fugir, não tinha coragem de denunciar... **09:17** Eu tinha muita vergonha... De, de dizer as pessoas que eu apanhava... E o tempo foi passando, as agressões foram aumentando, ele começou a beber mais, mais, mais.

09:33 Quando eu terminei a faculdade, eu falei "nossa! Agora eu consigo me divorciar, eu consigo... Retomar a minha vida", eu engravidei do meu terceiro filho... E foi muito conturbado, muito, muito, muito, porque ele não queria... **09:56** Ele já não queria o segundo, na segunda gestação ééé eu lembro que ele me deu alguma coisa abortiva, uma injeção, que ele aplicava pra eu abortar eee só que aí, eu sentia muita dor, muita dor, muita cólica e eu acabei convencendo ele a deixar que eu aplicasse as injeções e eu parei de aplicar a, a injeção eee passei muito mal obviamente, fui levada pro HC, fizeram todos os exames, tudo, eles questionaram que não era normal enfim, mas, eu consegui manter a gestação ainda que é fosse uma gestação de risco... **10:47** Ééé do meu terceiro filho ele também não queria... Ele sempre dizia que eu era descuidada, que eu não me cuidava que o proble, o problema sempre era eu e eu acreditava que o problema sempre era, era eu.

11:02 Ele me agredia, ele me batia e aí depois ele se acalmava e eu pedia desculpas... **11:11** Ééé eu me sentia a pior pessoa do mundo, era como se ele se ele fosse o, o ser mais correto e eu fosse a pessoa mais horrorosa possível.

11:23 Na gestação do meu terceiro filho ééé ele já tinha a empresa que ele tem hoje, continuava bebendo muito e eu não saía de casa, eu tinha um diploma de gaveta, não podia trabalhar, cada vez mais insatisfeita eu ficava, porque eu tava sempre sozinha, tive depressão, tive bulimia eee as agressões continuavam, mas assim, ele, **12:02** ele tinha ééé muito estranho falar isso, mas ele tinha um certo cuidado ao me agredir, ele não me batia na barriga, ele não me chutava mais, era sempre tapa, soco no rosto, puxões de cabelo, essas coisas **12:21** eee quando eu tava de 7 meses, 7 meses, ele chegou em casa de madrugada um dia e eu questionei, eu questionei ele, eu lembro que nesse dia os meus dois filhos mais velhos estavam viajando com os pais dele **12:45** eee eu questionei ele e ele me espancou, eu não lembro o que aconteceu, ele quebrou meu maxilar, meu nariz. Eu lembro que eu acordei, eu acordei depois não sei de quanto tempo, eu já estava no pré-cirúrgico com o rosto todo enfaixado, o nariz e meu bebê já não tava na minha barriga... **13:26** Meu bebê ficou dois

meses na incubadora neonatal e eu ia todos os dias pra fazer ordenha, pra poder dar leite pra ele... **13:44** Pra fazer com que ele ficasse forte pra ir embora... **13:53** Eu ia pra casa todos os dias, porque eu não podia posar no hospital e todos os dias eu tinha que olhar pra ele e eu tinha medo que ele me matasse e eu tinha medo que meu bebê morresse... **14:15** Meu bebê saiu do hospital, ele deu uma acalmada, porque quando isso aconteceu aí a minha família ficou sabendo o que tava acontecendo... **14:26** Me tirou de casa, de onde eu morava e eu voltei pra casa da minha irmã... Só que você não ter um canto e você ter que cuidar de três crianças sozinha, sem trabalho, com uma depressão ééé debilitada, porque eu não podia comer, porque eu não podia abrir a boca, eu tinha feito cirurgia pra reconstrução do maxilar... **14:59** Eu voltei novamente pra casa... Eu voltei pra casa, aí ele deu um tempo, acalmou um pouco, ficou alguns anos, ele bebia, ele gritava, ele quebrava as coisas em casa, mas ele não me agredia **15:16** e nessa época os dois mais velhos já batia de frente com ele e algumas vezes ele ia bater nos meninos e eu entrava e aí começou tudo de novo, como ele não podia bater nos meninos, porque eu não deixava, ele batia em mim e aí os meninos começaram a pedir ajuda, saiam pra pedir ajuda dos vizinhos ou ligava pro padrinho, pro avô enfim. **15:43** Aí ele iam lá, tentavam contornar a situação... Eee assim foi, eu não tinha, eu não tinha força pra sair...

15:56 Eu não via que eu tava num relacionamento abusivo, eu sabia que tava errado ele me bater, mas eu não conseguia ver que era, que eu tava tão doente é que eu deixava ele fazer tudo que ele fazia comigo e consecutivamente com os meninos e eu não conseguia sair... **16:18** Nós continuamos juntos, ééé... Eu fui estudar novamente, nessa parte assim, meus pais eram muitos certos, quanto a, a estudos, então, se eu falasse eu quero fazer tal coisa, meu pai falava “não, você vai fazer”, só que ele não me dava paz. Ele me levava, ele me buscava, eu não tinha amigos, trabalho em grupo era uma coisa que eu não conseguia fazer, porque ele não deixava... **16:48** Estágio? Quantas vezes ele chegava e fazia escândalo na porta do trabalho... Ééé, eu vivia de cabeça baixa, porque eu morria de vergonha de olhar pras pessoas, quantas vezes eu não fui pro trabalho de olho roxo, braço quebrado... Machucada, enfim e foi indo, foi indo, **17:17** até o meu filho... Mais novo... Meu filho mais novo tava com uns 4 anos, **17:28** o meu filho mais velho começou a me cobrar uma atitude... Que eu tinha que me separar, que eu tinha que ir embora, que eu escolhia ou o pai dele ou ele e nesse escolher o pai ou ele, eu com medo de não conseguir sustentar meus filhos, eu acabei deixando meu filho ir embora de casa, ele foi morar com os avós... Aí ficamos eu, o do meio e o pequeno, e as agressões continuavam, cada vez piorava mais, cada vez era mais violento...

18:15 Ele tinha arma dentro de casa, muitas vezes ele dormia com a arma embaixo do travesseiro, ele falava pra mim “se você se levantar, se você se mexer, eu mato você”, “se você pensar em ligar pra alguém, enquanto eu estiver dormindo, no outro dia, eu te mato”... **18:39** Eee assim foi, eu vivi 21 anos com ele, em 2015, final de 2015, em uma discussão, ééé eu tinha conseguido meu primeiro trabalho num colégio e numa discussão de manhazinha, meu filho tava tomando banho pra ir pro colégio, acho que ele já tinha 16 anos, eu fico um pouco perdida no tempo eee ele começou a me agredir, ele começou a me bater eee meu filho entrou pra me defender, ele empurrou meu filho... **19:30** Meu filho ele tem a síndrome de Legg-Perthes... Legg-Calvé-Perthes e ele tinha passado por, por cirurgia não fazia muito tempo e nesse agredir meu filho, ele deu um chute no fêmur, na perna e acertou a placa no fêmur e aí meu filho ficou internado. Meu filho voltou pro HC, teve que refazer a cirurgia, fiquei muito tempo no HC com ele, aproximadamente uns 3 meses até ele poder voltar a andar eee ele não dava respaldo, ele não ia... Nos ver, ele não ia nos visitar... Sempre a família dele que aparecia, que cuidava do meu filho, enfim...

PAUSA

20:32 (Susana) – Você parou que ele tinha a síndrome né, que ele ficou ééé 3 meses no hospital.

20:36 (Depoimento 1) – Isso!

20:37 (Susana) – E aí quem ia te ajudar, visitava era os pais dele e aí foi nisso que você parou.

20:42 (Depoimento 1) – Sim. Ééé os padrinhos dele, principalmente, que sempre tava comigo, inclusive, nos meus partos que ele, ele nunca presenciava, ele nunca tava junto eee... Meu filho se recuperou eee... **21:07** As agressões continuavam, eu já tinha adquirido problemas psicológicos, ééé transtorno de personalidade, uma hora eu tava bem, outra hora não. **21:26** Ééé eu não saía de casa, eu saía só pra trabalhar e é durante o tempo que eu estava com ele que eu trabalhava, eu nunca tinha contato com o meu dinheiro, a conta era sempre no nome dele, ééé automaticamente já ia pro nome dele, eu não podia comprar nada pra mim, eu não tinha, eu não tinha contato nenhum com o meu dinheiro.

21:56 As agressões continuavam, ééé ele maltratava o meu filho, porque meu filho tentava me defender eee ele batia no meu filho, algumas vezes eu conseguia impedi-lo, outras não... **22:10** Eee sempre que ele me agredia, após as agressões, ele sempre me violentava... **22:22** Ele falava que era uma forma de punição...

22:28 Eee quando meu filho fez 16 anos, ele estudava período integral e ele tinha um, eu já tava passando na verdade por psicoló, psicólogos ééé já tinha contado, já tava mais

fortalecida, na verdade. Ele tinha um professor de história e ele contou o que tava acontecendo pra esse professor, que foi quem me ajudou muito, que encorajou tanto a mim quanto a ele e aí já nos últimos anos assim, nos últimos meses né, no final de 2015, **23:11** em uma outra discussão, em um domingo, meu filho mais velho já não morava mais comigo e os dois tinham ido pra igreja, tinham ido à missa... **23:26** Eee eu tava sozinha em casa e ele chegou bêbado, eu não sei precisar se era só álcool ou se algo mais, ele chegou muito transtornado, muito agressivo, eu estava na área de serviço, recolhendo roupa e eu tinha uma mesa de mármore na área de serviço e eu tava dobrando as roupas e colocando em cima dessa mesa e ele começou a correr pra me pegar e eu comecei a dar voltas na mesa e em um momento eu parei de um lado da mesa, ele pegou e virou o tampo de mármore e bateu nos meus braços e aí eu tive fratura, nos dois braços, ele tinha acabado de chegar e ele tinha deixado o portão sem passar a chave, porque ele sempre trancava eee eu consegui correr pra rua e um vizinho ligou pro meu filho mais velho, aí meu filho foi até em casa, me pegou, pegou algumas roupas e me levou pro hospital. Quando eu sai do hospital, eles já estavam os dois mais velhos decididos que eu não voltaria pra casa... E eu não pra onde ir e aí nós fomos pra uma kitnet no centro, ficamos nessa kitnet acho que 3 dias eee eu não tinha como pagar, porque eu não tinha acesso ao meu dinheiro, o dinheiro que a gente tava pagando, era o dinheiro do meu filho mais velho que já trabalhava na época... **25:15** Eee eu fui pra casa dos pais dele, porque ele também não saia de casa pra eu voltar, já tinha dado entrada no divórcio, no pedido de divórcio, já tinha feito boletim de ocorrência, enfim, eee eu fiquei 4 meses morando com os pais dele até a justiça determinar que ele saísse da casa...

25:43 Quando foi determinado que ele saísse da casa, ele teve um surto, ele colocou fogo nas nossas coisas eee eu não tinha, eu não sabia o que fazer, eu não tinha pra onde ir. **26:04** Ele não foi preso, porque ele ficou 24 horas, 48 horas eu não me lembro muito bem escondido, quando ele apareceu, eu já tinha, meu pai tinha uma casa de aluguel aqui em Ribeirão Preto, que é a casa que eu moro hoje, eu já tinha pedido a casa pra inquilina e eu tava esperando que ela saísse pra eu ir pra lá... Com as crianças...

26:29 E aí quando ele voltou, um dia eu tava saindo do trabalho, trabalhava no Jardim Paulista no colégio eee eu não, eu não vi... Eu sai como sempre, desci... Pra ir pro ponto de ônibus eee a última coisa assim que eu me lembro foi sentindo a pancada, eu senti uma pancada nas costas e aí quando eu acordei, eu já tava dentro de uma kombi... Já tava machucada, ele já tinha me agredido bastante... Eee aquele dia eu achei eu fosse morrer... Aquele dia eu tinha plena certeza que eu ia morrer, mas eu não sei por que, eu não sei o que aconteceu, ele me agrediu muito, fiquei muito machucada e ele me deixou na porta da casa da

minha irmã, aí fiz um novo boletim de ocorrência, aí entraram com a medida protetiva, ele foi preso, ficou 24 horas, pagou fiança, saiu, mas a medida protetiva continuava, ele não podia chegar a 100 metros da minha casa... **27:59** Ééé...

28:05 Eu, eu cai numa depressão profunda, eu, eu abandonei meu trabalho, abandonei... Os meus estudos... **28:13** Eu não cuidava dos meus filhos mais... **28:16** Eu não saia de casa, eu não saia do quarto... **28:29** Eu tinha medo de tudo... **28:22** Ééé o simples fato de alguém tocar a campainha da minha casa, pra mim era... **28:28** Um choque, um terror, é como se "é ele!"... "Ele tá de volta" e foi assim durante muito tempo, ele deu muito trabalho pra assinar o divórcio, porque ele não queria, eu tive que abrir mão pra que ele assinasse o divórcio, eu tive que abrir mão dos meus que a gente tinha em comum... **28:53** Passei tudo pro nome dele... Tudo, mesmo contra a vontade do meu advogado, que meu advogado falava que o juiz em algum momento, o juiz ia assinar... O meu divórcio. Mas, era, era muito ruim eu ter que vê-lo toda vez, ir ao Fórum e ter que ver e olhar pra ele e ele olhava pra mim com um sorriso tão... **29:19** Eu tinha muito medo dele, eu tinha muito medo dele, na verdade, eu tenho... Medo dele. Mas, consegui me divorciar... **29:32** Ééé meu filho, meus filhos, meus filhos ficaram muito tempo sem vê-lo, 2017 que meu filho do meio conseguiu falar com ele, o pequeno não, o pequeno via... Mas, ééé era monitorado... Sempre tinha alguém pra buscar a criança em casa e levar até ele, e depois trazer de volta e eu não o vi mais. Desde então, a gente não tem contato, ééé... **30:06** Ele, eu continuo com a medida protetiva, ele não pode se aproximar de mim... Hoje, hoje moramos eu, o meu filho do meio e o pequeno, que hoje tá com 13 anos. **30:20** Meu filho mais velho continua morando sozinho... **30:26** E eu continuo fazendo tratamento... **30:31** Não consigo ééé estabelecer relacionamento, vínculo até de amizade eu não consigo, ainda é difícil pra mim. Tomo medicamento pra conseguir dar as minhas aulas e conseguir me manter minimamente centrada. **30:59** Mas, ainda é muito difícil, ééé às vezes eu tô andando na rua, eu tenho a impressão que a qualquer momento ele vai fazer alguma coisa, vai acontecer alguma coisa comigo. Eu tinha medo de atravessar a rua, porque eu tinha medo dele me atropelar... E é isso.

31:34 (Susana) – Você falou no começo que ele te vigiava muito. Ele te vigiava era por ciúmes, por posse, por que ele te vigiava? Era medo de você contar das agressões ou uma mistura de tudo?

31:44 (Depoimento 1) – Não. Hoje, eu sei que é por posse, na época eu achava que era ciúmes.

31:49 (Susana) – Tá.

31:50 (Depoimento 1) – Hoje eu entendo que ééé, que era posse.

31:55 (Susana) – Você falou que com o nascimento do seu filho que ele começou a te agredir, mas por que você acha que ele começou a te agredir com o nascimento do seu filho? Porque antes você falou que ele te xinga, era violência psicológica e por que você acha que a partir do momento que seu filho nasceu que ele, do primeiro filho que ele começou a te agredir?

32:15 (Depoimento 1) – Tinha muita traição, ele me traia muito, então, eu, eu acredito que assim, ééé o fato dele não poder, por conta da família, por conta da minha família ééé ele via que não tinha, não tinha jeito, então, ele descontava o ódio que ele tinha de tá de repente em um relacionamento que ele não queria e que ele não tinha coragem de ir embora, ele descontava em mim.

32:46 (Susana) – Nesse início assim, você chegou a pedir ajuda pra alguém ou você ficava...

32:50 (Depoimento 1) – Não, não pedi. Nunca pedi. Minha família ficou sabendo quando meu terceiro filho nasceu.

32:59 (Susana) – Teve um momento que você falou que fugiu, acho que foi no momento que você foi pra casa da sua irmã.

33:03 (Depoimento 1) – Sim, sim.

33:04 (Susana) – Como que foi que você fugiu? Como foi esse processo pra conseguir fugir, já que ele te vigiava o tempo todo.

33:11 (Depoimento 1) – A gente morava na fazenda, meu filho já tava com 7 meses mais ou menos eee ele mexia com gado e a minha irmã tinha ido, foi a primeira vez que eu falei pra minha irmã sobre as agressões, mas eu não contei detalhes, eu só falei que eu sofria agressões e ele não tava em casa e aí a minha irmã me tirou de casa.

33:39 (Susana) – Você falou que a sua família nunca percebeu as agressões?

33:43 (Depoimento 1) – Não, porque assim, ééé toda vez que ele me batia, a princípio que eu ficava com hematomas, eu ficava semanas, meses sem vê-los. As minhas idas a casa da minha irmã, era sempre ao lado dele.

34:04 (Susana) – E você também falou que tinha medo. Esse medo, fala assim um pouco do medo, de todos os medos que você tinha assim em relação a situação que você vivia, em relação a ele, tudo assim, tudo que você puder falar.

34:19 (Depoimento 1) – Eu tinha medo de morrer, eu tinha medo que ele matasse em um dos surtos dele que ele matasse as crianças. Eu tinha medo de perder meus filhos, porque ele usava muito isso, ele falava que tiraria as crianças de mim. Eu tinha medo disso eee eu tinha medo, **34:45** a presença dele dentro de casa me causava um pânico e eu sabia que quando ele

saía, quando ele voltasse, ele ia voltar descontrolado, então, estava sempre em alerta, sempre em pânico.

35:00 (Susana) – Você chegou a me contar quando a gente começou a conversar que teve um episódio em que, eu não sei se foi também que você tentou fugir, eu não lembro direito que você passou a, deu a chave pro vizinho fazer uma cópia.

35:11 (Depoimento 1) – Sim, eu já morava aqui em Ribeirão Preto.

35:14 (Susana) – Conta um pouco desse dia, como que foi que aconteceu.

35:18 (Depoimento 1) – Meu filho tinha, meu filho mais velho tinha 1 ano e 4 meses, foi assim que a gente voltou, eu voltei com ele, eu já tava grávida e o vizinho, era um casal de idosos e eles ouviam as agressões, eles ouviam os gritos e um dia um senhor, por cima do, do muro falou pra mim "olha, quando ele dormir pega a chave dele, sem ele ver e me dá que eu vou fazer uma cópia. Você coloca a chave num lugar e você foge" e eu fiz isso, eu dei ooo, a chave do portão pra ele, um bolo de chave, ele fez a cópia da chave e me deu, eu consegui fugir, nessa época eu consegui sair de casa, mas, era sempre a mesma coisa, ele sempre me buscava e eu sempre tinha medo e eu voltava.

36:25 (Susana) – Teve algum vizinho em alguma situação que chamaram a polícia ou nunca chamaram?

36:29 (Depoimento 1) – Não! Nunca chamaram a polícia.

36:44 (Susana) – Teve um episódio também que você me contou quando a gente começou a conversar que acho que ele passou o carro em cima de você uma vez.

36:53 (Depoimento 1) – Uma vez com a caminhonete.

36:54 (Susana) – É, na caminhonete eee você falou que quando ele chegou no hospital, perguntaram pra ele o que tinha acontecido e ele falou que você era louca, alguma coisa assim.

37:02 (Depoimento 1) – Não, não. É quando, ééé depois de 3 dias que eu estava já com as pernas muito inchadas, não, eu não tive fratura, mas, enfim, não sei. Ele me levou pro hospital e quando, só que ele não entrou e ele, os médicos perguntaram pra mim o que tinha acontecido, eu disse que eu tinha caído. Óbvio que não acreditaram, por conta das marcas dos pneus, enfim, eee aí eu acabei, eu falei o que tinha acontecido, mas ééé eles só poderiam fazer alguma coisa se eu fizesse um boletim de ocorrência e eu não fiz o boletim de ocorrência **37:43** e todas às vezes que ele me agredia, que os vizinhos batiam no portão, ele falava que eu era louca, "não, tá tudo bem, ela é louca", "ela faz ééé tratamento, ela usa remédio contínuo, hoje ela não tomou, ela tá descontrolada".

38:00 (Susana) – Teve a partes das pessoas que você falou que eu acho que você começou a trabalhar e você não tinha nem coragem de olhar pras pessoas.

38:07 (Depoimento 1) – Não.

38:08 (Susana) – Você percebia olhares das pessoas?

38:10 (Depoimento 1) – Sim, percebia.

38:11 (Susana) – Como que era?

38:12 (Depoimento 1) – Ééé principalmente quando eu tinha alguma lesão, que eu tava machucada, as pessoas olhavam ééé eu sentia que algumas, na verdade, elas sabiam o que tava acontecendo... Ééé o fato deu não conversar, deu não interagir, de ser sempre o básico ali, fazer o meu trabalho eee e não participar de reunião nenhuma, não falar da minha vida pra ninguém, ééé sempre de cabeça baixa, nunca cumprimentava de pegar na mão, de dar beijo no rosto, nunca! E isso chamava a atenção e as pessoas olhavam, algumas eu acredito que tinham ééé aquela coisa de querer chegar e perguntar, de oferecer uma ajuda, de falar alguma coisa, mas não tinham coragem, porque eu não dava abertura também, enfim.

39:25 (Susana) – Por que você acha que ele não deixava você trabalhar? Era medo de você se socializar, contar pra alguém?

39:31 (Depoimento 1) – Eu acho que ele tinha muito medo de ser traído. Eu acho que ele tinha muito medo de, de repente eu conhecer alguém, eu começar a contar minha história, eu não sei o que passava na cabeça dele, o que passa na cabeça dele, mas, ééé era uma posse, eu era uma posse dele e eu tinha que fazer o que ele queria e ele não queria que eu trabalhasse.

39:59 (Susana) – Você falou também que teve, entrou em depressão, uma depressão profunda, você conseguiu sair totalmente dessa depressão?

40:06 (Depoimento 1) – Não, não.

40:08 (Susana) – Tudo isso se deve a tudo que você passou?

40:10 (Depoimento 1) – Sim, sim.

40:20 (Susana) – No momento que você foi pro médico que ele passou na sua perna, ééé você teve vontade de se separar dele?

40:30 (Depoimento 1) – Eu sempre tinha, eu sempre tinha. Mas, eu não tinha coragem, eu tinha medo.

40:41 (Susana) – Como que você se sentia nesses momentos assim que ele te agredia?

40:48 (Depoimento 1) – Um lixo.

40:56 (Susana) – Você tem noção mais ou menos depois de quanto tempo sua família descobriu que você era agredida?

41:04 (Depoimento 1) – Depois de 11 anos de casada... Aproximadamente... Que foi quando... Não, aproximadamente depois de 8, 9 anos que foi quando eu estava grávida do meu terceiro filho que eu tive que fazer a cirurgia pra reconstrução do maxilar né, do nariz, enfim, e que meu filho nasceu prematuro... Depois disso ainda fiquei mais 9 anos casada com ele.

41:49 (Susana) – Você falou ééé que seu filho saiu de casa como que foi pra você quando ele, ele saiu de casa? Porque é, você se sente culpada até hoje por esse fato? Por que ele fez você escolher entre ele e o pai dele, isso faz você se sentir culpada? Você acha que acabou gerando um distanciamento entre vocês?

42:11 (Depoimento 1) – Me sinto muito culpada, o distanciamento hoje não é tão grande. Hoje, a gente tem mais contato, a gente é mais amigo, mas, ele tem uma mágoa muito grande... De naquele momento, naquele momento ele não entendia, hoje ele entende, mas, naquele momento ele não entendia porque eu tava escolhendo ééé viver aquilo, aquele inferno todo que eu vivia e eu não saia de casa.

42:41 (Susana) – Você também falou que devido a síndrome do seu filho, ele teve que fazer uma cirurgia, mas aí ele foi bater em você e seu filho entrou e acabou que ele teve que refazer a cirurgia. Os médicos chegaram a questionar?

42:53 (Depoimento 1) – A questionar sim, sim.

42:55 (Susana) – E você continuou mentindo?

42:57 (Depoimento 1) – Eu mentia.

42:59 (Susana) – Você também tinha me contado da professora de psicologia, senão me engano foi de psicologia.

43:03 (Depoimento 1) – Psicologia, sim, de faculdade.

43:05 (Susana) – Foi ela que começou a te ajudar no processo de entender que o que você passava não era normal, é isso?

43:11 (Depoimento 1) – Sim. Ééé começou, na verdade, com o meu filho, com esse professor de história dele.

43:15 (Susana) – Conta um pouco desse processo do professor de história e dessa parte da professora de psicologia, fazendo favor.

43:22 (Depoimento 1) – Tá. Eu tinha começado a fazer pedagogia, já era formada em filosofia, nunca tinha atuado na área, só, só como estagiária eee eu comecei a fazer pedagogia eee eu não me enturmava, eu não me enturmava, eu tava sempre muito quieta e ela falava muito sobre isso, sobre violência doméstica eee eu nunca palpitava, eu nunca falava nada, isso foi chamando a atenção dela. Eu nunca fazia trabalho em grupo... Eu ficava sem nota, mas eu

não fazia trabalho em grupo, porque ele não me deixava fazer. Ele me levava e ele me buscava na faculdade eee ela começou a conversar comigo, ela começou a me abordar, bem discretamente, perguntar da minha vida, dos meus filhos... E eu comecei a contar, comecei a falar um pouquinho do que tava acontecendo... Não falava tudo, não contava como de fato acontecia eee ela foi me incentivando, me dando forças, me ofereceu tratamento psicológico na época, **44:43** só que antes ééé o professor de história do meu filho já conversava muito com ele, porque meu filho já era muito, muito consciente, meu filho já, já tinha essa coisa do, da não agressão, eu lembro muito do meu filho falando pra ele "você não sabe que o mais forte tem que proteger o mais fraco? Você não faz isso."... **45:10** Eee esse professor começou a falar ééé com meu filho, como que meu filho podia me ajudar, o que meu filho podia me falar, o que meu filho poderia me mostrar "olha, leva esse livro pra ela ler", "leva essa matéria pra ela ler", "seu pai não deixa ela ler? Mas, ela pode ler escondido", "você pode ler pra ela" e o meu processo de eu acredito que de me fortalecer se deu a isso primeiro, com o professor de história dele e depois com a minha professora de psicologia.

45:49 (Susana) – Você também tinha contado pra mim que logo assim, no processo de separação teve alguma parte que os advogados, não lembro direito o que foi que eles falaram, aaa acho que da denúncia, eles não queriam que você fizesse a denúncia.

46:04 (Depoimento 1) – Advogada dele ééé foi estabelecido um valor que ele tinha que dar ao meu filho, uma pensão, e ele começou a ratear, pleitear é pra abaixar esse valor que ele falava que ele não tinha condições, que ele não tinha condições e aí eu aceitei um valor menor e na hora de assinar o acordo, a advogada dele falou, a advogada falou assim "ahhh agora só falta você assinar pra retirar queixa da Maria da Penha" e eu falei "não. Eu não vou retirar".

46:44 (Susana) – E por que você acha que não consegue mais, assim, você fala que é muito difícil pra você se inserir na sociedade, por que você acha que é tão difícil isso?

46:55 (Depoimento 1) – Eu me sinto muito segura hoje entre aspas dentro da sala de aula... Ali eu me sinto segura... Com as crianças ééé adulto pra mim é como, é ameaça.

47:12 (Susana) – Você acha então é aquela coisa de que a criança tem a inocência e o adulto tem maldade.

47:18 (Depoimento 1) – Sim, sim.

47:33 (Susana) – Teve algum momento que você falou eu vou denunciar ele? Como foi esse momento? Teve alguma coisa que aconteceu que você falou assim "agora é a hora"?

47:43 (Depoimento 1) – Denunciar, denunciar mesmo foi quando ééé eu fui pro hospital, porque aí eles tinham que fazer a denúncia que se tratava de uma criança que tava na UTI,

enfim, tinha que, que, aí eu fiz a denúncia, as policias, os policiais foram até o hospital e aí eu fiz a minha primeira denúncia.

48:05 (Susana) – E aí depois você fez outras denúncias então?

48:07 (Depoimento 1) – Sim, depois eu fiz outras denúncias. Eu acho que no total eu fiz 3... 3 ou 4 boletins de ocorrência.

48:18 (Susana) – Pensando em você e nas outras mulheres, por que você acha que algumas demoram tanto pra denunciar e outras, às vezes, nem denunciam?

48:29 (Depoimento 1) – É muito difícil quem está em um relacionamento abusivo entender e ter força e saber que ela pode conseguir sair daquilo, que ela pode criar seus filhos. A primeira coisa que vem na cabeça de uma mãe "como que eu vou criar meus filhos?", eu imagino assim, eu tinha uma formação, eu poderia trabalhar, eu, eu, eu procuro me pôr no lugar de quem não tem uma formação, de quem o mercado de trabalho não vai acolher tão bem eee a dependência, a gente cria uma dependência psicológica, a gente acredita que tudo aquilo que tá acontecendo é culpa da gente. Você fica se perguntando o tempo todo "por que eu desagradei ele?", "nossa! Isso irritou ele. Por que eu fiz isso?", "ahhh, mas eu coloquei uma bermuda que ele não gostou. Ahhh, mas a culpa é minha, eu não devia ter colocado essa bermuda. Eu sei que ele não gosta." e sair disso é muito difícil.

49:39 Você se olhar como um ser individual, você se olhar como, como uma mulher, você é uma mulher, você não é posse de ninguém, ele não é seu dono, ele não tem o direito de te agredir, ele não tem o direito de te violentar. Você conseguir entender isso, uma vez que você, no meu caso, fui criada dentro de uma família tradicional, que casamento não existia separação, na minha família não existia separação, não existia divórcio, eram todos falando amém para os seus maridos, as mulheres eram submissas, sempre foi, na família dele era assim. O pai dele agredia a mãe dele.

50:23 (Susana) – Você falou de família, pai, mãe, eu lembro que você também falou pra mim da mãe dele que teve uma vez que aconteceu alguma coisa e ela te falou que era normal. Conta um pouco desse episódio.

50:32 (Depoimento 1) – Sim, porque pra ele, pra ela ainda é normal. Eu não tenho contato com ela, mas ééé pra ela é normal você ser submissa, você apanhar do marido quando você faz algo que, algo errado, pra ela é normal e ela chegou a falar pra mim várias vezes "não, mas é assim mesmo. Com o tempo passa. Vai melhorar... Você é muito nova, você ainda não entende".

51:10 (Susana) – Você acha que um dia vai conseguir superar tudo isso que você viveu?

51:15 (Depoimento 1) – Não.

51:19 (Susana) – Você e seus filhos conversam sobre essa questão de violência?

51:22 (Depoimento 1) – Muito, muito, muito.

51:24 (Susana) – Como você tenta abordar esse assunto com eles?

51:26 (Depoimento 1) – A gente fala abertamente, hoje eu consigo falar com meus filhos abertamente sobre violência.

51:32 (Susana) – Antes de você conseguir se separar dele você conversar sobre violência com eles ou não?

51:38 (Depoimento 1) – Não, não conversava.

51:43 (Susana) – E o que você espera assim do seu futuro? Profissão, um sonho que você tenha, projeto, alguma coisa assim.

51:52 (Depoimento 1) – Eu não tenho grandes sonhos ou algo assim. O que eu quero é que meus filhos, hoje eles tão na faculdade, o mais velho termina agora faz administração, o do meio tá terminando história também eee eu quero que eles sejam felizes. Eu, na verdade, eu quero que isso não marque a vida deles como de repente talvez tenha marcado a vida do pai ver a mãe sofrer abuso. Ééé meus filhos passaram um tempo por psicólogo, depois que eu entendi o que tava acontecendo, que eu entendi o mal que eu tava fazendo pra eles. Eles passaram um tempo por psicólogo, o mais novo ainda passa... Eee... **52:45** Eu não vejo assim, eu não, eu quero trabalhar, eu quero trabalhar, não ter medo... Hoje ele foi condenado, não tá preso, óbvio! Ééé cumpre medida ééé eu não sei falar, acho que ele dá cesta básica, alguma coisa assim, ele não pode se aproximar de mim, mas, ainda tenho medo. **53:13** Eu quero, o meu sonho... É poder andar sem ter medo... É sair na rua, sem ter medo, é abrir o meu portão, como eu faço todos os dias de manhã, é um ritual. Primeiro eu olho nas câmeras, pra ver senão tem ninguém na frente da minha casa, eu abro meu portão, olho pra cima, olho pra baixo e saio. Eu quero um dia poder não fazer isso... Ser automático, ser normal como é pra toda mulher, pra, pra todos.

Decupagem de imagens

1° Dia (29/07/19) – Depoimento 2 (sem identificação a pedido da entrevistada)

CÂMERA MÓVEL

ARQUIVO – C0002

01:02 – Imagem dos pés até a mão.

02:57 – Rosto da mulher embaçado.

03:17 – Da boca as mãos da mulher imagem embaçada.

03:18 – Mulher cruza as penas e apoia as mãos na cadeira.

03:45 – Mulher passa a mão na perna.

03:57 – Mulher encosta a mão no peito.

04:29 – Mulher com as mãos cruzadas e depois abre as mãos.

05:28 – Imagem embaçada do pescoço aos pés.

06:23 e 09:55 – Rosto da mulher de perfil.

06:54 – Foco nos pés da mulher.

07:51 e 08:06 – Mulher de costas.

10:26 e 17:40 – Uma mão em cima da outra.

10:36 – Câmera vai das pernas ao ombro da mulher.

11:11 – Detalhes da metade do rosto da mulher.

11:56 – Um polegar passando no outro.

12:10 – Mulher chorando.

13:49 – Detalhes do brinco da mulher.

15:58 – Pés balançando.

16:40 – Braços cruzados.

18:25 – Mulher gesticula com as mãos.

19:54 – Câmera vai da boca até os pés da mulher.

21:25 – Plano médio na mulher.

25:18 – Respiração mais profunda.

25:23 – Mulher aberta a boca.

25:29 – Mulher dá um leve sorriso.

26:46 – Rosto da mulher de perfil chorando.

28:20 – Leve sorriso da mulher de perfil.

28:40 – Detalhes do cabelo da mulher.

ARQUIVO – C0003

00:26 – Plano geral da mulher

03:12 – Detalhes da boca da mulher.

06:36 – Detalhes de frente de algumas partes do rosto da mulher.

10:36 – Mulher passa a mão no pescoço.

11:04 – Mulher gesticula com as mãos.

12:05 – Trepadeiras no muro.

ARQUIVO – C0004

00:01 – Detalhes da rosa aberta.

00:18 – Rosa entre os espinhos.

00:29 – Plano detalhe na rosa aberta.

00:37 – Rosa ao lado dos espinhos.

ARQUIVO – C0005

00:04 – Plano detalhe da rosa meio tombada.

ARQUIVO – C0006

00:04 – Mão da mulher passando pela grade.

ARQUIVO – C0007

00:08 – Mão da mulher passa pelas plantas e grade.

00:15 – Mão da mulher passa pela grade e depois a imagem vai para rosa que está entre os espinhos.

ARQUIVO – C0008

00:03 – Mão da mulher passa rápido pela grade, perto da rosa que está entre os espinhos.

00:14 – Mão da mulher passa devagar pela grade, perto da rosa que está entre os espinhos.

ARQUIVO – C0009

00:02 – Mulher pega a rosa entre os espinhos.

00:10 – Espinhos.

ARQUIVO – C0010

00:02 e 00:20 – Mulher passa com a rosa pela grade.

ARQUIVO – C0011

00:01 – Imagem do sol entre o buraco da grade.

00:10 – Arame farpado.

ARQUIVO – C0013

00:02 – Mulher mais perto da grade passando com a rosa na mão.

ARQUIVO – C0014

00:01 – Mulher mais perto da grade passando com a rosa na mão.

ARQUIVO – C0015

00:02 – Mulher perto da grade, segurando a rosa perto do peito.

00:09 – Detalhes da mão da mulher segurando a rosa, perto da grade.

ARQUIVO – C0016

00:01 e 00:16 – Imagem focada na rosa e depois vai se afastando, até mostrar a mulher segurando a rosa entre as grades.

ARQUIVO – C0017

00:01 – Mulher segura a grade com a mão direita.

ARQUIVO – C0018

00:01 e 00:16 – Mulher segura na grade com as duas mãos, mas na sua mão direta segura a grade com a rosa.

00:25 – Detalhes da mão direita da mulher segurando a grade com a rosa.

00:32 – Imagem virada da mulher segurando a rosa com a mão na grade.

ARQUIVO – C0019

00:06 – Plano médio da mulher segurando a grade com a rosa na mão direita e a imagem vai se afastando.

ARQUIVO – C0020

00:01 – Plano detalhe da mão da mulher.

00:14 – Detalhes da mão da mulher segurando a rosa.

00:15 – Imagem vai das mãos da mulher até a rosa.

00:20 – Imagem vai da rosa até as mãos da mulher.

ARQUIVO – C0021

00:06 – Mulher segurando a rosa e o sol reflete na rosa.

00:07 – Imagem desce da rosa e vai até as mãos da mulher.

00:15 – Imagem vai das mãos da mulher até a rosa.

00:36 – Imagem da rosa de cima na mão da mulher.

00:52 – Detalhes da mulher segurando a rosa, enquanto o sol reflete.

01:10 – Mulher tremendo com a rosa na mão.

ARQUIVO – C0022

00:04 – Mulher segurando a rosa perto do peito, sem ter a grade.

2° Dia (05/08/19) – Elza Alves de Lima

CÂMERA MÓVEL

ARQUIVO – 00015

00:48 – Expressão séria da Elza.

ARQUIVO – 00016

02:00 – Mostra apenas a boca da Elza conversando.

02:41 – Elza de frente e a rosa atrás dela.

02:57 – Elza de frente desfocada e a rosa atrás dela em foco.

04:20 – Foco na mão da Elza perto da planta.

06:27 – Foco no rosto de Elza.

07:16 – Vasos de plantas.

07:35 – Plantas balançando com o vento.

09:22 – Elza desfocada e o fundo em foco.

09:54 – Elza fazendo a simulação da agressão com o guarda-chuva.

10:02 – Mãos de Elza apoiadas nas pernas.

ARQUIVO – 00017

00:32 – Rosa inteira em foco e Elza em desfoque.

01:17 – Elza olhando para baixo.

01:38 – Elza fazendo sinal de negação com a cabeça.

02:38 – Elza em desfoque e plantas do seu lado em foco.

04:03 – Cachorro se esfregando na Elza.

04:33 – Rosto da Elza está meio de perfil.

05:07 – Elza mostra onde foi o soco que levou no nariz.

07:13 – Cachorro olhando para câmera.

07:20 – Cachorro olhando para câmera com a cabeça baixa.

07:27 – Cachorro querendo carinho da Elza.

08:04 – Cachorro olhando para câmera por cima da mão da Elza.

08:47 – Imagem embaçada das árvores e do céu.

08:55 – Água da chuva no chão.

09:44 – Vaso de planta perto da água da chuva.

ARQUIVO – 00018

00:53 – Elza com a cabeça baixa em desfoque e a rosa inteira atrás em foco.

01:22 – Parte do cabelo da Elza em desfoque e somente a parte de cima da rosa em foco.

03:16 – Câmera de baixo para cima na Elza.

03:54 – Foco apenas no rosto da Elza com a câmera de baixo para cima.

03:58 – Elza pensativa.

04:12 – Folhas das palmeiras em foco e rosto da Elza em desfoque.

ARQUIVO – 00019

01:56 – Elza em desfoque e água no chão em foco.

02:12 – Elza de perfil.

03:41 – Flores rosas em foco e Elza em desfoque.

07:22 – Cachorro deitado do lado de Elza.

07:29 – Foco na mão direita de Elza.

08:03 – Elza sorrindo.

ARQUIVO – 00020

01:21 – Elza de perfil.

02:03 e 08:45 – Elza sorrindo.

02:14 – Cachorro anda até o portão, para e olha para trás.

05:35 – Elza de costas e aparece apenas uma parte do rosto dela.

ARQUIVO – 00021

01:48 – Câmera vai se aproximando do rosto de Elza.

06:27 – Elza em desfoque e uma parte da rosa em foco atrás da Elza.

08:46 e 09:30 – Elza sorrindo.

IMAGENS

ARQUIVO – 00014

00:03 – Plano detalhe na rosa molhada com gotas de chuva.

01:02 – Imagem inteira da rosa molhada com gotas de chuva.

ARQUIVO – C0033

00:29 – Elza na cozinha lavando a louça.

00:53 – Pó de café e jarra com água.

00:56 – Elza saindo de dentro de casa para cuidar da rosa.

01:24 – Elza preparando o pó de café para jogar na rosa.

01:30 – Elza jogando pó de café no pé da roseira.

01:45 – Elza pegando pétalas de rosa para jogar no pé da roseira como se fosse adubo.

ARQUIV0 – C0034

00:02 – Elza pegando pétalas de rosa para jogar no pé da roseira como se fosse adubo.

00:08 – Elza joga as pétalas de rosa no pé da roseira.

ARQUIVO – C0035

00:12 – Elza segurando uma rosa que está brotando.

00:51 – Rosa meio machucada.

00:58 e 01:25 – Plano detalhe na rosa.

ARQUIVO – C0036

00:20 e 00:28 – Rosa escondida no meio de outras plantas.

ARQUIVO – C0037

00:10 – Rosa escondida no meio de outras plantas.

00:29 – Foco nas folhas verdes e desfoque na rosa.

ARQUIVO – C0038

00:12 – Rosa escondida no meio de outras plantas.

ARQUIVO – C0040

00:03 – Rosas feitas de material reciclado na parede.

ARQUIVO – C0041

00:02 – Detalhes da rosa feita de material reciclado na parede.

ARQUIVO – C0042

00:04 – Detalhes da rosa vermelha feita de material reciclado na parede.

00:19 – Detalhes da rosa amarela feita de material reciclado na parede.

00:31 – Detalhes da rosa preta e laranja feita de material reciclado na parede.

00:45 – Plano detalhe na rosa preta.

ARQUIVO – C0043

00:10 – Reflexo no espelho da Elza olhando para rosa.

00:17, 00:32 e 00:48 – Elza cheirando a rosa.

00:58 e 01:17 – Reflexo no espelho da Elza cheirando a rosa.

ARQUIVO – C0044

00:04 – Elza segurando a rosa de frente.

00:33 – Elza sorrindo com a rosa na mão.

ARQUIVO – C0045

00:21 – Elza segurando a rosa perto de duas bonecas.

ARQUIVO – C0046

00:03 – Elza colocando a mão nas bonecas.

00:24 – Bonecas de pano.

ARQUIVO – C0048

00:03 – Elza caminhando até a sacada.

ARQUIVO – C0049

00:08 – Elza segurando a rosa na sacada.

00:28 – Detalhes da Elza segurando a rosa.

00:38 – Imagens da Elza com a rosa e a vista da sacada.

ARQUIVO – C0050

00:03 – Imagens de dentro do quarto da Elza na sacada com a rosa.

ARQUIVO – C0051

00:01 – Detalhes da Elza segurando a rosa dentro do quarto fechado.

ARQUIVO – C0055

00:01 – Elza dentro do quarto escuro com a rosa.

00:03 – Elza abre a porta do quarto com a rosa na mão e vai até a sacada.

00:10 – Elza admira a paisagem da sacada.

ARQUIVO – C0057

00:11 – Elza aponta para o escrito "violência doméstica" do boletim de ocorrência.

00:26 – Elza folheia o boletim de ocorrência.

ARQUIVO – C0058

00:06 – Elza falando sobre o boletim de ocorrência que foi arquivado.

3° Dia (09/08/19) – Roberta Saltori

ARQUIVO – 00000

00:24 – Foco no rosto da Roberta.

ARQUIVO – 00002

00:44 – Foco no rosto da Roberta.

02:49 – Roberta sorrindo.

04:39 – Câmera mais distante do rosto de Roberta.

06:21 – Roberta concorda com a cabeça.

07:58 – Rosa perto do banco e do lado da Roberta.

09:52 – Mãos da Roberta gesticulando perto da rosa.

ARQUIVO – 00003

00:13 – Imagem de cima para baixo, aparece um pouco o rosto da Roberta e a rosa no banco.

00:41 – Expressão séria da Roberta de perfil.

02:01 – Sol refletindo na rosa que está no banco.

02:14 – Câmera vai da rosa até o rosto de Roberta.

03:23 – Roberta fecha o olho por alguns segundos.

ARQUIVO – 00004

01:10 – Câmera mais distante da Roberta.

2:01 – Sol refletindo no cabelo de Roberta.

02:07 – Câmera vai do cabelo até o rosto de Roberta.

02:58 – Roberta de perfil e o sol refletindo no seu cabelo.

03:22 – Roberta de frente e o sol refletindo em todo seu cabelo.

03:55, 04:31 e 09:49 – Detalhes das mãos de Roberta gesticulando e a rosa do lado.

04:42 – Detalhes da rosa entre a Roberta e uma outra planta, com o sol refletindo nela.

06:24 – Imagem da grama embaçada.

07:33 – Detalhes da Roberta e do gramado ao seu lado.

ARQUIVO – 00005

00:28 – Roberta mostra na sua mão onde era o dedo da mão afundado do seu ex-parceiro.

01:36 – Detalhes da Roberta e do jardim ao fundo.

ARQUIVO – 00006

01:45 – Imagem vai do tronco da árvore até a Roberta.

01:53 – Rosto da Roberta em desfoque.

03:04 – Câmera de baixo para cima no rosto da Roberta e com algumas plantas aparecendo.

03:55 e 04:23 – Rosto da Roberta entre as madeiras do banco.

04:50 – Raios de sol na Roberta.

06:26 e 07:23 – Rosto de Roberta entre das plantas.

07:28 – Roberta mostra a forma como prendia seu cabelo.

08:08 – Rosto da Roberta de perfil.

ARQUIVO – 00007

02:26 – Foco no rosto de Roberta.

IMAGENS

ARQUIVO – C0026

00:06 – Roberta faz carinho na rosa.

00:58 e 01:24 – Roberta cheira a rosa.

ARQUIVO – C0027

00:03 – Roberta segurando a rosa perto do peito.

00:10 e 00:29 – Câmera vai se aproximando da rosa que a Roberta está segurando perto do peito.

00:22 – Câmera vai se afastando da rosa que a Roberta está segurando perto do peito.

ARQUIVO – C0028

00:05 – Roberta anda e segura a rosa de ponta cabeça na sua mão.

ARQUIVO – C0029

00:13 – Roberta de frente anda e segura a rosa de ponta cabeça na sua mão.

ARQUIVO – C0031

00:03 – Roberta pega a rosa e sai andando.

ARQUIVO – C0032

00:04 – Roberta pega a rosa e sai andando.

ARQUIVO – C0033

00:08 e 00:32 – Câmera vai descendo e mostrando a rosa com os espinhos na mão da Roberta.

00:19 – Câmera vai subindo e mostrando os espinhos da rosa até chegar na mão de Roberta.

ARQUIVO – C0034

00:04 – Roberta anda com a rosa na mão.

ARQUIVO – C0035

00:04 e 00:29 – Foco na trepadeira e o sol refletindo nela.

ARQUIVO – C0036

00:04 – Câmera passa em volta da trepadeira.

ARQUIVO – C0037

00:25 – Raios de sol na trepadeira.

ARQUIVO – C0038

00:23 – Formiga passando pela planta.

00:33, 00:38 e 00:44 – Câmera passa pela trepadeira enquanto o sol reflete nela.

ARQUIVO – C0039

00:02 – Sol entre os troncos da árvore.

4º Dia (27/08/19) – Depoimento 1 (sem identificação a pedido da entrevistada)

CÂMERA MÓVEL

ARQUIVO – 00000

00:55 – Detalhes das mãos cruzadas da mulher.

01:33 – Metade do rosto da mulher.

01:46 – Rosto da mulher de frente.

02:30 e 03:21 – Rosa sozinha.

03:06 – Mulher de lado, detalhes do seu cabelo e a rosa aparecendo.

04:00 – Detalhes do cabelo da mulher.

04:49 – Plano detalhe nas pétalas de rosa.

05:46 – Detalhes do cabelo da mulher e da rosa.

07:08 – Plano médio na mulher com a rosa ao seu lado.

08:10 – Plano médio na mulher de frente com a rosa ao seu lado.

08:15 – Foco no rosto da mulher.

08:32 – Mulher aberta as mãos.

09:12 – Rosa com metade sombra e metade luz.

10:15 – Câmera próxima ao rosto da mulher.

10:42 – Rosa com pouca luz.

ARQUIVO – 00001

01:09 – Detalhes do braço e das mãos da mulher.

01:43 – Mulher começa a chorar e leva a mão na boca.

02:29 – Mulher fica encostando um polegar no outro.

02:47 – Braço da mulher arrepiado.

03:49 – Nariz da mulher de perfil e a rosa fica como se estive encostando nele.

04:29 – Mulher de perfil em foco e rosa em desfoque.

ARQUIVO – 00002

00:28 – Detalhes da orelha e do cabelo da mulher.

07:29 – Rosto da mulher de perfil, detalhes do cabelo dela e detalhes da rosa ao lado.

ARQUIVO – 00003

00:37 e 01:27 – Cabelo da mulher em foco e rosa em desfoque.

00:52 – Cabelo da mulher em desfoque e rosa em foco.

01:06 – Foco na rosa e na luz que reflete nela.

02:10 – Câmera de baixo para cima no cabelo da mulher e na rosa.

02:28 e 02:57 – Câmera vai dos espinhos até a rosa.

02:38 – Câmera vai da rosa aos espinhos e para no cachepô em que a rosa está.

04:47 – Mulher esfrega uma mão na outra.

05:03 – Pé da mulher e garrafa de água escrito “ama”.

09:13 – Foco na luz que reflete na rosa e desfoque no cabelo da mulher.

11:12 – Mulher fica se mexendo na cadeira.

ARQUIVO – 00004

03:25 – Rosto da mulher de frente.

07:20 – Rosa com pouca luz e a luz fica nas costas da mulher.

09:56 – Foco na rosa com pouca luz e desfoque na mulher de costas.

IMAGENS

ARQUIVO – 00005

00:05 e 00:07 – Mulher segurando a rosa no peito, sem mostrar o rosto.

00:12 – Câmera está focada na rosa e depois vai descendo até chegar na mão da mulher.

00:16 – Câmera vai da mão da mulher até a rosa.

ARQUIVO – 00006

00:12 – Rosa de lado, perto do peito da mulher.

00:39 – Rosa vista de cima.

ARQUIVO – 00008

00:04 – Mulher levanta e deixa a rosa na cadeira.

5° Dia (13/09/19) – Captação de imagens

ARQUIVO – C0007

00:01 – Imagem parada de um corredor com prateleiras de livros.

ARQUIVO – C0009

00:07 – Olhando os livros nas prateleiras.

00:44 – Olhando os livros com certa distância.

ARQUIVO – C0010

00:04 – Livro "História" está destacado em relação aos outros livros. (Vertical)

ARQUIVO – C0011

00:03 – Livro "História" está destacado em relação aos outros livros. (Está na horizontal e depois fica na vertical)

ARQUIVO – C0014 / C0015 / C00017

00:01 – Mulher pega um livro na prateleira.

ARQUIVO – C0018 / C0019

00:04 – Câmera passa pelos corredores da biblioteca.

ARQUIVO – C0024

00:02 – Procurando por livros e a mulher pega um livro.

ARQUIVO – C0026 / C0027 / C0028

00:01 – Passando perto dos livros nas prateleiras.

ARQUIVO – C0029

00:01 – Imagem vai e volta nos livros.

ARQUIVO – C0030 / C0031 / C0032

00:22 / 00:13 / 00:34 – Toalha cai sobre o abajur.

ARQUIVO – C0036

00:30 – Imagem vai se aproximando do abajur.

00:45 – Imagem vai de afastando do abajur.

ARQUIVO – C0037 / ARQUIVO C0038

00:04 – Mulher acende e apaga o abajur.

ARQUIVO – C0042

00:01 e 00:28 – Mulher destranca o portão.

ARQUIVO – C0043

00:03 – Mulher puxa a corrente do portão.

ARQUIVO – C0045 / C0046

00:13 / 00:08 – Mulher consegue destrancar o portão, tirar a corrente e sair correndo.

ARQUIVO – C0058 / C0059 / C0061

00:05 / 00:01 / 00:11 – Mulher faz carinho na rosa e passa a mão pelos espinhos.

ARQUIVO – C0062

00:56 – Mulher faz carinho na rosa, passa a mão pelos espinhos e furo um dos dedos no espinho.

ARQUIVO – C0066

00:03 – Mulher de olhos fechados passa a rosa no seu rosto.

ARQUIVO – C0067

00:17 e 00:41 – Mulher segurando a rosa e só aparece sua boca de fundo.

00:47 – Imagem da mulher segurando a rosa fica nítida e embaçada.

ARQUIVO – C0068 / C0071

00:16 / 00:01 – Mulher fura o dedo no espinho.

ARQUIVO – C0072

00:19 – Homem enche o copo de bebida e leva até a boca.

ARQUIVO – C0074

00:01 e 00:11 – Homem coloca o copo de bebida em cima da mesa.

ARQUIVO – C0075

00:04 – Homem cheira a bebida e depois toma.

ARQUIVO – C0076

00:03 – Garrafa de bebida e o copo com a bebida.

ARQUIVO – C0078

00:02, 00:11, 00:16 e 00:23 – Homem pega no cabo da vassoura com força.

ARQUIVO – C0079

00:03 – Câmera vai e volta na rosa, aparece muita luz e depois a luz fica baixa atrás da rosa.

6° Dia (14/09/19) – Captação de imagem

ARQUIVO – C0080

00:01 – Imagem do teatro Pedro II.

ARQUIVO – C0081

00:03 – Sacada do teatro Pedro II e depois vai abrindo a imagem.

00:13 – Escrito “Teatro Pedro II”

00:21 e 00:27 – Janela do teatro Pedro II e depois vai abrindo a imagem.

00:34 – Imagem vai do teatro Pedro II até no céu.

ARQUIVO – C0082

00:02 – Escrito “Teatro Pedro II”.

ARQUIVO – C0083

00:01 – Imagem vai descendo da janela do teatro Pedro II até a sacada.

ARQUIVO – C0084

00:01 – Bandeira do Brasil.

ARQUIVO – C0085

00:01 – Bandeira do Brasil balançando com o vento.

00:11 – Desfoque na bandeira do Brasil.

00:30 – Pessoas andando no calçadão em desfoque.

ARQUIVO – C0086

00:01 – Casal com uma criança.

ARQUIVO – C0087

00:01 – Bandeira de Ribeirão Preto balançando.

00:05 – Bandeira de Ribeirão Preto em desfoque.

ARQUIVO – C0088

00:09 – Mulher caminhando com duas crianças.

ARQUIVO – C0089

00:01 – Mulher caminhando com duas crianças, só que mais longe.

ARQUIVO – C0090

00:01 – Relógio está em 09:50h e vai até às 10h.

ARQUIVO – C0091

00:01 – Imagens do calçadão.

ARQUIVO – C0092

00:09 – Poste de luz e o céu no fundo.

ARQUIVO – C0094

00:01 – Imagens de prédios.

ARQUIVO – C0095

00:07 – Mulher varrendo o calçadão.

ARQUIVO – C0096

00:01 e 00:23 – Moço dançando no meio do calçadão.

ARQUIVO – C0097

00:01 – Homem caminhando e segurando duas crianças no colo.

ARQUIVO – C0098

00:01 – Homem entre as pessoas tocando saxofone.

ARQUIVO – C0099

00:06 – Família caminhando com três crianças.

ARQUIVO – C0100

00:06 – Homem tocando saxofone.

ARQUIVO – C0101 / C0102

00:01 – Pessoas indo e vindo no calçadão.

ARQUIVO – C0103

00:01 – Homem caminhando com três crianças de mãos dadas.

ARQUIVO – C0104

00:01 – Homem tocando saxofone de costas.

ARQUIVO – C0105

00:01 – Moça grávida caminhando em direção à câmera.

ARQUIVO – C0106

00:01 – Bolinhas de sabão.

ARQUIVO – C0107

00:01 – Imagem dos pés das pessoas caminhando no calçadão.

ARQUIVO – C0110

00:02 – Imagem em desfoque das pessoas perto da loja.

00:12 – Crianças brincando com as bolinhas de sabão.

ARQUIVO – C0111

00:01 – Cachorro caminhando pelo calçadão.

ARQUIVO – C0112

00:09 – Barriga de uma grávida.

ARQUIVO – C0113

00:01 – Caminhando pelo calçadão.

ARQUIVO – C0114

00:01 – Imagem do rosto das pessoas caminhando pelo calçadão.

01:12 – Imagem vai do céu até as pessoas no calçadão.

ARQUIVO – C0115

00:01 – Mulher grávida com o marido e o filho.

00:19 – Mulher grávida entra com a família na loja.

ARQUIVO – C0116

00:01 – Jovem fantasiada com uma roupa azul.

ARQUIVO – C0118

00:02 e 00:16 – Imagens das pessoas no calçadão em desfoque.

00:12 – Imagens das pessoas no calçadão com foco.

00:22 – Árvore em desfoque.

ARQUIVO – C0121

00:06 – Caminhando pelo calçadão.

ARQUIVO – C0122

00:19 – Homem sentando com a cabeça baixa e o som do saxofone de fundo.

ARQUIVO – C0123

00:06 – Indivíduo fantasiado de robô no calçadão.

00:28 – Rapaz tenta fazer uma selfie com o robô.

ARQUIVO – C0124

00:02 – Estátuas.

ARQUIVO – C0126

00:20 – Mulher grávida caminhando na frente da câmera.

ARQUIVO – C0127

00:01 – Menininho dá um dinheiro para o robô e tira uma foto com ele.

00:16 – Menininho toca faz um toque na mão com o robô.

00:21 – Robô faz um leve carinho no menininho.

ARQUIVO – C0128

00:01 – Menininha caminhando com o ursinho de pelúcia, Sansão.

00:10 – Menininha vai brincar com o robô.

ARQUIVO – C0129

00:01 e 00:17 – Mulher caminhando com três meninas.

ARQUIVO – C0130 / C0131

00:01 – Mulher caminhando com três meninas.

ARQUIVO – C0132

00:01 – Praça do calçadão.

ARQUIVO – C0133

00:05 – Família caminhando pela praça e a menininha está no cangote do pai.

ARQUIVO – C0134

00:02 – Prédio pichado.

ARQUIVO – C0135

00:01 – Plano detalhe no arame farpado.

00:18 e 00:25 – Arame farpado.

ARQUIVO – C0136

00:01 – Escrito “Hospital Ribeirania”.

ARQUIVO – C0138

00:01, 00:14, 00:18, 00:39 e 00:44 – Desfoque no escrito “Hospital”.

00:05, 00:41 e 00:48 – Escrito “Hospital”.

ARQUIVO – C0139

00:05 e 00:12 – Escrito “Entrada Hospital Ribeirania”.

ARQUIVO – C0140

00:01 – Delegacia da Mulher.

00:12 e 00:15 – Identificação da delegacia da mulher.

ARQUIVO – C0141

00:02 – Delegacia da Mulher.

ARQUIVO – C0142

00:02 – Escrito “delegacia da mulher” entre as plantas.

ARQUIVO – C0142

00:04 – Escrito “delegacia da mulher” entre as plantas está em desfoque.

00:07 – Escrito “delegacia da mulher” entre as plantas.

ANEXOS

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Elza Alves de Lima, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Duzama Karen de Oliveira Rosa, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: do documentário Rosa e respinho e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortez Martelli

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 05 de Agosto de 2019.

Assinatura: E Lima

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título da Pesquisa:	Rezadeira e benzedeira
Pesquisador Responsável:	Luciana Karen de Oliveira Ribeiro
Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável:	Unaerp
Telefones para contato:	16 98102 5275
Nome do voluntário:	Elza Alves de Lima
Cargo:	
Empresa:	
Idade:	58
R.G.	12540579 0

O Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "Rezadeira e benzedeira", de responsabilidade do(s) pesquisador(res) Luciana K. O. Ribeiro.

A entrevista será gravada em equipamento de gravação de voz digital, a entrevista será inteiramente transcrita, mas para efeitos de análise no desenvolvimento do trabalho serão utilizados apenas trechos devidamente identificados.

No trabalho final será preservado o nome do entrevistado, mas **não** a empresa ou cargo, fundamentais para garantir a seriedade do trabalho. (este item varia de pesquisa para pesquisa)

Os dados obtidos a partir dos sujeitos da pesquisa não poderão ser usados para outros fins que os não previstos no protocolo e/ou no consentimento.

O termo de consentimento livre e esclarecido obedecerá aos seguintes requisitos:
a) ser elaborado pelo pesquisador responsável, expressando o cumprimento de cada uma das exigências acima;
b) ser assinado ou identificado por impressão dactiloscópica, por todos e cada um dos sujeitos da pesquisa ou por seus representantes legais; e
c) ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador.

Eu, Elza Alves de Lima, RG nº 12540579 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Ribeirão Preto, 05 de Agosto de 2019

Elza Alves de Lima — Nome e ass. do entrevistado ou seu responsável legal

Luciana K. O. Ribeiro — Nome e ass.do responsável por obter o consentimento

M. Guerreiro
Testemunha

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, **eu**, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO,** entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE,** entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO:** Roça e vaquinha desenvolvido pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO – UNAERP,** a ser veiculado, primeiramente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO e pela FUNDAÇÃO EDUARDO LEE,** ou ainda destinados à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, 05 de agosto de 2019.

Assinatura: Elza alves de Lima

Nome: ELZA ALVES DE LIMA

End.: Rua Dante Senno, 76

CPF: 009342668 24

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Roberta Saltori, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Susanna Karen de Oliveira Soares, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: do documentário Rosas e espinhos e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortez Martelli

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 09 de Agosto de 2019.

Assinatura: Roberta Saltori

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título da Pesquisa:	Rosana e vasinhos
Pesquisador Responsável:	Luana Karen de Oliveira Ribeiro
Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável:	Unaerp
Telefones para contato:	(16) 99607-4495
Nome do voluntário:	Roberto Saltori
Cargo:	
Empresa:	
Idade:	29
R.G.	46.320.391-4

O Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "Rosana e vasinhos", de responsabilidade do(s) pesquisador(res) Luana K. O. Ribeiro.

A entrevista será gravada em equipamento de gravação de voz digital, a entrevista será inteiramente transcrita, mas para efeitos de análise no desenvolvimento do trabalho serão utilizados apenas trechos devidamente identificados.

No trabalho final será preservado o nome do entrevistado, mas **não** a empresa ou cargo, fundamentais para garantir a seriedade do trabalho. (este item varia de pesquisa para pesquisa)

Os dados obtidos a partir dos sujeitos da pesquisa não poderão ser usados para outros fins que os não previstos no protocolo e/ou no consentimento.

O termo de consentimento livre e esclarecido obedecerá aos seguintes requisitos:
a) ser elaborado pelo pesquisador responsável, expressando o cumprimento de cada uma das exigências acima;
b) ser assinado ou identificado por impressão dactiloscópica, por todos e cada um dos sujeitos da pesquisa ou por seus representantes legais; e
c) ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador.

Eu, Roberto Saltori, RG nº 46.320.391-4 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Ribeirão Preto, 09 de Agosto de 2019

Roberto Saltori
Nome e ass. do entrevistado ou seu responsável legal

Luana K. O. Ribeiro
Nome e ass.do responsável por obter o consentimento

M. Guerreiro
Testemunha

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, **eu**, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO,** entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE,** entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO:** Rosa e companhia desenvolvido pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO – UNAERP,** a ser veiculado, primeiramente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO e pela FUNDAÇÃO EDUARDO LEE,** ou ainda destinados à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, 9 de agosto de 2019.

Assinatura: Roberta Saltan

Nome: Roberta Saltan

End.: Manoel Lopes Vellido, 500, ap 26.

CPF: 402.224.058-05

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Natayslla Silva Garcia, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Susana Karen de Oliveira Soares, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: dos documentários Pessoa e vaquinha e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Gláucia Cortez Martelli

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 13 de Setembro de 2019.

Assinatura: _____

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título da Pesquisa:	Rosana e vaqinha
Pesquisador Responsável:	Susana Karen de Oliveira Soares
Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável:	Unaerp
Telefones para contato:	(16) 99276 0065
Nome do voluntário:	Natayllla Silva Garcia
Cargo:	
Empresa:	
Idade:	21 anos
R.G.	41.789.659-1

O Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "Rosana e vaqinha", de responsabilidade do(s) pesquisador(res) Susana K. O. Soares.

A entrevista será gravada em equipamento de gravação de voz digital, a entrevista será inteiramente transcrita, mas para efeitos de análise no desenvolvimento do trabalho serão utilizados apenas trechos devidamente identificados.

No trabalho final será preservado o nome do entrevistado, mas **não** a empresa ou cargo, fundamentais para garantir a seriedade do trabalho. (este item varia de pesquisa para pesquisa)

Os dados obtidos a partir dos sujeitos da pesquisa não poderão ser usados para outros fins que os não previstos no protocolo e/ou no consentimento.

O termo de consentimento livre e esclarecido obedecerá aos seguintes requisitos:
a) ser elaborado pelo pesquisador responsável, expressando o cumprimento de cada uma das exigências acima;
b) ser assinado ou identificado por impressão dactiloscópica, por todos e cada um dos sujeitos da pesquisa ou por seus representantes legais; e
c) ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador.

Eu, Natayllla Silva Garcia, RG nº 41.789.659-1 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Ribeirão Preto, 13 de setembro de 2019

Nome e ass. do entrevistado ou seu responsável legal

Susana K. O. Soares
Nome e ass.do responsável por obter o consentimento

M Guerreiro
Testemunha

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, **eu**, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO,** entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE,** entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO:** Rosana e vasinha desenvolvido pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO – UNAERP,** a ser veiculado, primeiramente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO e pela FUNDAÇÃO EDUARDO LEE,** ou ainda destinados à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, 13 de setembro de 2019.

Assinatura: _____

Nome: Natayalla Silva Garcia

End.: Rua José Antônio Neto, 241

CPF: 453.397.888-32

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Newmar Martins da Silva, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Luana Karen de Oliveira Moreira, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: de documentário Roda e vaquinha e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortez Martelli

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 13 de setembro de 2019.

Assinatura: Newmar M. Silva

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título da Pesquisa:	Rodada de respinha
Pesquisador Responsável:	Luana Karen de Oliveira Ribeiro
Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável:	Unaerp
Telefones para contato:	16 99103-3133
Nome do voluntário:	Newmar Martins da Silva
Cargo:	
Empresa:	
Idade:	37
R.G.	40923967-7 SP

O Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "Rodada de respinha", de responsabilidade do(s) pesquisador(res) Luana K. O. Ribeiro.

A entrevista será gravada em equipamento de gravação de voz digital, a entrevista será inteiramente transcrita, mas para efeitos de análise no desenvolvimento do trabalho serão utilizados apenas trechos devidamente identificados.

No trabalho final será preservado o nome do entrevistado, mas **não** a empresa ou cargo, fundamentais para garantir a seriedade do trabalho. (este item varia de pesquisa para pesquisa)

Os dados obtidos a partir dos sujeitos da pesquisa não poderão ser usados para outros fins que os não previstos no protocolo e/ou no consentimento.

O termo de consentimento livre e esclarecido obedecerá aos seguintes requisitos:
a) ser elaborado pelo pesquisador responsável, expressando o cumprimento de cada uma das exigências acima;
b) ser assinado ou identificado por impressão dactiloscópica, por todos e cada um dos sujeitos da pesquisa ou por seus representantes legais; e
c) ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador.

Eu, Newmar Martins da Silva, RG nº 40923967-7 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Ribeirão Preto, 13 de Setembro de 2019

Newmar M. Silva — Nome e ass. do entrevistado ou seu responsável legal

Luana K. O. Ribeiro — Nome e ass.do responsável por obter o consentimento

Testemunha

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, **eu**, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO,** entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE,** entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO:** Rebeca e Leopinhata desenvolvido pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO – UNAERP,** a ser veiculado, primeiramente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO e pela FUNDAÇÃO EDUARDO LEE,** ou ainda destinados à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, 13 de setembro de 2019.

Assinatura: Newmar M. Silva

Nome: Newmar Martins da Silva

End.: R. Itapira, 523, Jd. Paulista

CPF: 223 978 818-61